

Ademar de Barros Filho:

# BATALHA DA COZINHA, NOSSO GRANDE PERIGO.

O herdeiro do ademarismo fala do custo de vida, cada vez mais angustiante, e adverte as classes dirigentes.

Páginas 3 e 4

Futebol

Página 19



O Corinthians perde outro título e seu presidente é visto delirando



Diretor-Editorial: SAMUEL WAINER

SÃO PAULO

Jornal semanal a serviço da cidade. Circula as quintas-feiras.

Ano 1 • Número 4 • São Paulo, de 4 a 10 de dezembro de 1975 • Cr\$ 5,00

Cidade

Página 12



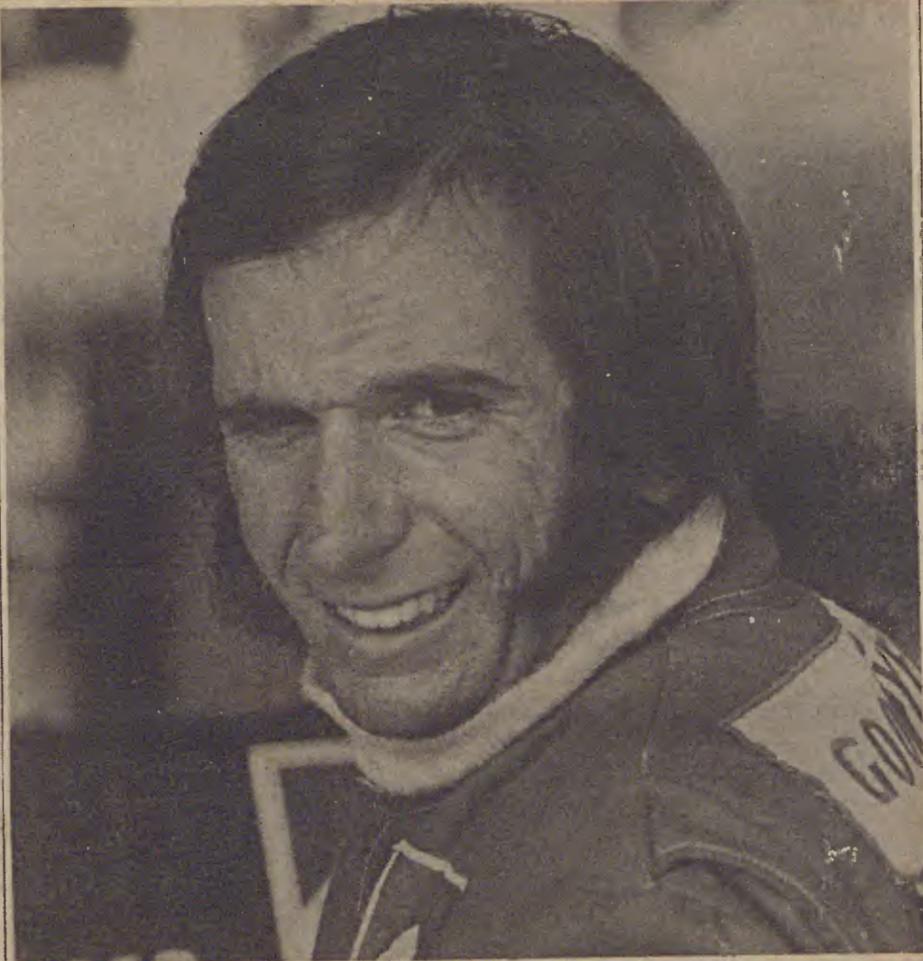
São Paulo recebe de volta um símbolo do tamanho da sua pressa

## O rock brasileiro descobre o Brasil



Um rock apoiado na cultura brasileira, com o ritmo das guitarras marcado por tamborins e com letras voltadas para a América Latina: o rock and samba nasce no Teatro Bandeirantes e nas págs. 10 e 11.

## Emerson Fittipaldi: patriota ou mercenário?



Confuso, meio escondido, Emerson embarcou novamente para a Europa, onde ele continua sendo criticado por ter trocado a poderosa McLaren pela Copersucar. Suas razões, pág. 8.

SUMÁRIO

MEIO-AMBIENTE

Falamos muito da poluição provocada pela riqueza, esquecidos da poluição mais perigosa: a da pobreza... 5

DINHEIRO

O governo tenta solucionar a crise no sistema de open market. Mas, o que estava realmente acontecendo?... 13

POLÍTICA

O que revela o balanço de um ano de atividades da Assembléia paulista, sob o domínio do MDB... 14

PESQUISA

O que pensa o habitante desta cidade sobre os seus serviços: trânsito, saúde, poluição, etc... 17

ANO 2.000

Agora faltam 1.256 semanas. O que fazer para tornar nossa cidade viável, no fim do século?... 20

DANIEL MÃS

No seu estilo irreverente de sempre ele fala de gente importante... 22

A SEU SERVIÇO

Começa com restaurantes o roteiro que lhe dirá o que fazer, o que comprar e onde divertir-se... 30

SAMUEL WAINER

Nossa definição: por São Paulo.

Este jornal precisa definir-se — eis o conselho e algumas vezes até mesmo a advertência que o AQUI recebeu de amigos e simples interessados, aparentemente, no mais rápido êxito do primeiro semanário paulista com as características do nosso.

Definir-se, em que? Editorialmente, AQUI é, antes de mais nada, um jornal de serviços e de orientação ao consumidor. Em segundo plano, na sua pauta, entra o comportamento da cidade e de seus habitantes — em cuja defesa o AQUI se colocou intransigentemente, a partir do seu primeiro número. Graficamente, é um tablóide, impresso em off-set, com 36 páginas de texto fixo.

Que espécie de definição, portanto, é esta que nos está sendo exigida? Não é difícil descobri-la. É a chamada definição política.

A idéia de um jornal semanal, aberto às diversas correntes e tendências que formam o novo pensamento dirigente de São Paulo, esta é uma con-

cepção que parece fora do tempo e do espaço, mesmo porque, por definição política, nossos bons amigos e conselheiros querem naturalmente que adotemos uma posição radical, uma linha extremada, seja de que lado for, mas que seja extremada.

E óbvio que nada disso nos impressionou, salvo como exemplo de um estado de espírito de certas camadas intelectuais e profissionais que vinculam o êxito de sua atividade criadora à aceitação, aprovação ou não, de engajamentos arbitrários e que muitas vezes nada mais são do que a expressão de núcleos minoritários e sem maior expressão na vida da comunidade.

Embora ainda nos seus primeiros e incipientes passos, AQUI se recusa à busca do êxito fácil. E por isso prossegue na pesquisa, no estudo, na prospecção de sua fórmula jornalística, cujo ineditismo é sua maior força. Acorrentar-se a esta ou aquela concepção setária e estéril nada tem a ver com nosso

objetivo que é o de nos vincularmos à nova São Paulo que aí está, cheia de vida e aspirações. E não será, certamente, pela rota das radicalizações que lá chegaremos mais rapidamente. Já nos bastam as Biafras sociais de que falou o prefeito Olavo Setúbal. Pois, mais negativas ainda do que estas, são as Biafras políticas, oriundas sempre da radicalização e das pressões dos extremismos.

Não precisamos ir muito longe para saber aonde esta radicalização nos conduziria. Aqui mesmo nas ruas de São Paulo, cruzam-se hoje centenas de refugiados dos ódios políticos, radicais e sociais que, no Ocidente e no Oriente, estão empurrando a humanidade para a sua auto-destruição.

AQUI permanecerá, pois, onde esteve sempre: oferecendo como o melhor serviço aos seus leitores a informação mais livre, a interpretação mais isenta, a análise mais objetiva dos fatos, do comportamento e das áreas de consumo material e cultural de São Paulo.

ESCOLHA AQUI

Não perca tempo: estas são as melhores sugestões para a semana

Espectáculos



Foi uma lenta travessia. E sem nenhuma pressa, como determinam os irremovíveis mandamentos mineiros. Aos 33 anos, 8 de carreira e apenas 9 discos (incluindo-se 2 álbuns duplos e 2 LPs nos EUA), eternamente aclamado pela crítica, incensado entre os músicos, Milton Nascimento é ídolo. Seus recentes espetáculos já não comportam pequenos teatros, frequentados por acólitos fiéis, como aconteceu no Gigantinho, em Porto Alegre, no MAM e Mourisco no Rio e em seu último show, realizado no Canecão com outros dois super-estrelas, Caetano Veloso e Chico Buarque. Por isso mesmo, os dois únicos shows em São Paulo, programados para este fim de semana, se realizarão no amplo recinto do Palácio das Convenções do Anhembi. Simultâneo ao lançamento de seu novo LP, "Minas" (fusão das duas primeiras sílabas de seu nome), o espetáculo tem íntima relação com o disco. E, nesse caso, pode-se antecipar seu clima: uma fantástica viagem às paisagens mineiras, percorrida em canções de insólita harmonia e cortantes versos. Memórias e sentimentos de uma Minas revisitada, passados a limpo por sua voz seca e afiada: "Descobri que minha arma é o que a memória guarda/dos tempos da Panair", diz em

Conversando no Bar. Certezas de um artista arredo mais persistente, avesso a modas e mitos, porém, coerente mesmo diante das mais adversas circunstâncias. Ou, melhor, de quem tem fé cega e faça amolada, título de uma de suas novas músicas, de versos alusivos: "Agora não pergunto mais pra onde vai a estrada/ agora não espero mais aquela madrugada/vai ser vai ter de ser o brilho cego de paixão e fé faça amolada". (Milton se apresenta com Beto Guedes e o conjunto Som Imaginário; sábado e domingo).

Teatro

Para enfrentar a indiferença, ou o esquecimento, ou a distância dos espectadores ante os primeiros sinais do Natal, as hostes teatrais lançaram mão de um recurso diferente. Repetindo uma estratégia bem sucedida no ano passado, o Serviço Nacional de Teatro — SNT e a Associação dos Produtores de Espectáculos Teatrais de São Paulo estão, a partir desta semana, promovendo a venda de ingressos a preços populares (Cr\$ 10,00). Uma prática louvável, benéfica a todas as camadas da população, embora efêmera. E que além de incluir um cartel completo (todos os 21 espetáculos atualmente em cartaz estão incluídos na promoção) ainda permite um luxo que nem os habitués normalmente possuem: adquirir os ingressos em kombis estacionadas nos pontos-chaves da cidade. Vale, contudo, lembrar: nem todas as peças merecem ser assistidas (em caso de dúvida, consulte nossa página de espetáculos).

Cinema

Apesar da notoriedade de seu diretor, o italiano Giuliano Montaldo, "Deus Está Conosco" (Gott Mitt Uns) permanece inédito em São Paulo, três anos após seu lançamento no Rio. Afinal Montaldo é o realizador do controverso "Sacco e Vanzetti", épico político

sobre a tragédia dos dois anarquistas — atualmente fora de cartaz dos cinemas brasileiros por motivos alheios à sua vontade. Este seu ensaio (anterior) sobre dois desertores de guerra alemães justifica plenamente a expectativa criada em seu redor.

Sem expectativas, mas também de indiscutível qualidade, é "Este Crime Chamado Justiça" de Dino Risi e novamente com Vittorio Gassman. Se "Perfume de Mulher", outro filme da dupla em cartaz, invade contundente a humanística e a metafísica, este mantém-se na pênsil fronteira entre a justiça e o poder, disputados por um juiz inflexível e um industrial milionário acusado por um assassinato. Como se pode notar, trata-se, efetivamente, de uma semana à italiana. Sem licenciosidades picantes ou dólares furados.

Televisão



Ao subverter a teoria de Darwin — o homem descende do macaco — a novela "Monkey Planet", de Pierre Boule, imaginava uma comunidade de símios inteligentes, vivendo na Terra quase dois mil anos depois da destruição do planeta e da civilização humana pelas armas nucleares. No cinema, com Charlton Heston no papel de um dos astronautas, "O Planeta dos Macacos" alcançou o sucesso necessário para que os produtores arriscassem novas sequências.

Agora, numa reciclagem especial para a TV (Rede Globo), os filmes foram reduzidos a uma hora de duração e os astronautas a apenas dois, interpretados por Ron Harper e James Naughton. Mas o grande destaque da série é a maquiagem criada por John Chambers (Oscar em 67, por seu trabalho para o primeiro filme). E que obriga os atores a uma imobilidade de até 3 horas e meia durante a sua preparação e alimentar-se somente através de canudinhos. Todo este empenho parece ter compensado a ousada subversão.

Restaurantes

Nada mais atraente para um paulistano, convenhamos, do que a reunião da gastronomia com a ecologia. Pois é exatamente o que possibilita o restaurante "Recreio Chácara Souza". Localizado no alto de Santana, dotado de um mini-zoológico e com uma vista belíssima, ele proporciona ainda o desfrute de um interessante passeio, no percurso que conduz até lá seus frequentadores. Ah, o restaurante propriamente, oferece um cardápio variado: de feijoada (no sábado) a pizzas. É preciso dizer algo mais?

Ar-livre

Se o sábado promete não causar problema, o domingo obrigará os esportistas mais fervorosos a uma delicada escolha. Ou, então, a uma agilidade sem par. No primeiro dia, a partir das 14:30 horas, será realizada na represa de Guarapiranga a primeira regata para velejadores de todas as classes. No domingo, em Interlagos, as provas finais do campeonato brasileiro das fórmulas Vê e Super-Vê começam às 11:30 horas. Em Guarapiranga, às 14 horas, impreterivelmente, é dada a partida para a regata final das disputas iniciadas no sábado.

**AQUI**  
**DIRETOR EDITORIAL**  
 Samuel Wainer  
**REDATOR CHEFE**  
 Múcio Borges da Fonseca  
**SECRETÁRIO**  
 Oséas de Carvalho  
**REDATORES PRINCIPAIS**  
 Fernando Morais, Takao Miyagui, Renato de Moraes, Daniel Mãs.  
**REDAÇÃO**  
 Olavo de Carvalho, Inês Knaut, Hamlet Paoletti, Antonio Carlos Fon, Leda Beck, Neide Riccosti.  
**FOTOGRAFIA**  
 J. Fernandes, Geraldo Guimarães, Sérgio Monte Alegre.  
**ARTE**  
 Rui Douglas Cattai (Chefe), Valdir de Oliveira.  
**COLABORADORES**  
 Abílio Pereira de Almeida, Walter Negrão, Roberto Santos, Ignácio de Loyola, J.C. Bitencourt, Joaquim Rodrigues Mathias, Joelmir Beting, Aparício Basílio da Silva, Lucila Simonsen Santos, Alberto Gambirazio, Edson Lobão, Jorge da Cunha Lima, João Werneck de Castro, Lucila Godoy, Martha Goes, Liba Frydman, Christina Hulten, A.C. Yasbek, Jean Perrier, Coca de Oliveira, Lucita Bicudo e Malu Maranhão.  
**PUBLICIDADE**  
 Jesus Costa Ourives, José Tadeu Foglia  
**RESPONSÁVEL**  
 Armando Gonçalves  
 AQUI São Paulo é uma publicação da Editora Swdale Ltda.  
**DIRETORES:**  
 Luis Carta,  
 Domingo Alzugaray,  
 Catia Alzugaray,  
 Samuel Wainer Filho.  
 Redação, Administração e Publicidade: Av. Paulista, 2.006 — 15º andar. Fone: 288-1133. Caixa Postal 1481, Endereço Telegráfico: "Swdale", Código Postal 01310, São Paulo.  
 SP Rio de Janeiro: Av. Almirante Barroso, 63 — Grupo 517 — tel: 232-7352. Distribuição Exclusiva: Fernando Chinaglia Distribuidora S/A., Rua Teodoro da Silva, 907. Fone: 268-9112. Rio de Janeiro, RJ. Composto e impresso na PAT — Publicações e Assistência Técnica Ltda., Rua Dr. Virgílio de Carvalho Pinto, 412. São Paulo, SP.



## Ademar de Barros Filho a Samuel Wainer:

# EM 78, QUEM GANHAR LEVA



Ademar de Barros Filho, secretário da Administração e deputado federal mais votado pela Arena paulista, assumiu a herança paterna e desponta como um dos sucessores ao governo de Egidio.

Apesar de defender, por ora, o bipartidarismo, é com orgulho que Ademar de Barros Filho fala do velho ex-PSP, um partido que "seria hoje viável, por suas profundas raízes populares"

## Este é o herdeiro de um dos últimos mitos do populismo

*Num país sem dinastias políticas, a imagem daquele homem tranquilo e bem educado, cabelos grisalhos, menos de 50 anos, falando pausado e claro, pensamento organizado e contínuo, em suma, um homem que mostra saber o que diz, transmite ao repórter a sensação de que, pelo menos no campo do chamado "ademarismo", a tradição dinástica está assegurada.*

*Em muitas de nossas reuniões políticas, diz Ademar de Barros Filho, encontro não só ademaristas de segunda geração e até de terceira. E isto me orgulha e me surpreende.*

*— Já existe uma terceira geração ademarista?*

*— Sim, já existe. Os mais jovens já estão surgindo em nossas fileiras.*

*E, com esta afirmação, assegurando uma continuidade político-partidária de um movimento criado e encarnado especificamente por um homem, Ademar de Barros Filho faz lembrar a cada momento a imagem de seu pai. A voz menos fanhosa, as frases mais requintadas, os gestos mais contidos, mas a mesma inteligência rápida e maliciosa, a mesma comunicação espontânea e natural. E tudo isso com a vanta-*

*gem de uma outra herança, a do sorriso mais bondoso de São Paulo, o sorriso de Dona Leonor. O que assegura a Ademar de Barros Filho um largo caminho para uma das mais promissoras carreiras públicas da atual geração dirigente de São Paulo.*

*E foi assim que, depois de haver participado de uma ou de outra forma da longa jornada política de Ademar de Barros, o repórter que o entrevistara pela primeira vez nos anos finais da década dos 30, quando foi indicado por Getúlio Vargas interventor em S. Paulo, está agora frente à frente com o seu herdeiro político, atual secretário de Administração do Governo Paulo Egidio, um dos prováveis nomes à sua sucessão, colhendo para AQUI o seu terceiro depoimento político, depois dos de Arrobas Martins e Olavo Setúbal. E como seus companheiros de equipe governamental, que o antecederam nesses depoimentos sobre a atualidade paulista e nacional, Ademar de Barros Filho falou sem relutâncias e com surpreendente franqueza. Pelo menos nesse ponto a equipe de Paulo Egidio revela uma independência de pensamento que é, sem dúvida, uma das melhores provas do espírito democrático de sua infra-estrutura oficial.*

**SAMUEL WAINER** — A presença e ação do "ademarismo" na vida política e administrativa de São Paulo não sofreu solução de continuidade, nem mesmo após o afastamento de Ademar de Barros do Governo. Ora, o "ademarismo" foi muito mais a expressão de uma liderança carismática, muito mais um estado de espírito, um produto de uma época muito melhor definido na famosa exclamação de Ademar — "O Brasil precisa de um gerente" — do que numa doutrina ou teoria política. A sua presença no governo Paulo Egidio é em função de uma herança política ou é expressão da própria força eleitoral do expesepismo?

**ADEMAR DE BARROS FILHO** — Em relação a meu pai, sinto-me de uma certa forma o seguidor, que recebeu parte como herança, mas parte como inspiração nele. Sinto a responsabilidade de milhares de correligionários e, mais do que isso, de amigos, que continuam seguidores fiéis dos princípios ademaristas. É claro que nosso movimento está hoje atualizado, mesmo porque os tempos são outros, o quadro político é completamente diferente, mas com muita consciência da responsabilidade que envolve a todos nós pelo que foi feito no passado, pelo que foi feito há onze anos atrás em 64, pelo que deve e precisa ser feito hoje.

**SW** — É um fato incontestável a influência e atuação do ademarismo em São Paulo...

**ABF** — Sim, é um fato inegável. A maioria, diria eu a você, quase que absoluta, integra-se na ARENA. Uma pequena minoria, mais pelas dissensões naturais de um partido como o nosso, agasalha-se no MDB. Assim, na estrutura do atual governo de S. Paulo você encontra um elenco de companheiros nossos de primeira e segunda geração e de melhor

qualidade. Dessa forma, nós, seguindo o espírito da velha herança ademarista, formamos com o governador do Estado uma mistura talvez um pouco heterogênea, mas plenamente consciente de nossa responsabilidade comum.

(Até este ponto da entrevista, o repórter não conseguiu encontrar uma razão objetiva para o fato de sempre se referir ao expesepismo como "ademarismo" e não como PSP. Mas, Ademar de Barros Filho não parece dar muita importância a essas definições aparentemente conflitantes.)

**SW** — Mas, secretário, essa consciência de responsabilidade comum, deve estar conduzindo à busca de soluções comuns. Ora, a crise política em evolução indica que haverá inevitavelmente alterações no seu processo.

**ABF** — Sim, tais alterações fazem parte de um todo do processo.

**SW** — E qual será a participação do ademarismo nessa próxima etapa, por exemplo, no que se refere às eleições de 1976? Sente-se que algo vai estalar na nossa estrutura política em consequência do que as urnas definirem nas eleições municipais. Filosoficamente, o ademarismo já está definido em relação a essa projeção do próximo futuro?

**ABF** — Nossa participação é necessária, porque a nossa vocação que é fruto do passado — de que você tem o registro histórico, porque foi seu testemunho emana daquilo que mais caracterizou a ação de Ademar de Barros, a consulta periódica às bases populares do eleitorado. Prá ganhar ou prá perder. Era a sequência da participação que caracterizava o homem de formação e de definitiva liderança democrática. Então, hoje, o que nós procuramos é a convalidação, pelo voto

Continua na Pág. 4

**“O custo de vida pode devorar a todos nós”**

popular, do acerto ou das falhas da política vigente. E ela nos irá balisar se o caminho deve ser mantido ou se o caminho deve ser modificado. E nesse sentido grande parte — ou a maior parte — da herança que nos legou Ademar de Barros é essa consulta permanente. E quando ela não se realiza, nós pagamos por isso.

**SW — Sim, mas já são mais do que obvios certos movimentos tendentes a evitar ou protelar essa consulta eleitoral, sob a alegação de que ela poderia trazer imprevistos que poriam em risco o próprio processo democrático. E essa é uma contradição que faz parte hoje do nosso cotidiano político. Como conciliar, secretário, esta consulta às bases eleitorais e os riscos que eventualmente ela possa oferecer à própria Revolução?**

**ABF — Nós buscamos — e o governador Paulo Egydio o reafirmou várias vezes — uma fórmula política, um modelo político, que seria capaz de interpretar o futuro regime político brasileiro. Um regime capaz de dar soluções a nossos problemas, problemas que conhecemos e que têm sido periodicamente apontados. A pró-**



**“Nem que os militares quisessem, poderíamos abrir mão de sua presença”**

pria contradição apontada por você pouco antes, revela que temos que encontrar soluções, inclusive dentro da consulta às bases de nosso partido e, em consequência dela, ao nosso eleitorado, para manter ou para modificar o processo. Entendo que 76 será marco de uma transição em que as reformas na estrutura política terão que vir. Ou virão por sensibilidade nossa e previsão nossa, ou virão impostas por uma manifestação clara e definida do eleitorado brasileiro.

(Animal essencialmente político, Ademar de Barros Filho troca instantaneamente sua calma e auto-controle por uma veemência quase profética diante do apaixonante tema da próxima consulta eleitoral. E aí a herança paterna ressurgiu em toda a sua originalidade, pois poucos como Ademar Pai sabiam conquistar votos e ganhar eleições em São Paulo).

**ABF — Sim, 76 está próximo, está à nossa frente. Sinto em nossos companheiros muita preocupação quando se fala em termos de uma eventual derrota. Eu não creio em derrota da ARENA. Ela tem condições de se manter majoritária. O fator tempo nos dá condições de preencher com razoável acerto os anseios e reivindicações das grandes comunidades interioranas. Nossa grande batalha, entretanto, é o que podemos chamar a batalha da cozinha, é a batalha do custo de vida. É o velho problema que esse ano, ao contrário dos anos anteriores, tem se tornado seriamente difícil e pesado. As correções salariais têm preservado um poder aquisitivo de forma limitada. É nesse confronto que a ARENA corre o seu maior risco. Podemos ganhar a batalha das ruas com o grande elenco de realizações político-administrativas, mas teremos sérios problemas na batalha da cozinha. Porque o custo de vida está, realmente, sendo o grande drama, o drama de hoje, aqui, como em todo o mundo.**

**SW — Esse problema do custo de vida**

**explica a vitória emedebista nas últimas eleições, explica o caso individual de Orestes Quercia?**

**ABF — Não, o fenômeno Quercia foi fruto de uma conjuntura muito especial. O que ocorreu com ele teria ocorrido com qualquer elemento que tivesse pinta de galã e vivesse aquela conjuntura histórica. E pudesse representar naquele momento um determinado papel. Isso coube ao nosso novo senador. Faço votos para que ele esteja à altura da responsabilidade que sobre ele recaiu. Isso, só os fatos e o futuro é que irão também demonstrar. Mas não creio que o fenômeno se repita.**

**SW — Mesmo que o problema do custo de vida não consiga ser solucionado?**

**ABF — Sim, mesmo que o governo não consiga lhe dar solução. Esse problema será capaz de nos devorar a todos nós se não formos capazes de solucioná-lo. Esta é a minha maior preocupação. Não podemos caminhar para um processo de endividamento crescente, para uma perda de poder aquisitivo crescente, o que está levando à formação de camadas extremas, isto é, grupos cada vez mais ricos e mais pobres. E uma classe média desaparecendo aos poucos. Temos que encontrar solução para isso. Dentro desse contexto o problema do petróleo passou a ser uma imposição inevitável, dramática. O Brasil precisa de capital externo para continuar mantendo o seu enriquecimento, para manter seu nível de emprego, senão teremos problemas sociais ainda maiores ou mais sérios ainda. Há toda uma equação, com um elenco de variantes muito grande. E nós temos que controlá-las, que equacioná-las, para que o tão desejado modelo político possa realmente nascer.**

(A frequente referência ao novo modelo político que estaria sendo imposto pelos acontecimentos e seu relacionamento com uma liderança política nacional de que São Paulo teria que ser naturalmente investido, levou Ademar de Barros Filho a dar uma resposta que revela a unidade do pensamento político a equipe de Paulo Egydio).

**ABF — São Paulo não reivindica liderança política nacional. Eu diria que São Paulo está se destacando na busca de soluções políticas nacionais, talvez porque o nosso Estado sente sobre si o peso maior do desenvolvimento econômico.**

(Mas, dada esta resposta, que está na mesma linha das respostas dadas ao mesmo tema por Arrobas Martins e Olavo Setubal, já Ademar de Barros Filho não mostra a mesma unidade de pensamento quando o repórter procura associar a liderança



**“O ex-PSP seria hoje um partido viável: temos tudo para ressurgir”**

nacional de São Paulo à presença de lideranças individuais).

**SW — Mas, essa liderança que parece estar sendo imposta naturalmente à São Paulo, não estaria sendo retardada pela falta e ausência de líderes individuais, como o foram Ademar de Barros e Jânio Quadros. A falta de um líder nacional paulista, com repercussão eleitoral nacional, não seria uma das falhas no sistema que está impedindo a presença de São Paulo na vanguarda do movimento por um novo modelo político nacional?**

**ABF — Sim, está fazendo falta. Sabe, eu acredito que este foi um dos grandes pecados da Revolução. Destruídos os líderes, não se criaram condições para que surgissem outros, não houve renovação.**

**SW — A ansia de desmoralizar os políticos não acabou por desmoralizar a própria política?**

**ABF — Sim. Dizer que acabou o tempo dos caudilhos é uma frase literária muito bonita. Mas chamem-se caudilhos ou lideranças carismáticas, elas fazem falta. Ou elas surgem naturalmente ou emergem de um espírito de aventura, de uma crise. E, nesse caso, elas vão custar muito mais caro.**

(Takao Miyagui, companheiro de redação do repórter, presente à nossa entrevista, assume transitoriamente o comando da mesma e coloca duas perguntas altamente oportunas).

**TM — A que o senhor atribui essa permanência do mito Ademar de Barros na memória do povo. De onde vem essa força?**

**ABF — Seriam só os seus quase 30 e poucos anos de ação política? Não, eu diria que mais que o tempo seria a natureza da liderança, o estilo, a densidade desta**



**“Só o voto popular pode validar ou condenar o nosso sistema político”**

liderança. Acho que poucos homens se comunicaram com o povo como ele. Ele exercia não apenas uma liderança política, era muito mais do que isso.

**SW — É, uma liderança política só não basta...**

**ABF — De um modo ou de outro, não basta. Ele tinha todos os traços de uma liderança carismática, mas de uma densidade incomum. Estou no meu terceiro mandato federal. Em Brasília, que é assim uma espécie de esquina nacional, encontro conterrâneos do Amazonas ao Rio Grande do Sul, amigos de todos os Estados, todos contando episódios, dizendo que o haviam conhecido, manifestando por ele um comovido interesse permanente.**

**TM — E, neste caso, o senhor acredita que o PSP seria hoje um partido viável?**

**ABF — Perfeitamente. Se nós tivéssemos no bojo das eventuais alterações de novos partidos, o nosso grupo teria condições de renascer como partido. Acho que o tempo se encarregou de modificar muita coisa. Mas a profundidade e densidade com que o grupo foi forjado, principalmente a luta comum que todos vivemos, criou condições de permanência que me surpreendem por encontrá-los presentes hoje e poder constatar que se hoje nós entendermos que seja necessário à Nação, o ressurgimento de nosso grupo político-partidário é possível. Temos lastro para isso.**

**SW — E há possibilidades de uma renovação com a criação de novos partidos?**

**ABF — Não, fora de cogitação. No momento o nosso compromisso é com a ARENA, com o presidente Geisel. Acho que uma reforma partidária faria agora mais mal do que bem.**

**SW — Mas, acredita, secretário, que se houver eleições normais em 78, leva quem ganha?**

**ABF — Claro. Dá exemplo a todos nós o fato de o próprio presidente Geisel reclamar constantemente o engajamento**

total de todos nós para alcançar a vitória nas próximas eleições.

**SW — Mas estas ondas continuam surgindo...**

**ABF — São pescadores de águas turvas.**

**TM — O senhor não acha que o MDB estaria mais enquadrado dentro do estilo e espírito do velho PSP, o senhor não sente uma identificação maior dos ademaristas com os emedebistas?**

**ABF — O ademarismo era uma expressão populista. E, populismo hoje, confesso a você, não vejo nem na ARENA, nem no MDB. Os dois partidos nasceram de estruturas artificiais. Estão nascendo dentro de uma vivência de vitórias e derrotas. E é isso que forma um partido. Veja o drama do MDB. Só porque teve uma grande vitória, vive o dia a dia de lutas internas e de disputas partidárias. Eles não estavam preparados para essa vitória.**

**SW — Sim, Secretário, tudo bem, mas como disse pouco antes, 76 está aí...**

**ABF — É verdade. O tempo é curto e isto dramatiza o processo.**

**SW — E a proposta feita por Arrobas Martins com a tese do Poder Moderador, como um novo diálogo e uma nova saída para a presença dos militares no poder?**

**ABF — O Arrobas é evidentemente um dos intelectuais melhor preparados para esse processo político. Como todos nós, ele se preocupa em encontrar uma solução política para os problemas brasileiros, para a nossa realidade. É uma tentativa. A tese do conselho moderador não é nova.**

Mas todos nós, militares e civis, somos igualmente responsáveis pelo que está ocorrendo em nosso País. Não vejo maior responsabilidade nestes ou naqueles. Dentre os militares que conheço e com quem mantenho contato, sinto a mesma forma de pensamento. Eu acho que somos todos co-responsáveis. E não podemos abrir mão da presença dos militares. Nessa altura, nem que eles o quisessem.

(A entrevista cronometrada para 45 minutos, entra na reta final. E, São Paulo, com seus apocalípticos dramas ecológicos não poderia fugir à nossa temática.)

**ABF — Os problemas de São Paulo acabarão por nos impor soluções — de uma ou de outra forma. O que não é possível é continuar assim. Estamos caminhando para uma megalópolis que vai nos engolir a todos. E esse não é objetivo de ninguém. Temos que encontrar uma solução, não meias soluções. A vida em São Paulo terá que ser mais difícil do**



**“Um dos erros da Revolução foi impedir o surgimento de novos líderes”**

que em outro lugar para que o brasileiro saia de São Paulo em vez de entrar aqui sem controle. Temos que criar impostos territoriais urbanos progressivos. Uma ofensiva fiscal poderá paralisar o avanço da megalópolis. Uma ofensiva tributária.

O gigantismo paulista exige medidas muito mais densas e sólidas do que simples iniciativas do Legislativo. E isso é de interesse nacional. Pois, aqui estou de acordo com o prefeito Setubal: se algo explodir no Brasil, explode primeiro em São Paulo.

JOELMIR BETING

# PAULISTA SÓ VÊ POLUIÇÃO NO "FUSCA" DO VIZINHO

A eliminação brusca dos poluentes químicos da água da cidade pode favorecer o aparecimento de surtos como o da cólera, que seria tão terrível quanto o da meningite. Triste conclusão: no ponto a que chegou São Paulo, a capital dos rios mortos e do céu opaco, até combater a poluição pode ser perigoso.

A poluição atmosférica da região metropolitana de São Paulo tem na fábrica e no automóvel seus agentes principais. Estou falando da poluição química do ar, a sucata pestilenta de gases de todos os tipos que elegeram Santo André campeã panamericana de céu sujo.

Mas nem só de poluição química vive o ar que respiramos. Há a poluição não menos odiosa dos componentes orgânicos, a poluição da poeira infestada de bactérias, micróbios e vírus, uns 5 bilhões de criaturas por metro cúbico. Quem duvidar, que conte.

A poluição orgânica do ar tem como agentes principais as ruas, estradas, bairros, vilas e terrenos baldios sem pavimentação ou qualquer espécie de cobertura. O que não é exclusividade da cidade grande. É privilégio ainda mais ostensivo da pequena cidade, sem asfalto. A poluição da poeira existe no Brasil desde a primeira missa.

Ora, combine-se a inexistência do asfalto com a ausência do esgoto sanitário e eis a água servida contaminada por dejetos humanos, por animais putrefatos e por emanções de fossa-negra. E tome na poeira aparentemente inocente um inimigo ainda mais letal que a fumaça do cano de escape e da chaminé da fábrica.

Da poluição química do ar, a poluição da riqueza, ainda posso me defender: fecho a janela e ligo o condicionador de ar — hoje presente em 18% das instalações de trabalho de escritório, mas em apenas 1 de cada 100 domicílios urbanos da Grande São Paulo.

Também posso dar um clic nesse inimigo deixando a Capital e repousando a carcaça nos fins-de-semana da praia, do campo e da casa da sogra em São Pedro dos Morrinhos. Mas da poluição orgânica do ar não tenho escapatória. Ela injeta no organismo humano um batalhão de bactérias predatórias que acompanha o homem no espaço e no tempo.

**Não dá tosse ou rouquidão. Mata.**

Mas ainda assim, a poluição atmosférica, química ou orgânica, perde a taça para a verdadeira poluição tupiniquim número um de uma macrocefalia urbana tipo São Paulo: a poluição orgânica da água, a poluição da pobreza. Cidade convertida em esgoto a céu aberto, esgoto parcialmente coletado e totalmente não tratado, os mananciais de água da região metropolitana fazem



Na opinião de 77 paulistanos em cada 100, poluição é fumaça. E fumaça do fusca do vizinho, não a do próprio.

o caldo de cultura da meningite, da hepatite, do tifo, da esquistossomose, das viroses e das verminoses de todas as marcas e procedências.

Essa poluição não irrita os olhos, não dá tosse nem bronquite. Simplesmente mata. No ano passado, puxando o gati-

lhô da meningite, ela matou 6.512 paulistanos. E se a gente bobear, ela puxará logo mais o gatilho da cólera. Assim como a poeira, poluição orgânica do ar, vem puxando de há muito o gatilho da tuberculose, tanto na Vila Aricanduva como no Viaduto do Chá.

O que salva São Paulo de uma terrível tragédia ambiental é, no caso da poluição da água, esse reequilíbrio ecológico às avessas: as emissões químicas da indústria exterminam todas as formas de vida em nossos rios e represas. O Tamanduateí, o Tietê, o Pinheiros, o Água Funda, o Ipiranga e o Sapateiro, são rios mortos. Graças a Deus. A gente perde o peixe e o sapo, mas fica livre das viroses das verminoses.

Dizem que algum naufrago distraído não morre afogado no Tietê. Morre corroído. Mas o diabo é que São Paulo ameaça reduzir drástica e rapidamente a poluição química da água, antes de cuidar da redução da poluição orgânica de seus mananciais. Afinal, as emissões da indústria podem ser liquidadas por decreto. As emissões do esgoto sanitário, não. Reclamam um oneroso e paciente investimento público em obras de saneamento básico, dentro de uma cidade em que, pelo descompasso entre recursos e necessidades, a mão está ficando bem maior que o bolso.

**Rezando pela saúde da alface**

Um corte violento e repentino na taxa de poluição química da água favorecerá a expansão vertiginosa da taxa de poluição orgânica dos mananciais. Uma poluição que não faz distinção de classe nem de endereço. Tenho esgoto sanitário em minha casa, mas não tenho garantia de que a alface presente em minha mesa não estará contaminada desde a horta da periferia, irrigada com água de fossa-negra...

O que realmente me espanta é a noção perneta que São Paulo tem da poluição ambiental. Para 77 de cada 100 paulistanos bisbilhotados pelo Instituto Gallup, a poluição mais perigosa é a do ar e não a da água. E no ar, queixam-se da poluição química e nunca viram a poluição orgânica mais gorda. Poluição da água? Isso não existe. Os jornais, o rádio e a televisão, para não dizer as autoridades, falam em "problemas de saneamento básico", não instilam na consciência da opinião pública a idéia de que esgoto ausente é poluição presente.

Na opinião de 77 paulistanos em cada 100, poluição é fumaça. E fumaça do fusca do vizinho, não a do próprio.

Moral da oratória: a opinião pública eleger a poluição da riqueza como o boi de piranha da grande boiada da poluição da pobreza. Que vai passando rio acima com a cínica impunidade do bandido travestido de mocinho.

# AMOR COM INPS...

Dentro de mais alguns dias, um projeto-de-lei do deputado federal Roberto Carvalho (MDB-SP) regulamentando a profissão de prostituta, com a concessão de direitos trabalhistas e sociais, dentro de um sistema de confinamento, será aprovado ou rejeitado pela Comissão de Justiça da Câmara Federal.

Reportagem de Neide Ricosti



Deve a prostituta ser segregada do meio social? Receber amparo previdencial, mesmo que isso implique a regulamentação da profissão? As leis brasileiras, que não qualificam a prostituição como crime, teriam condições de conseguir amparar, proteger as prostitutas, sem estigmatizá-las? Isto é o que Comissão de Constituição de Justiça da Câmara Federal deverá estudar brevemente diante do projeto apresentado pelo deputado federal Roberto de Carvalho (MDB-SP) que estabelece as medidas dispendendo sobre o confinamento da prostituição, controle sanitário, assistência previdenciária e reeducação das prostitutas.

Mais uma vez, as opiniões se dividem. Sacerdotes, advogados, sociólogos e prostitutas defendem e combatem a idéia. Enquanto isso, o número de prostitutas tem aumentado, segundo as delegacias de São Paulo, apesar da liberdade sexual, deflagrada com o advento da pílu. Confinadas em ambientes luxuosos, em sordidos bares ou vagando pelas ruas, elas constituem hoje uma população de quase 50 mil mulheres, segundo os estudiosos.

Para o pastor metodista Aristides Fernandes da Silva, também orientador educacional "o confinamento é uma faca de dois gumes". Segundo o advogado João Cláudio Gazeau, especialista em assuntos de família: "através da regulamentação, elas estariam sendo incentivadas a continuarem". No que concorda o padre dominicano J.P. Baruel, presidente da Associação Paulista de Amparo à Mulher.

De acordo com Aparecida Rinaldi Guastelli, chefe da Consultoria Trabalhista da FIESP e assistente jurídico do Ministério do Trabalho, "seria o mesmo que institucionalizarmos o câncer". Finalmente, entre 20 prostitutas entrevistadas, só duas concordaram com o projeto. Segundo Kelly, 23 anos, há seis sobrevivendo da prostituição: "Ninguém está nessa vida para sempre. Eu mesma vou largar. Um homem poderá me aceitar mesmo tendo o passado da prostituição, mas jamais serei aceita se admitir isso numa carteira profissional".



## A opinião do deputado Roberto Carvalho:

"Enquanto muitos vivem do salário-mínimo, essas mulheres ganham rios de dinheiro".

O deputado federal opositorista Roberto Carvalho, o autor do projeto de regulamentação da prostituição, advogado e professor universitário, fala do seu projeto, com exclusividade para **Aqui**.

**AQUI — O que originou o projeto?**

**RC —** Não estou propondo nada de novo. Estudando o problema em forma de direito penal, levantei apenas uma tese a respeito muito bem explicada pelo jurista Nelson Hungria, em seu livro de comentários ao Código Penal. Ele faz um trabalho profundo sobre o problema, focalizando a zona do Mangue, no Rio de Janeiro. Em São Paulo, nos sentimos esse problema agravado. As prostitutas estão espalhadas por todas as ruas de São Paulo. Nós fizemos uma pesquisa para elaborar o trabalho para solucionar em parte o problema, porque esse nunca será solucionado em caráter definitivo. Não há condições, mas pelo menos o problema seria minorado, tanto para as infelizes prostitutas, como também para as famílias.

**Aqui — Famílias das adjacências do "trottoir" ou das prostitutas?**

**RC —** Das adjacências e, inclusive, a própria família das prostitutas. Nós liquidaríamos também com as outras figuras que giram em torno delas, por exemplo, os elementos que exploram as prostitutas.

**Aqui — No caso do confinamento. Digamos, dentro de nossas estruturas sociais, isso acabaria indo para a periferia. Nesse caso, não seria apenas um problema moralizante que defenderia nossas famílias, mas defenderia, por exemplo, as famílias da periferia, as filhas dos operários?**

**RC —** Certo. Mas aí deixamos que as autoridades escolham o local. Nós não podemos entrar, onde o governo poria esse confinamento é de alçada administrativa. Já foram feitas várias pesquisas no Brasil e em congressos médicos se tem dito que hoje em dia as doenças infecto-contagiosas, principalmente as venéreas, são mais disseminadas.

**Aqui — Mas isto não poderia ser atribuído à liberdade sexual, que atingiu a todas as clas-**

**ses — e não a um problema específico da prostituição?**

**RC —** Ai está. Nós não queremos confundir liberdade sexual com prostituição. A liberdade sexual é um avanço social. Mas como não é possível atingir a grande maioria, atingiríamos apenas a classe das prostitutas.

**Aqui — Pesquisas comprovam que as mulheres confinadas em prostibulos apresentam maior desgaste físico do que as prostitutas espalhadas?**

**RC —** Elas todas enfrentam um desgaste físico, isso é normal, porque geralmente se entregam ao vício da bebida, aos tóxicos etc. Agora, no confinamento nós teríamos condições de pelo menos impedir o tráfico de tóxicos. Ou elas trabalhariam confinadas ou arranjariam um outro emprego.

**Aqui — Isso não é incostitucional? O Brasil não é abolicionista?**

**RC —** Até certo limite, seria incostitucional. Mas eu pergunto: a prostituição não é uma profissão imoral?

**Aqui — Mas aí é o aspecto moral que está em jogo?**

**RC —** Mas é social, porque o moral atinge o social. Em um ordenamento jurídico, entra o moral porque faz parte do legal. O legal, às vezes, pode ser justo ou injusto, mas aí é um outro problema.

**Aqui — O confinamento não poderia ser uma forma de estímulo? Muitas mulheres são prostitutas ocasionais. Há muitas estudantes, até universitárias, muitas escriturárias, principalmente as que vivem de subempregos. O confinamento não vai torná-las profissionais?**

**RC —** Todo o mundo faz o que quer, hoje é que está havendo o incentivo à prostituição. O que nós queremos é acabar com a prostituição e não com a liberdade sexual, com a venda do corpo. O comércio.

**Aqui — Colocando em termos de comércio, não vai haver a necessária renovação de mercadoria. Isso não estimularia o aliciamento de outras?**

**RC —** A própria história é que vai responder.

**Aqui — Como seria, na sua opinião, o confi-**

**namento ideal. Isso atingiria também aquelas que trabalham em bares, boates e inferninhos? As chamadas diferenciadas?**

**RC —** Esse problema de prostituta diferenciada ou não diferenciada é um caso de maior ou menor cultura. Vejamos, por exemplo, existem cidades no interior do Estado que os prostibulos são localizados em determinados pontos da cidade, o que se chama zona de meretrício.

**Aqui — O que é incostitucional, não é?**

**RC —** O confinamento em si não é incostitucional. Se fosse inconstitucional, também seria, por exemplo, formar os distritos industriais. Se há liberdade de ir e vir, eu posso colocar a minha indústria onde eu quiser. O confinamento teria uma localização não obrigatória.

**Aqui — Segundo os estudiosos, a prostituição é fruto do regime capitalista?**

**RC —** Não é verdade. O nosso direito, em matéria de liberdade sexual, é livre. Já em outros países, prostituir-se é crime. Na Iugoslávia, o código prevê de 3 a 8 anos de prisão. Na Romênia, também constitui crime.

**Aqui — Apesar da liberdade sexual, a prostituição é um problema tão grave, a ponto de exigir um confinamento?**

**RC —** Hoje em dia, como se encontra, a prostituição é uma beleza. Enquanto um trabalhador ganha salário mínimo, essas mulheres ganham rios de dinheiro. Agora, se confinar, elas vão deixar. Ou vão para o confinamento ou arrumam um emprego.

**Aqui — Elas seriam filiadas ao INPS?**

**RC —** Isso ficaria a cargo do governo.

**Aqui — O que se observa é que a maioria dessas mulheres não têm a menor consciência do que são. Muitas estão torcendo para largar essa vida. O confinamento não vai impedi-las disso?**

**RC —** Não quero entrar nesse problema particular delas.

**Aqui — Considerando que existem quase 50 mil prostitutas só na Grande São Paulo e que há doenças venéreas que levam até 15 dias para se manifestarem, como o Sr. vê o atendimento médico eficiente nesse confinamento?**

**RC —** A medida sanitária é muito viável. O Estado pode aumentar seu quadro de médicos.

# ... SEXO COM FEITOS

O que elas pensam:

## “A carteira profissional vai ser nossa condenação”

Das 20 prostitutas entrevistadas por AQUI, 18 foram contrárias ao projeto. Em sua maioria alegam que estão provisoriamente nessa vida. Para Kelly, uma bela cabocla de 22 anos, que atua nas casas luxuosas de São Paulo, seria admitir uma situação irreversível.

— Estou há seis anos na noite. Trabalho durante o dia, estudo (1º ano de direito) e por três vezes tentei sair, o que pretendo fazer depois de janeiro quando liquidar umas dívidas. Mesmo antes de trabalhar, nunca tive problemas com assistência social ou imposto de renda, consto como dependente de minha mãe que é faxineira. Além disso, num país como o nosso, onde a mentalidade do homem é tão machista, posso encontrar um homem que me aceite como prostituta, mas que não me aceitará se isso constar na minha carteira profissional. Dispenso esse tipo de ajuda, mesmo porque pretendo largar.

Para Márcia, uma loura vistosa de 25 anos, desquitada, mãe de duas crianças, o projeto provocou gostosa gargalhada. Para ela, filiada no INPS e no Cadastro de Pessoas físicas como modelo fotográfico, mesmo regulamentada, a profissão não iria acabar com a marginalização social.

— Você acredita que alguém daria um financiamento a uma prostituta?

Grácia, 25 anos, mineira, 5 anos na noite O projeto só virá beneficiar talvez as mulheres do “trottoir”. Eu, por exemplo, tenho meu próprio apartamento e se isso atingir também as mulheres de boites, fico com dois ou 3 clientes, mas não vou me arriscar a esse absurdo. Minha família nem sabe que estou aqui. Fiz até o colegial e pretendo arrumar um emprego. O problema é que aqui ganho muito, coisa que não vou encontrar em nenhuma outra profissão. Mas pretendo largar, viver com menos, mas não aguentar mais qualquer um.

Das mulheres do trottoir, a opinião não é muito diferente. Algumas esperam sair; outras nem se admitem prostitutas. Mas, entre elas, duas concordaram e acreditam que serão beneficiadas pelo projeto do deputado.

— Finalmente alguém está pensando na gente, diz Rúbia, uma loura baixinha sem grandes atributos que faz o trottoir nas ruas do Morumbi.

## A opinião de um advogado de família: Prostitutas: enfermeiras dos desajustados

O advogado João Cláudio Gazeau, um estudioso dos problemas de família, reconhece que as prostitutas existem e são pessoas humanas, merecendo portanto o necessário amparo. E qualifica o projeto de “muito demagógico”, achando que certamente ele não passará pela Comissão de Justiça.

— Essa pretendida regulamentação estimularia a prostituição. O reconhecimento do direito de se prostituírem haveria de gerar uma deterioração da moral. Recentemente, tivemos aquele episódio proporcionado pelas prostitutas da cidade francesa de Lyon, que se organizaram contra as medidas administrativas. Elas tinham um objetivo elogiável: lutar pela liberdade a que tem direito, como seres humanos.

Na opinião desse advogado, a prostituta com a liberdade (?) sexual de hoje é muito procurada por desajustados.

— Aí, cabe uma pergunta: como seriam elas enquadradas? Como enfermeiras dos desajustados. Não deve interessar ao Estado o aumento da prostituição.



## A opinião de uma advogada trabalhista: “Regulamentar a profissão é regulamentar o câncer”

A advogada trabalhista Aparecida Rinaldi Guastelli deu um parecer contrário a esse projeto: declarou que regulamentar a prostituição seria transformá-la numa coisa irreversível, sem possibilidades de quaisquer discussões no futuro.

— Isto me parece um enorme absurdo. Como se pode pretender, ainda que indiretamente, regulamentar uma “profissão” se no exercício ela não seria uma profissão, mas uma doença social?

Ela também observou que esse projeto trata muito superficialmente da questão, acreditando que o problema da prostituição exige um tratamento muito profundo.

— É preciso considerar, em primeiro lugar, que estamos lidando com seres humanos.

Confinar ou não confinar as prostitutas, no Brasil, é uma questão que a advogada Aparecida Guastelli viu muitas vezes em discussão nos últimos anos; e ela acha que nem o confinamento, nem a possibilidade do “trottoir” livre seriam uma solução.

— Seria necessário ir mais longe. Regulamentar a profissão, conforme se pretende, algo que é uma doença, seria a mesma coisa que regulamentar o câncer. Afinal de contas, a prostituição é nada mais nada menos que uma doença social.

## A opinião de um padre dominicano: “Um perigo permanente para a ordem social”

O padre J.P. Baruel de Lagenest, da ordem dos Dominicanos, encara a situação com um profundo realismo. Assim:

— Num país como o Brasil, em vias de desenvolvimento, em que os problemas sociais estão intimamente ligados aos problemas econômicos, há necessidade de se encarar o problema com energia; e de combatê-lo em suas raízes.

Ele dirige uma pergunta ao deputado Roberto Carvalho, autor do projeto: “O senhor, por acaso, desconhece os termos da Convenção Abolicionista, assinada pelo Brasil?”

E aponta resultados que o deputado também desconhece. Diz, por exemplo, que a experiência tem provado que o confinamento é um perigo permanente para a ordem social, porque as “casas de tolerância” são o local preferido para planejar, preparar ou realizar toda a sorte de crimes.

O padre Baruel relaciona também os resultados de uma pesquisa feita pela Federação Abolicionista, que possui uma experiência de 100 anos no estudo desse problema. Afirma que a luta contra a prostituição somente poderá ser eficaz quando dirigida contra as causas sócio-econômicas, culturais e psicológicas, que favorecem atualmente a sua proliferação.

## Um decálogo da Promoção Social: “O confinamento favorece a exploração de mulheres”

Num trabalho sobre o problema do meretrício em São Paulo, elaborado pela equipe da extinta Seção de Amparo à Mulher, da Secretaria de Promoção Social do Estado, coordenado por Célia Rubinstein Eisembaun e Maria Aparecida Justo Teani, constatou-se que o grupo que atualmente exerce o baixo meretrício apresenta um nível relativamente superior àquele apresentado pelo grupo equivalente, em 1953, quando havia o confinamento.

E o trabalho apresentava 10 argumentos contra o confinamento do meretrício. Apresentava-os assim:

1) O Código Penal Brasileiro proíbe o lenocínio e todas as formas de indução à prostituição, em seus artigos 227 e 232.

2) O Brasil é signatário da Convenção Internacional para Repressão do Tráfico de Pessoas e do Lenocínio, de 1950, ratificada em 1958.

3) Foi constituída, em 1963, na Assembléia Legislativa, uma CPI. Após estudar o assunto, ouvir depoimento, ela deu um parecer contrário ao confinamento.

4) A Organização Mundial de Saúde efetuou pesquisas sobre o controle médico-sanitário, realizado em zonas de meretrício, considerando-o totalmente ineficaz, por um grande número de motivos.

5) O zoneamento somente atinge a 10 por cento da população de meretrizes, justamente as de nível econômico menos favorecido, concorrendo dessa forma para sua maior marginalização da sociedade.

6) Não há, portanto, a pretensa “proteção à família”, argumento usado por muitos moralistas, de vez que 90 por cento da população de prostitutas continuarão sempre na clandestinidade.

7) A existência de zonas de meretrício especialmente organizadas e protegidas incentivaria o ingresso de novas vítimas na prostituição.

8) A localização das zonas de meretrício irá fatalmente recair nos bairros periféricos, em sua maioria habitados por famílias de operários. E isso vai estimular ainda mais a prostituição.

9) A prostituição, forma remanescente da escravidão feminina, facilitará a proliferação dos cáptens e dos traficantes de entorpecentes.

10) Em nosso país, a prostituição deve ser reconhecida como um problema social, conseqüente do subdesenvolvimento do país, não havendo uma causa única para seu aparecimento. Não são válidas, portanto, as soluções simplistas.

## O que quer o projeto

Para os efeitos do projeto apresentado pelo deputado federal (MDB-SP) Roberto de Carvalho, considera-se prostituta toda a mulher que se dedique habitualmente ao comércio sexual, mantendo relações sexuais com um número indeterminado de pessoas, mediante remuneração. E considera que “a prostituição somente poderá ser exercida em zona urbana ou rural previamente delimitada pelas autoridades. As prostitutas serão facultada a filiação ao Instituto Nacional de Previdência Social. Propõe o projeto ainda, que elas sejam cadastradas, assim como deliberado o “quantum” e a forma de recolhimento das contribuições ao INPS. O projeto prevê que nas áreas de confinamento da prostituição, serão instalados postos médicos sanitários pelos serviços da saúde públicos, destinado a profilaxia e terapêutica de moléstias infecto-contagiosas, principalmente as de natureza venérea.

**ECONOMIA**

**Salário: réquiem pelas multinacionais**

Na pauta das preocupações de todo mundo, a política salarial; felizmente para nós, os trabalhadores, menos felizmente para as grandes empresas e para os governos dos países altamente desenvolvidos. Não vem longe o tempo em que as multinacionais vão morrer e os governos não vão poder governar.

Já foi tempo em que a cúpula das multinacionais media o seu poder pelo número de empregados que tinha. Hoje, quanto mais empregados, menos poder. O poder passou para o sindicato, para a união, para a federação, para a confederação de trabalhadores. Em países desenvolvidos, como a Inglaterra, a Chrysler quer fechar as fábricas, para não ter mais prejuízos. Terá que as fechar em todos os países em que a organização dos trabalhadores tenha força para reivindicar mais salário.

Já foi tempo em que os governos nacionalizavam para terem mais poder sobre a economia. Hoje, os governos ingleses caem por terem nacionalizado a indústria do aço e as minas de carvão. O país se tornou tão ingovernável para governo de esquerda quanto para governo de direita. E está Portugal, aí do mesmo jeito ingovernável.

Não tarda que os desenvolvidos queiram se ver livres das multinacionais e passem a importar automóvel do Brasil e televisor do Japão. A lei é: trabalha mais e mais barato quem tem fome. Multinacional vai virar empresa característica de país em desenvolvimento, repudiada pelos desenvolvidos.

J. Rodrigues Matias

**MULHER**

**Objetivo: reunir a população feminina**

Sob a direção da Primeira Dama do Estado, dona Lila Martins, senhoras da alta sociedade paulistana, deputadas, professoras, representantes de entidades de classe, diversas escritoras e jornalistas estiveram durante os dois últimos dias da semana passada reunidas no auditório da reitoria da USP. Assunto da reunião: a mulher, na vida brasileira.

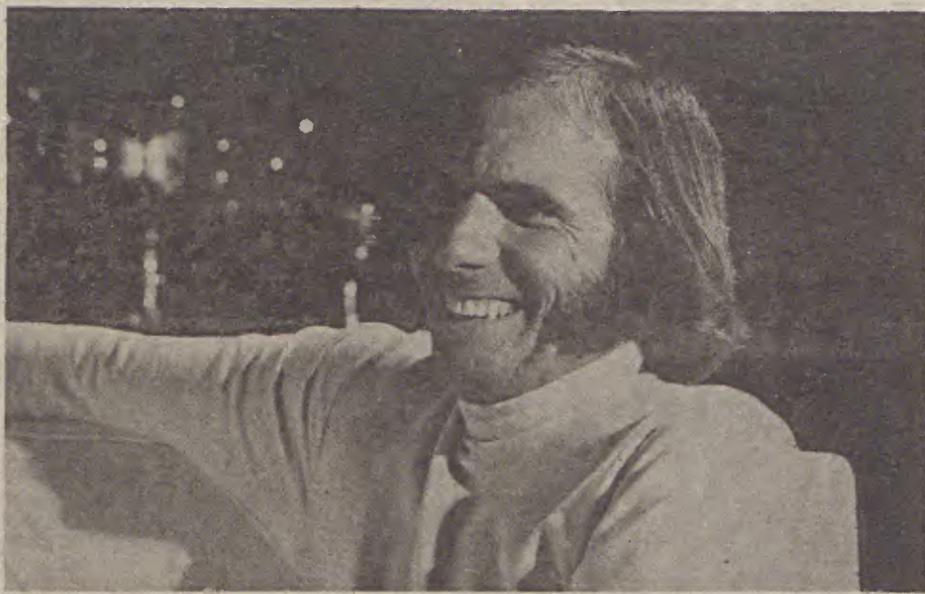


Dona Lila Martins, a primeira dama.

Este ciclo de estudos e debates começou analisando a condição jurídica, política e social da mulher brasileira, procurando os meios de incrementar a sua participação na vida político-social-econômica do país. E no final ficou comprovada a necessidade de abrir mais os debates, procurando engajar também as camadas mais jovens da nossa população feminina, ou seja, estudantes e universitárias, além das mulheres que estão penetrando e abrindo novos caminhos no mercado de trabalho.

Este ciclo de debates, promovido quase no final deste Ano Internacional da Mulher, focalizou a participação feminina nos diversos terrenos da vida brasileira. A secretária geral do Ministério do Trabalho, Maria Alice Silva, fez uma exposição sobre os resultados da Conferência do México, da qual participou, como representante do Brasil. Os debates tiveram continuidade com a participação da Procuradoria Geral do Estado, Anna Cândida Ferras, da Secretaria do Bem-Estar Social. A solenidade de encerramento do Ciclo contou com a presença do governador Paulo Egydio Martins.

**AUTOMOBILISMO**



**Emerson não é um mercenário**

Os europeus têm uma duvidosa e pouco convincente filosofia para julgar os ídolos esportivos. E, no Brasil, esse espírito acabou prevalecendo em determinadas áreas, depois que Emerson Fittipaldi — por amor, comodidade ou oportunismo — decidiu trocar a conceituada McLaren pela juventude da Copersucar. Cansado de repetir as mesmas explicações dezenas de vezes, o piloto embarcou escondido, domingo à noite, para a Europa, convidado para a abertura de três salões do automóvel.

O automobilismo representa, atualmente, a forma mais profissional de se fazer esporte. Ele depende exclusivamente dos investimentos de grandes empresas, preocupadas em conquistar uma imagem favorável junto ao público consumidor. Isso pode ser obtido de forma direta — publicidade de bens de consumo — ou indireta — a criação de uma imagem, no caso, a Copersucar.

Na Europa, o automobilismo, como veículo de publicidade, se caracteriza por divulgar uma mensagem comercial que, dia a dia, vem encontrando maiores restrições nos círculos governamentais de cada país: o cigarro. Os exemplos são vários: John Player Special (Lotus), Marlboro (McLaren), Embassy (Lola), Gitanes (Ligier) e Viceroy (Parnelli).

Portanto, segundo a própria filosofia do esporte, se um piloto consegue mudar de equipe e patrocinar graças a um contrato melhor, isto é encarado sempre como uma vitória. A proposição é simples: só os bons pilotos recebem boas ofertas.

Mas, se a mensagem publicitária não for a de uma marca de cigarro e sim de um tipo de gasolina — Elf (Tyrrell) — uma bebida — Martini (Brabham) — uma cooperativa de produtores de açúcar — Copersucar (Copersucar-Fittipaldi) — a proposição continua sendo a mesma, apesar das opiniões em contrário.

Portanto, acusar-se Emerson de mercenário é uma idéia falsa, dentro do automobilismo.

As bases de contrato de Emerson Fittipaldi com a Copersucar estão tão bem guardadas

quanto a de seu vínculo anterior como binômio Texaco-Marlboro. As especulações vão de 10 a 18 milhões de cruzeiros por ano.

A verdade é que qualquer que tenha sido o motivo real que levou o piloto a mudar de equipe, o automobilismo brasileiro não sairá prejudicado. Pelo contrário: suas possibilidades de crescer aumentaram muito. Mesmo que, por uma razão qualquer, a Copersucar não se torne uma equipe competitiva de Fórmula-1. O que as evidências, a princípio, parecem mostrar o contrário. O resultado do primeiro modelo — chegar em sete nas dez corridas em que largou — não pode ser considerado ruim. E Wilsinho Fittipaldi Júnior e Ricardo Divilla — projetistas e construtores — ganharam muita experiência com a primeira temporada de Fórmula-1 que disputaram.

É importante saber que, na Europa, o automobilismo tem uma conotação diferente do que tem no Brasil. O fato de Niki Lauda ter vencido o campeonato mundial de Fórmula-1 não significa tanto para a Áustria, como significou para o Brasil as duas vitórias de Emerson Fittipaldi. Na Europa, o que importou mais foi a vitória da Ferrari, uma máquina italiana, sobre suas maiores adversárias — máquinas inglesas.

As críticas a Emerson Fittipaldi parecem, por ora, uma preocupação crescente de que um novo know-how (não europeu), engrandecido com a contratação de um piloto experiente, pudesse ameaçar a tranquila situação das equipes europeias. Se bem que é um pouco cedo para se admitir esta ameaça.

Quando Emerson deixou a Lotus depois de ficar famoso e passou para a McLaren, rompendo uma longa ligação a Colin Chapman, não houve quem o criticasse. E os motivos dessa mudança também demoraram para ficar totalmente esclarecidos.

O que não se pode negar é que, para o automobilismo brasileiro, é mais importante um sexto lugar da Copersucar do que o primeiro lugar de Emerson em uma equipe estrangeira.

Castilho de Andrade

**PUBLICIDADE**

**Encontro dos "biggs", no Anhembi.**

"Um encontro de mais de 50 bilhões de dólares", diz o folheto que apresenta o 1º Encontro Internacional de Publicidade, que se realiza em São Paulo desde segunda-feira e com encerramento marcado para essa sexta. Patrocinado pela Associação Paulista de Propaganda (APP), reúne algumas "estrelas" internacionais da publicidade, como Bernie Owell, Senior Vice-Presidente da J. Walter Thompson Internacional, o alemão Wolf Rogosky ou o mexicano Silvio Garcia Patto.

No ano em que o Brasil investe 1 bilhão de dólares em propaganda — ainda bem distante dos 30 bilhões gastos nos Estados Unidos — o encontro, segundo J. Natale Netto, presidente do Conselho Superior da APP, "é a oportunidade de demonstrarmos, globalmente e em termos internacionais, o

nosso nível. Nossos convidados dos Estados Unidos, Inglaterra, França, Alemanha, México e Argentina certamente levarão de volta a seus países uma impressão que, a curtíssimo prazo, nos beneficiará, seja em festivais, anuários e até na conceituação dos grandes aplicadores mundiais."

Para os publicitários brasileiros, as conferências dos grandes nomes da publicidade servem ainda como referência para averiguar a quantas anda a propaganda em termos de Brasil. E aproveitando o "Dia Mundial da Propaganda", comemorado neste dia 4, e a realização do encontro, eles tentam conferir forças também em outro sentido: um projeto de lei alterando a regulamentação da profissão de publicitário e criando a Ordem dos Publicitários do Brasil acaba de dar entrada na Câmara Federal pelas mãos do deputado Gióia Júnior.

**FUTEBOL**

**Os mesmos juizes, os mesmos erros.**

É quase certo que o presidente da Cobraf, Aulio de Nazareno, não continuará se responsabilizando pelas arbitragens de jogos de futebol em todo o país na próxima temporada. Já no início da semana, ele esteve prestes a se demitir, por considerar penosa demais a carga a ser suportada.

— Isso aqui não é brincadeira. E pressão de todo lado. Quem aguenta?

E verdade: desde que se criou o Campeonato Nacional, inicialmente chamado Robertão, jamais se registrou tal torrente de críticas, reclamações, insinuações frequentes da existência de complô carioca na CBD, etc. E logo neste ano em que se fez um trabalho preparatório cuidadoso junto aos juizes, clubes e federações, em que se aparelhou o juiz com um poder de coação a mais (o cartão amarelo) e em que se procurou dar uma imagem de austera integridade ao órgão responsável pelas arbitragens, com a indicação de um homem sério como Aulio Nazareno?

Os juizes são os mesmos das temporadas anteriores. Com uma ou outra exceção, as regras continuam imutáveis há quase 100 anos. Qual a razão então?

Só uma coisa mudou no futebol brasileiro: a qualidade técnica dos nossos times, para pior, excluindo-se apenas Fluminense e Internacional, mesmo assim sem que nenhum dos dois possa ser comparado aos grandes esquadrões até de passado recente.

Logo, houve um nivelamento por baixo, o que justifica essa gangorra em que se constituiu a Copa Brasil, durante a qual surgiu e submergiu uma série de favoritos que mais adiante voltariam à tona, provocando as decisões das várias fases nas últimas rodadas. Assim, aquele pênalti que um juiz não marcou em tal jogo (e que antigamente também não marcava, mas todos esqueciam) passou a ter uma dimensão incrível na memória do torcedor e dos dirigentes.

Conclusão: os juizes continuam errando como sempre; mas no passado seus erros eram esquecidos em seguida, diante de uma jogada sensacional ou de um gol memorável. Hoje, ao torcedor da geral, só resta um consolo: xingar o juiz por tudo de mal que os dirigentes fizeram ao seu belo futebol.

Alberto Helena Jr.

**TELEVISÃO**

**A maioria, sem maturidade.**

Televisão. Desde segunda-feira, professores, estudantes e profissionais estão reunidos no auditório de convenções e congressos da USP, debatendo este assunto. Mas o ponto máximo dessa I Semana de Estudos de Televisão será a sexta-feira, dia 5, quando serão debatidas as idéias básicas de um projeto de lei, regulamentando a profissão dos trabalhadores do rádio e da televisão, que será encaminhado à Câmara Federal pelo deputado Blota Júnior.

Com essa Semana de Estudos, a Escola de Comunicações e Artes da USP pretende comemorar o 25º ano da televisão brasileira. E, conforme disse um dos professores participantes, "apesar de ter 25 anos de idade, a nossa televisão ainda está muito longe da maturidade, que somente poderá ser alcançada através de um trabalho sério, daqueles que colaboram para a sua produção".

A televisão tem sido debatida, através de múltiplos aspectos. Houve uma sessão especial sobre a sua responsabilidade social; foram discutidos o teatro, o jornalismo e o cinema em televisão, inclusive a programação e os programas educativos. Para os dois últimos dias da semana, estão previstos os debates em torno da formação profissional e da regulamentação da profissão. Pelo menos um objetivo terá sido alcançado: aquele que pretendia analisar o atual panorama da televisão brasileira.





# VOANDO JUNTOS

Varig e Cruzeiro é, antes de tudo, gente que entende e gosta do que faz.

Quando duas empresas se somam, o resultado é mais gente para servir você ainda melhor.

Varig e Cruzeiro somaram-se. Uma experiência tradicional em serviços aéreos foi acrescentada à outra.

Você vai sentir em todos os detalhes o resultado dessa soma: dos horários mais flexíveis e das

conexões mais lógicas ao sabor de uma refeição e o preparo de um drinque.

Venha ver de perto o que essa gente é capaz de fazer para transformar um simples voo numa ótima viagem.

Em qualquer avião da Varig ou da Cruzeiro, você estará sempre entrando na mesma casa, para conviver com os mesmos amigos.

Consulte seu Agente de Viagens Iata/Embratur.

**VARIG**   **CRUZEIRO**

*A maior experiência em voar Brasil*

VARIG e CRUZEIRO são marcas registradas das respectivas companhias aéreas. A fusão das duas companhias aéreas foi aprovada pelo Conselho Administrativo de Defesa Econômica (CADE) em 1997. A nova entidade, a Varig-Cruzeiro, foi criada em 1998. A fusão das duas companhias aéreas foi aprovada pelo Conselho Administrativo de Defesa Econômica (CADE) em 1997. A nova entidade, a Varig-Cruzeiro, foi criada em 1998.

PROP. VARIG 980



**CEDEM**

# ROCK AND SAMBA ...

Há alguns anos, quando viam passar rapazes e moças de cabelos desgrelhados, roupas e atitudes irreverentes, as pessoas, espantadas costumavam perguntar: "Afim, o que eles pretendem?" Pois, passado o tempo do espanto, quem for esta semana ao Teatro Bandeirantes e ainda tiver alguma dúvida, pode ter uma resposta que demorou alguns anos para ser encontrada: esses jovens querem estabelecer o rock brasileiro, em ritmo e poesia, como nova manifestação da nossa cultura. Pelo menos, essa é a intenção da II Semana Nacional de Rock, que até domingo estará tentando confirmar a profecia de André Midani, diretor da Phonogram: "O rock será a música popular brasileira do futuro."

Segundo Carlinhos Gouveia, crítico musical da **Folha de São Paulo** e organizador dos espetáculos é natural que um movimento desses comece em São Paulo: "O Rio já foi o centro cultural do Brasil. Agora, ou melhor, desde os festivais da Record, São Paulo tomou a frente na música. Antes foi o samba, a bossa-nova, e agora é o rock." Como os festivais da Record revelaram Chico Buarque e Caetano Veloso, o que os conjuntos querem agora é que as letras dos rocks brasileiros tenham a mesma força que tiveram na última fase da bossa-nova, com preocupações e profundidade. Cornelius, líder do grupo Santa Fé, explica sua posição: "O que falta para a gente é apenas um bom poeta. Olha o caso do Bob Dylan. É essencialmente um poeta, e por isso sua música tem tanta força. Nós estamos na mesma linha de outros dois conjuntos brasileiros, o Bicho da Seda e o Humahuaca, associando sempre a nossa música ao fato de pertencermos à América Latina."

Outra das preocupações da maioria dos conjuntos reunidos no Teatro Bandeirantes, é incorporar alguns instrumentos típicos das escolas de samba à percussão do rock brasileiro. Como lembra Carlos Gouveia:

"Já passou a época em que os conjuntos apenas tentavam copiar os americanos e os ingleses. A final, quem compra um disco ou ouve uma turma que faz uma péssima exibição do Rick Wakeman, quando pode comprar o original?"

O rock não tem mais nada a ver com o "rock and roll" de Bill Haley, de Elvis. E apenas o nome para um estilo universal, dentro do qual os compositores e executantes desenvolvem um ritmo próprio, com as raízes da música de seu país."

Os músicos do grupo O Terço concordam. Para eles, muita gente que faz rock no Brasil ainda não percebeu que o importante é usar o equipamento, e não o amplificador. Magrão, que com Flávio, Sérgio Hinds e Luís Moreno forma O Terço, acha que o grupo ainda não foi compreendido: "Tem gente que pensa que imitamos o Rick Wakeman, só porque em janeiro vamos fazer uma apresentação no Rio acompanhados pela Orquestra Sinfônica. Acontece que seremos acompanhados ao mesmo tempo pela bateria de uma escola de samba. E essa batida, a do samba, que está presente no rock que fazemos."

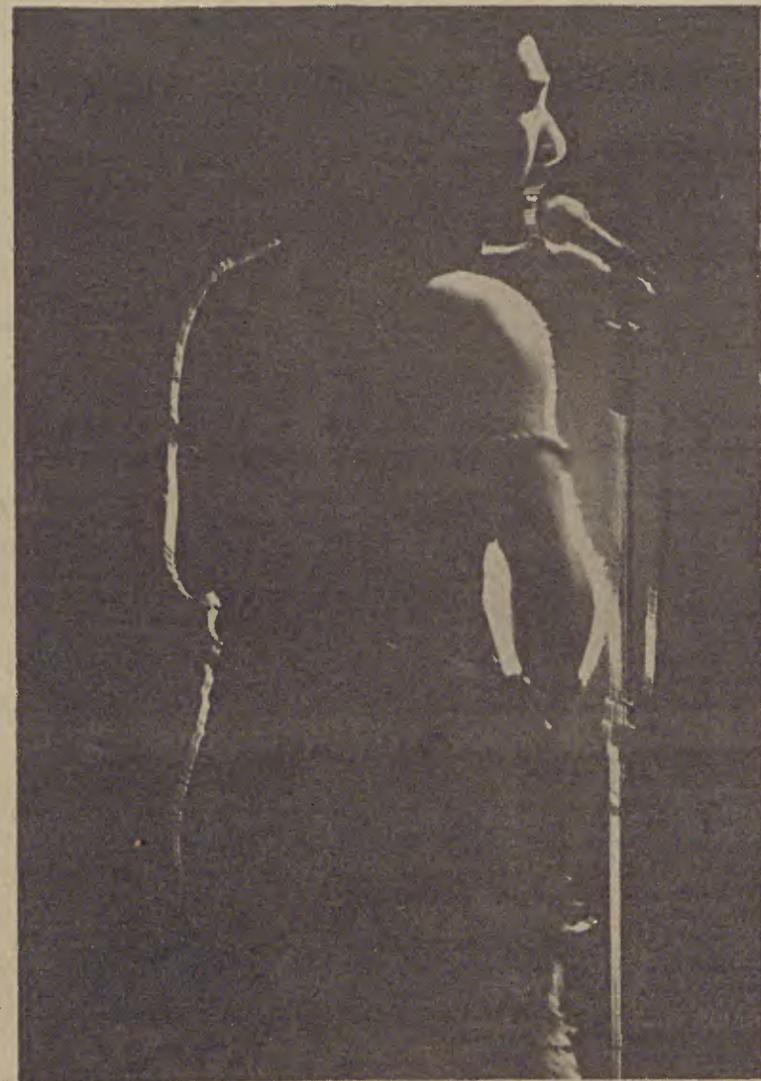
Se o conjunto Casa das Máquinas, por seu lado, acredita que o rock "jamais perderá a sua essência norte-americana", Carlos Gouveia tem a resposta pronta: "O problema é que a maioria do pessoal de nossos conjuntos tem uma formação musical muito pobre, vem de tocar em bailes e festas. Eles acham que som é sinônimo de barulho: quanto mais alto, melhor. O Casa das Máquinas, por exemplo, faz coisas que eu não entendo, como colocar duas baterias e aumentar o registro do amplificador, obrigando o pobre do cantor a ficar rouco de tanto gritar sem que ninguém escute coisa alguma. O Negócio, enfim, é esse: a turma que ainda está naquela de muito barulho, curtindo um som americano que não tem nada a ver com a gente, vai sumir. Ficarão apenas os que entenderam que o rock brasileiro, para viver, precisa ter raízes no samba ou na música do Sul que, por sua vez, é tipicamente latina."

**Malu Maranhão**



Paetês, guitarras e tamborins, no Woodstock da av. Brigadeiro.

## Primeiras cenas de um ritmo brasileiro



No palco, através do novo ritmo e da nova poesia



Guitarras bem altas, enquanto nosso Dylan não vem



Casa das Máquinas: e a essência norte-americana?

# É A NOVA MPB?



O público, bem comportado: "rock não é música para a gente ouvir e sair dançando."

## Silêncio: esse é um Woodstock paulista.



Ninho, um dos bateristas da Casa das Máquinas



Cornelius: procura-se um bom letrista de rock.



Santa Fé: "preocupado com a América Latina."

Quieto. Isto é o máximo que se pode dizer do público — 312 ingressos pagos, 50 convites — da primeira noite de espetáculos da Semana do Rock. Quieto, para não dizer bem comportado, o que seria quase uma ofensa aos roquistas. Apesar de ofensivo, o termo bem comportado acaba sendo usado até mesmo pelos promotores da Semana.

Quem são, afinal, esses rapazes e moças de cabelos compridos e roupas sem preconceitos, variando das calças de bocas justas, estilo boquinha, aos vestidos longos?

Segundo Carlinhos Gouveia, organizador da Semana do Rock, aqueles rapazes e moças que encheram metade do Teatro Bandeirantes na noite de segunda-feira para assistir aos conjuntos Santa Fé e Casa das Máquinas é o público mais fiel do que está sendo considerada a música popular do futuro: o Rock.

E, exatamente por ser seu público mais fiel, trata-se de um grupo que já não se emociona com qualquer rock. É um público muito exigente, que só consegue vibrar com o que há de melhor no Rock brasileiro.

Assim Carlinhos e os outros admiradores do Rock explicam a aparente — e até certo ponto inexplicável — apatia do auditório na primeira noite da II Semana Nacional do Rock. Sentados em suas poltronas, eles se limitavam a aplaudir quando, no palco, o cantor Cornelius anunciava que a música havia terminado. Além disso, só um grito ocasional de "Aí bicho, tá muito louco".

O próprio público, porém, tem outra explicação para seu silêncio durante o espetáculo. "Rock não é música para a gente ouvir e sair dançando", justificativa de um rapaz de botas, blue-jeans e cabelos desgrenhados, "é para você ouvir e curtir, até que o rock tome conta do seu corpo e você saia dançando sem sentir".

Isto é o que se chama "ficar numa boa". E para "ficar numa boa" é preciso desobedecer alguns regulamentos, pequenas desobediências que não fazem mal a ninguém, como fumar na sala de espetáculos ou colocar os pés em cima das poltronas.

"Mas isso também é compreensível", explica Carlos Eduardo Caraméz, membro do júri que escolheu os melhores músicos do rock brasileiro em 75, "afinal, são todos garotos bem ajustados. Ninguém que pode gastar o dinheiro necessário para fazer rock pode ser desajustado".

O que, enfim, é o rock? Isto, nem mesmo Caraméz sabe explicar. E a melhor definição acaba saindo, aos gritos, do público, enquanto Cornelius executa no palco uma dança meio lânguida, meio selvagem, sob as luzes estroboscópicas: "E isso aí".

### O programa

Mas a II Semana Nacional de Rock deve ficar cada vez mais animada até domingo, quando terminam os concertos com a entrega do "Troféu Rock 75" para os considerados melhores do ano. De segunda-feira a quinta, passaram pelo Teatro Bandeirantes (av. Brigadeiro Luís Antônio, 1.041) nome famosos do rock brasileiro como Gerson Conrad (ex-Secos e Molhados), Cornelius, Santa Fé, O Terço, Casa das Máquinas, Humahuaca, Próspero e Joelho de Porco.

De quinta a domingo, porém, o Teatro Bandeirantes deve ser sacudido por várias das tendências do Rock brasileiro: quinta-feira, às 21 horas, há Jorge Mautner com sua música alegre e surrealista, e Zé Rodrix, que passou do rock rural para as críticas de comportamento; sexta, tocam os grupos Som Nosso de Cada Dia e o Bicho da Seda, este último um elogiadíssimo conjunto gaúcho; sábado é dia de Eduardo A raújo e Silvinha, que cantam separados mas escaparam juntos da decadência da Jovem Guarda, e depois é a vez dos Mutantes; domingo, a inevitável sessão-nostalgia: Tony e Cely Campello; Carlos Gonzaga, Ronnie Cord, George Fridman, Baby Santiago, Wilson Miranda. Depois das entregas dos prêmios, duas apresentações encerram a Semana: Novos Baianos e Tony Osanah.

Antonio Carlos Fon

**BEST-SELLER NA  
FRANÇA,  
AGORA  
NO BRASIL.**



**O RETRATO  
SEM DISFARCE  
DE UM AMOR  
HOMOSSEXUAL  
QUE  
ESCANDALIZOU  
TODA  
A FRANÇA.**

**PROCURE JÁ, ESTÁ  
ESGOTANDO.**

**EM TODAS  
AS BANCAS  
E LIVRARIAS**



**Editora Três**  
símbolo de qualidade  
editorial

**J. RODRIGUES MATIAS**

## Mathias Machline e João do Pulo

Dois assuntos estavam atingindo ponto de ebulição, até fim da semana passada: Manaus e o open market. Como se esperava, ambos ferveram. A situação de Manaus sofreu o impacto de um decreto aparentemente inócuo, mas na realidade muito significativo; e o open apitou no ambiente, como chaleira avisando que chegou aos cem graus. De momento, está tudo arrefecendo.

A questão de Manaus não cabe numa crônica de cinquenta linhas. Fundamentalmente, o governo abriu uma Zona Franca e deu incentivos a quem quisesse montar indústrias lá. Um homem terrivelmente talentoso, chamado Mathias Machline, empresário novato que vinha de vendedor de máquinas Sharp, aproveitou aquilo que o governo oferecia e instalou uma indústria em Manaus. Está milionário e sua empresa saltou mais do que João do Pulo: está na rampa de subida, ameaçando tornar-se uma das quarenta maiores do país.

Como, em negócios, só se ganha onde alguém perde, o triunfo espetacular de Mathias coincidiu com uma terrível ameaça de crise para a indústria nacional de peças para aparelhos eletrônicos. Nasceu o slogan: ir para Manaus, ou morrer de inanição. Algumas firmas foram, outras não foram, mas principiaram chovendo representações, exposições, relatórios, abaixo-assinados e outros instrumentos de pressão sobre as mesas dos ministros. Simonsen foi lá. Velloso mandou lá. Todo mundo se agitou.

Como por coincidência, na véspera do I Congresso da Indústria Elétrica e Eletrônica, saiu um decreto modificando a situação: aparelho exportado da Zona Franca para o resto do Brasil vai ser sobre-carregado com impostos, para defesa da indústria do resto do país.

Reconhece-se a boa intenção das autoridades, mas cabe uma pergunta ingênua: o que vai acontecer a indústrias como a Sharp, que acreditaram no governo e investiram pesadamente em Manaus, ao abrigo da confiança que depositaram em Brasília? É justo

acenar ao burro com uma cenoura e retirar-lhe a cenoura a meio do caminho? É humano prometer o céu a alguém, para o abandonar depois à beira do inferno?

Talvez as autoridades tenham descoberto que o Japão já esmagou a indústria eletrônica de países como o Canadá, exatamente pelo processo de Manaus. Isso justifica muita coisa, mas não justifica a pobreza de imaginação das autoridades, em relação aos empresários. Principalmente não justifica um estilo empírico de governar, na era do computador. Um assessor como Mathias Machline teria alertado Brasília para os perigos do estabelecimento de uma Zona Franca, nos termos em que foi estabelecida. Por que todos os homens de imaginação não de ficar em São Paulo, ganhando tanto dinheiro que Brasília acabe se apavorando? Bom governante é o que manda trancar a porta, antes de a casa ser roubada.

Quanto ao open market, é lícito a qualquer um ganhar o dinheiro que pode, desde que não infrinja as leis. Muita gente ganhou dinheiro e nenhuma lei foi infringida. Então, se algo estava errado, eram as leis.

É certo que as leis são iguais às dos outros países. Mas o Brasil não é outro país, é o Brasil mesmo, imaginoso, malicioso, adaptável às circunstâncias. Se não se podem modificar as leis, criem-se circunstâncias ambientais especiais, que condicionem a obediência a elas. Os empresários do mercado de capitais fizeram isso: ataram as mãos da lei, para ganharem mais dinheiro. Quem pode atirar-lhes a primeira pedra, se tudo que fizeram foi legal?

Fundamentalmente, o que se verificou, tanto no caso de Manaus quanto no caso do open, foi uma diferença visível de agilidade mental entre o empresário e as autoridades. O primeiro examinou, imaginou, calculou e saltou; as segundas simplesmente não previram a possibilidade do salto. Mas a vida ensina que é João do Pulo quem ganha medalha olímpica, porque tem a coragem de se sujeitar a quebrar as pernas.

### São Paulo na hora certa, mesmo no escuro



No alto do prédio, 3 mil lâmpadas

Paris: Torre Eiffel; Nova York: estátua da Liberdade; Rio de Janeiro: Corcovado. Como cada cidade importante tem erguida a sua marca, São Paulo acaba de receber de volta um símbolo do tamanho da sua pressa: o relógio de 10 metros de altura que, colocado no alto do Conjunto Nacional (av. Paulista esquina com rua Augusta), é legível a até 12 quilômetros de distância. Ocupado agora pelo Banco Itau, esse espaço antes era alugado pela Ford, que em abril resolveu não renovar a concessão. O luminoso acende-se automaticamente quando escurece e consome 144 Kw por hora, o equivalente ao consumo mensal de energia elétrica de uma residência média. Por isso, somando-se os 90 mil cruzeiros de aluguel do espaço, para mantê-lo o Banco Itau vai gastar 120 mil cruzeiros por mês até novembro de 1985, quando termina o contrato. O banco optou por esse gasto, cerca de 10% da sua verba destinada à publicidade, para ganhar junto ao público uma imagem simpática, na medida em que vincula seu nome

a duas prestações de serviço: a hora certa anunciada durante cinco segundos alternada com a indicação da temperatura ambiente em três segundos. Tendo como base uma unidade-padrão de cristal de quartzo, o luminoso está sobre uma estrutura que consumiu 45 toneladas de ferro, 50 quilômetros de fios, e manterá acesas, por 12 horas consecutivas, mais de três mil lâmpadas. E, mesmo que falte luz, as baterias do luminoso o manterão funcionando até por uma semana.

### Ser corajoso dá dividendo

Alfredo N. Rizkallah à beira de um segundo período na presidência da Bolsa de São Paulo, apesar da resistência que opôs. Uma razão: a coragem de afirmar, que nem todos exibem nos momentos difíceis. Outra razão: se houvesse telhas de vidro em seu trabalho, nenhuma teria ficado inteira. Ainda outra razão: ninguém está disposto a tirar tanto tempo ao seu negócio para dedicar à Bolsa. Parabéns aos candidatos na área do BNDE e do BC, a quem Rizkallah não vai fazer concorrência nem sombra. Parabéns também às corretoras de São Paulo, que votam na coragem.

### Arte, uma boa imagem para as empresas

Se ser original em matéria de presentear é cada vez mais difícil, exige-se ao ato arte e bom gosto. O grupo Rhodia tomou-os ao pé da letra. Lançando mão de um recurso fartamente utilizado por empresas, a distribuição de agendas, teve o cuidado de encaminhar sua proposta na direção de um agradável produto final. Dedicada a "brasileiros que deixaram saudades"

— Mário de Andrade, Arnaldo Pedroso d'Horta e Luiz Lopes Coelho — A Agenda de Arte Brasileira reúne 12 artistas plásticos cuja seleção, longe de ser aleatória, tem ligação com trabalhos desenvolvidos pela Rhodia, na década de 60. Nesse período, essa empresa, numa tentativa de popularização de seu produto — os tecidos — solicitou a 42 artistas, em diferentes épocas, a concepção de estamparias para vestidos que foram executados, desfilados e eventualmente comercializados. Posteriormente os trajes foram doados ao Museu de Arte de São Paulo, na pessoa de seu diretor Pietro Maria Bardi (que apresenta os criadores, na agenda), para fazerem parte de um futuro Museu do Costume. A fotógrafa Cláudia Andujar coube documentar essas peças, o que resultou num trabalho artístico de alta qualidade, singular, onde mais que o traje em si, o importante é o clima ou o impacto que o mesmo provoca. Volpi, Manabu Mabe, Maria Bonomi, Hercules Barsotti, Aldemir Martins e Carmello Cruz são alguns dos artistas escolhidos para essa edição de 1976. Há a promessa de sistematização da iniciativa. Espera-se que se cumpra.



Barsotti, um dos 12 escolhidos

Todo mundo está falando dos mistérios de uma coisa chamada Mercado Aberto, que nada tem de tenebroso, mas ninguém está entendendo.

Aqui se explica o que é e como funciona o Open Market, como se aplica nele e por que razão ninguém sabe quem está pagando os juros fabulosos dos aplicadores.

# AGIOTAGEM LEGALIZADA

Você tem algum dinheiro sobrando? Ponha no bolso e entre numa corretora, numa financeira, numa distribuidora de valores imobiliários ou num banco. Diga que só vai precisar desse dinheiro no dia seguinte, daí a dois dias, daí a uma semana. No dia combinado, o seu dinheiro voltará ao seu bolso, acrescido de juro. Este juro depende da taxa do dia e da hora em que se faz o negócio. A taxa sobe e desce, conforme a quantidade de pessoas que aparece oferecendo e a quantidade de pessoas que aparece pedindo. Ultimamente, o juro tem sido alto. Já chegou a oito por cento ao mês.

Um juro de seis, sete, oito por cento ao mês — é agiotagem. Mas o negócio se faz numa instituição chamada de Mercado Aberto. Em alguns outros mercados a tabela o preço da cebola, do peixe, da carne e do leite. No Mercado Aberto, não há tabelamento. Você pergunta quanto lhe pagam de juro e aceita o que lhe oferecem. Tudo se faz dentro da lei.

Pode-se fazer, mentalmente, uma pergunta: Quem é que paga o juro do dinheiro que a gente aplica no tal de Mercado Aberto?

A pergunta tem razão de ser porque a pessoa que paga juro tão alto não pode empregar o dinheiro no seu negócio. Se toca o negócio com empréstimo de sete ou oito por cento, vai parar na falência, mais dia, menos dia. A única explicação é que o dinheiro que paga tal juro seja para emprestar a outras pessoas. Mas, nesse caso, qual o juro que se vai cobrar dessas pessoas? De: por cento? Doze por cento? Ah, a agiotagem sobe na escala e atinge as culminâncias do inacreditável. Qual o afogado que vai pagar juros de 144 por cento ao ano?

Se uma financeira, uma corretora, uma distribuidora ou um banco emprestarem dinheiro a essa taxa escorchante, as autoridades fecham-lhe a porta, por agiotagem. Mas no Mercado Aberto, não. Ai, tudo é lícito. O preço do dinheiro é xis, e não há o que discutir.

Acontece que a gente pode saber quem aplica dinheiro nesse mercado. Mas não se pode saber quem é que fica com o dinheiro e paga o juro. Daí, a pergunta que você pode fazer a todo mundo, sem que ninguém lhe responda. O grande mistério do Brasil, neste momento, é: quem está pagando o juro do dinheiro aplicado no Mercado Aberto, também chamado de "Open Market", em inglês.

## Como funciona o Mercado Aberto

Uma entidade qualquer compra Letras do Tesouro Nacional, que se vencem numa determinada data, e rendem um determinado juro. Naturalmente, a responsabilidade pelo pagamento desse papel é do Tesouro Nacional. Ninguém tem dúvidas de que o Tesouro as resgatará em dia.

Em princípio, quem coloca dinheiro no Mercado Aberto está comprando Letras do Tesouro Nacional. Só que a corretora, a distribuidora, a financeira ou o banco onde a gente coloca o dinheiro pode não ter Letras do Tesouro. Como garantia pelo nosso depósito, a gente recebe apenas uma carta prometendo pagar o depósito de volta no dia combinado. Depois, a financeira, a corretora, a distribuidora ou banco que nos atendeu, leva o dinheiro a uma entidade qualquer, que a gente não sabe qual é, mas que tem as tais de Letras do Tesouro.

Na prática, o lastro da operação é a LTN, mas a garantia resume-se a uma carta, que pode ser um cheque sem fundo. Se a firma onde se fez a colocação do dinheiro abrir falência, de que serve a nossa carta? Tratando-se de uma corretora, há um fundo que responde pela aplicação, provavelmente. Quanto aos outros estabelecimentos, há uma garantia de ordem psicológica: as autoridades não deixam falir estabelecimentos financeiros. Em caso de desastre, intervêm, fazem a liquidação e pagam as dívidas.

Mais uma coisa: embora o papel típico



do Mercado Aberto seja a LTN, as operações de colocação estão atualmente sendo lastreadas com vários outros títulos como, por exemplo: ORTNs, Letras de Câmbio, Obrigações da Eletrobrás, Certificados de Depósito, etc. Não há lei que especifique. Tudo é legal.

Ainda tem outra coisa: ninguém sabe qual o volume de dinheiro realmente aplicado no Mercado Aberto, em cada dia. Cada estabelecimento sabe quanto recebeu, mas ninguém mais tem a certeza de coisa nenhuma.

**O direito de ganhar dinheiro**  
Uma corretora vive das corretagens que obtém. Faz muitas operações, ganha muito; faz poucas operações, ganha pouco. Inclusive, a lei tabela a taxa de corretagem. A distribuidora e a financeira operam do mesmo jeito. O que lhes interessa é que muita gente apareça para aplicar dinheiro no Mercado Aberto. Elas não utilizam esse dinheiro. Nem poderiam pagar tal juro, sob pena de falência.

Há estabelecimentos com um capital da ordem de cinquenta mil cruzeiros que estão negociando no Mercado Aberto seis bilhões de cruzeiros por dia, e garantindo o depósito com uma carta a cada cliente. Que outra coisa poderiam fazer? Cada cliente é uma corretagem, é lucro, é quase obrigação aceitar. Quanto mais melhor. Ganhar dinheiro é um direito. Aliás, ninguém pode garantir que um estabelecimento de mais capital seja mais honesto e tecnicamente mais capaz do que outro com menos capital.

Então, não se dirija a culpa do que está acontecendo no Mercado Aberto às corretoras, às distribuidoras, às financeiras.

A pergunta permanece: quem está pagando os juros do Open?

## Nenhum aplicador é culpado

Há só uma lei aplicável ao dinheiro: ele corre sempre para os lugares em que lhe oferecem maior segurança e maior lucro. No Open, a segurança é total (mesmo que o estabelecimento venha a falir, as autoridades monetárias dão um jeito, para evitar a desmoralização do sistema). Quanto a lucro, não há igual. Então, quem tem dinheiro aplica no Mercado Aberto. Onde está o crime ou a culpa do aplicador?

É claro que podem acontecer coisas abomináveis. Por exemplo uma firma adia o pagamento do pessoal por duas semanas e

aplica o dinheiro deles. Depois, paga e fica com o juro obtido. Isso se pode fazer também com as duplicatas dos fornecedores: adia-se o pagamento, pede-se desculpas e utiliza-se o dinheiro no Mercado Aberto.

Ainda pode acontecer pior: uma empresa precisa de máquinas ou de matéria-prima e tem dinheiro para comprar. Mas, caso compre, vai ganhar com isso qualquer coisa parecida com trinta por cento ao ano. Se adiar a compra e aplicar no Mercado Aberto, ganha, desde logo, uma coisa parecida com sessenta, oitenta, ou noventa por cento ao ano. Isso pode afetar o mercado de trabalho, mandar a economia nacional para a cucuia, matar o sistema produtivo de tuberculose e causar uma congestão no sistema financeiro.

Mesmo assim, quem vai atirar a primeira pedra a um empresário? O primeiro dever dele é fazer crescer os lucros da empresa até onde for possível. No fim do ano, os acionistas terão maior dividendo, o balanço acusará lucros fenomenais, que poderão aparecer em grandes anúncios na imprensa, para que se saiba que a companhia tem um grande administrador à sua frente. Não tem, também ele, o direito de ganhar dinheiro?

Então, quem é o culpado pelo que se passa com o Mercado Aberto?

## A Hipótese Diabólica

Alguém abusou da famosa imaginação latina para aventar uma hipótese, que não apenas não pode ser verdadeira, como tem cheiro de diabólica. Trata-se do seguinte: o dinheiro aplicado no Open vai parar em algum lugar; esse lugar deve ser um grande grupo financeiro, ou vários grupos financeiros; adiante, atrás, ou no meio de um grupo financeiro, há sempre um banco, ou um grupo de bancos; a banca, interessa que suba mais a taxa de juros; se a taxa do Mercado Aberto é alta, o dinheiro vai para o Mercado Aberto e não para os bancos, que não pagam juros por depósitos à ordem; se falta dinheiro nos bancos, os bancos não podem descontar as duplicatas do comércio e da indústria; se não se descontam as duplicatas, o comércio e a indústria levantam clamor na praça e gera-se uma crise; nesse caso, o Banco Central poderia achar vantajoso permitir um aumento na taxa de juros bancários, para que o dinheiro voltasse aos bancos.

Esta hipótese, abstrusa, venenosa explicaria, no entanto, algumas das coisas que se estão passando com o Mercado Aberto. Por exemplo: seriam grandes grupos financeiros que estariam pagando os juros escorchantes do Open, e eles poderiam fazê-lo sem abrir falência. Quem mais poderia?

## Algumas perguntas ingênuas

Há muita gente que desejaria ser presidente do Banco Central, mas pediria demissão se fosse obrigada a resolver o impasse que se verifica no Mercado Aberto.

Em primeiro lugar, a lei do dinheiro (ele corre para o lucro) é irrevogável. Nenhuma outra lei a torna sem efeito. Em segundo lugar, o Mercado Aberto não pode virar Mercado Fechado. Em terceiro lugar, as autoridades monetárias precisam do Mercado Aberto, como uma das alavancas de comando dos meios de pagamento.

No entanto, os ingênuos com menos consciência dessas realidades vão fazendo algumas perguntas ao Banco Central, como, por exemplo:

1. Por que não se define claramente, por lei, quais os papéis que podem lastrear aplicações no Mercado Aberto?

2. Por que não existe uma entidade que, ao fim de cada dia, proceda à soma de todas as aplicações feitas no Mercado Aberto, e as publique, para que se possa ter uma ideia clara do que está acontecendo?

3. Por que não se largam de mão, sem dó nem piedade, os aventureiros que compram títulos, pelo menos oficiais, e depois não dispõem de recursos para os pagar na data devida? Como se espera que essa gente não abuse, se tem a certeza de que nada lhe acontecerá?

Essas perguntas são ingênuas. Mas, fundamentalmente, derivam todas de uma outra, que continua sem resposta: quem está pagando os juros escorchantes das aplicações no Open? Quem é que consegue sobreviver pedindo dinheiro emprestado a mais de cinco, seis e sete por cento ao mês?

PONTO-DE-VISTA

O Modelo Político e a sede de poder

Sem a constitucionalização da Revolução de 1964, o que restará à classe política? Para o chamado "Dom Quixote" da distensão, o senador alagoano Teotônio Vilela, nada. Num programa de televisão realizado aqui em São Paulo, Teotônio — escorregadio como um quiabo ("O momento não é de fazer história, mas pequenas histórias") — esquivou-se de definir a necessidade de criação de novos partidos, voto distrital, etc., afirmando pura e simplesmente que há algo maior em jogo e não seria este o momento para se preocupar com detalhes.

A linha de raciocínio de Teotônio parece ser a mesma das figuras políticas de maior responsabilidade, incluindo paulistas como Paulo Egydio e Franco Montoro. Embora professando filosofias divergentes, todos parecem unir-se num lugar comum: a necessidade de se obter o Modelo Político brasileiro, que seria a solução natural — e viável — para se evitar as crises político-institucionais que vêm abalando a Nação.

A falência do regime bipartidário é reconhecida até mesmo pelos mais exigentes emedebistas, que vêem, hoje, no partido da Oposição Degraus seguros para uma escalada ao Poder. Nessa tônica, admitir novos partidos — pública e oficialmente — seria o mesmo que declarar a própria morte de suas carreiras políticas. E Poder, convenha-se, não é coisa com que se brinca.

Mas mesmo dentro dessas limitações, há as lideranças que, defendendo o bipartidarismo, acham que a reforma política deve proporcionar a reabertura partidária, permitindo a formação de novas agremiações.

Preferem, no entanto, apegar-se às estruturas do passado, que Arena e MDB pretenderam eliminar mas não tiveram êxito. Franco Montoro, um dos comandantes do MDB na campanha de novembro de 74, não se inibe e se diz disposto a partir para a estruturação de um novo partido, na linha filosófica da democracia-cristã. E, como se pretendesse atualizar sua doutrina, participa em Roma de um Congresso Mundial da Democracia Cristã.

No outro lado, um Ademar de Barros Filho perde a calma com a entrevista exclusiva do chefe da Casa Civil, Arrobas Martins, a AQUI, e frisa que o "caudilhismo" é necessário, para em seguida do alto do ademarismo afirmar: o antigo PSP, segundo ele, seria o nosso único partido popular estruturado.

Enquanto de um lado Paulo Egídio se preocupa em lançar a idéia do Modelo Político brasileiro, e de outro o "emedebista" Teotônio propõe o estudo de soluções de alto nível, os políticos paulistas (tradicionais) parecem preocupados, imaturamente, com resultados práticos: e querem formar partidos cogitando de suas próprias candidaturas a governador. E falam na "liderança política" de São Paulo, como se tudo se medisse por taxas de PNB e gráficos de empresas. Esquecem-se, talvez, que política ainda é uma indústria sem chaminés, exigindo sofisticado "know-how" de um artesanato altamente especializado.

JOSÉ CARLOS BITTENCOURT

As guerras internas nos dois partidos marcaram o nosso primeiro ano legislativo.

Assembleia: o balanço de um ano de muitas crises.



A Assembleia Legislativa de São Paulo termina seu primeiro ano legislativo com um mérito: em parte, conseguiu apagar a péssima imagem com que iniciou esta legislatura, depois que o MDB obteve maioria de 45 deputados contra 25 da Arena, sem ter quadros necessários para eleger número tão elevado de "cristãos novos".

O início da legislatura foi muito tumultuado: a "guerra" dos parlamentares não incluía disputas entre Arena e MDB, mas entre elementos dos próprios partidos colocando-se a nu perante a opinião pública, o artificialismo das atuais legendas partidárias. A Arena era quem mostrava um quadro relativamente menos tumultuado. No MDB, no início do ano, costumava-se afirmar que os seus 45 deputados correspondiam exatamente a 45 tendências políticas. Os 25 arenistas tinham maior êxito em termos de unidade partidária: apresentam apenas 10 tendências.

De março a hoje, a Assembleia viveu dias tumultuados. As lutas internas dentro dos partidos políticos se agravaram a ponto de a maioria dos deputados preocuparem-se mais em atingir um companheiro de bancada do que o adversário do partido oposto. Assim ocorreu na escolha de Nabi Chedid para a liderança do Governo; assim ocorreu na eleição de Alberto Goldman para a liderança do MDB e na escolha de Leonel Júlio para a presidência da Assembleia. Os demais cargos da Mesa foram objeto de tantas "guerras" que alguns deputados acabaram sendo escolhidos por exclusão.

Somou-se, em seguida, em termos de se obter uma ainda pior imagem da Assembleia perante a opinião pública, as seguidas denúncias de "comportamento anti-ético" de alguns parlamentares, desde acusações de derrame de cheques sem fundo na praça até a exploração de grilagens de terras. E os "maus fluídos" que caíram sobre o luxuoso Palácio Nove de Julho incluíram até mesmo a denúncia feita pelo

médico Reinaldo de Figueiredo, indicado para a superintendência do Iamspe, de que o velho e experiente deputado Agenor de Matos teria proposto uma barganha política do mais baixo nível para "amolecer" supostas posições na bancada do MDB.

Esse episódio foi o mais difícil, inegavelmente, de ser contornado.

No momento em que se tentava colocar "panos quentes" sobre a denúncia, acalmando as áreas mais exacerbadas, eis que o deputado Agenor despencava pronunciando tribuna abaixo contra a "má administração" do Hospital do Servidor, do qual o médico Reinaldo é diretor. Seguiu-se a constituição de uma Comissão de Inquérito que, afinal, nada apurou: as famosas fitas magnéticas que comprovariam a procedência das acusações estavam convenientemente inaudíveis. Temia-se, naquele instante, que a cassação de um deputado, por falta de decoro parlamentar, precipitasse a crise política e institucional que o País temia, provocando novas cassações, desta vez por motivos eminentemente políticos. Uma grande soma de habilidades de integrantes dos dois partidos obteve o resultado final: fitas inaudíveis.

SUCESSÃO DE CRISES

Nesse meio tempo, as crises se sucediam no MDB. Goldman entrou num processo chamado de "crise de liderança", não lhe sendo nem mesmo poupada a condição de "líder de Paulo Egydio no MDB". A falsa conotação lhe era atribuída pelos "candidatos a líder" que, segundo alguns emedebistas, pretendiam o posto para manobras eleitorais em 76 e — por que não? — em 78. Afinal, cansado de segurar os "meninos do MDB", colocar panos quentes, evitar envolvimento de deputados por figuras pouco "compatíveis", Alberto Goldman acaba confessando para AQUI ser um líder cansado de ser líder. E deixa em decisão irreversível, a liderança do partido na

Assembleia, na esperança de que o vice-líder Nelson Fabiano possa dar continuidade ao trabalho de reerguimento do MDB (e, portanto, da classe política) por ele iniciado exaustivamente todos os dias.

Mas nem só o MDB viveu de crises. A Arena, apesar da sua reduzida bancada, teve as suas, para só mostrar união no fim do ano legislativo, quando Nabi firmou-se definitivamente na liderança, sem qualquer espécie de contestação. Habilidade "mineira" e força junto ao Governo teriam sido suas armas mais eficientes, inclusive na superação do difícil episódio no qual o governador Paulo Egydio e os deputados arenistas literalmente "lavaram roupa suja". Um indiscreto deputado, demonstrando ter privilegiados dons jornalísticos, se encarregou de transmitir informações detalhadas da reunião em palácio a alguns repórteres políticos. A notícia explodiu como uma bomba em São Paulo, pois constava que o governador teria classificado deputados de "fisiológicos". Os arqui-inimigos de Egydio em Brasília trataram de "completar o trabalho", às vésperas da convenção nacional da Arena, procurando incompatibilizá-lo com toda a classe política.

Uma nota oficial da bancada estadual da Arena, mais um trabalho de paciência chinesa desenvolvida em Brasília pelo próprio Nabi e pelo vice-governador Ferreira Filho, circunscreveu a crise às suas exatas proporções. Depois, encontros com representantes do MDB e a necessidade de se superar uma grave crise política e institucional fez com que a Oposição se somasse àquele que seria identificado como o "governador da distensão", mesmo que assim não o reconheça o senador arenista Teotônio Vilela.

E um fim de ano agitado na área política paulista acabou por promover um entendimento quase total entre uma Assembleia onde o MDB é majoritário e um governador ao estilo de Paulo Egydio

BOLETIM

NOTA ALTA

Um silencioso porém eficiente trabalho confere ao deputado Augusto Toscano, do MDB, o destaque da semana: na Comissão Especial de Inquérito que investiga o problema da grilagem de terras, Toscano conseguiu levantar alguns escândalos (ainda inéditos) envolvendo importantes autoridades interioranas. Em Paulicéia, mediante "acordos", a cidade foi literalmente "loteada"; no Embú, o prefeito vendeu uma praça; e em Peruibe, 1000 alqueires foram vendidos a preço irrisório, burlando-se o fisco.



NOTA MÉDIA

O deputado Agnaldo de Carvalho, da Arena, permanece em processo de ascensão. Depois de ter exercido com muitas falhas a liderança do Governo (período Laudo Natel) durante quatro anos, mas amparado por absoluta maioria de seu partido na Assembleia, nesta legislatura, humildade e experiência parecem ter contribuído para o aprimoramento do jovem parlamentar.



NOTA BAIXA

Sem qualquer dúvida, nota zero para o "pirotécnico" deputado Osiro Silveira, do MDB, que estaria se especializando em atacar jornais e jornalistas quando o noticiário publicado não é do seu agrado. O lamentável é que o deputado Osiro reúne condições para exercer senão um mandato brilhante,



CIRCUITO FECHADO

Jarbas Passarinho, senador por São Paulo? A pergunta circula nos meios políticos, onde se comenta a absoluta ausência dos senadores paulistas Orlando Gabriel Zancaner (Arena) e Orestes Quêrcia e Franco Montoro, do MDB. O fato é que havia necessidade do Senado aprovar o empréstimo externo de 300 milhões de dólares para o Governo paulista e nenhum dos nossos senadores foi encontrado neste final de ano legislativo. Montoro havia viajado para Roma (Congresso Mundial dos PDCs); Zancaner estava viajando; e Quêrcia preocupado só com comícios no Interior. A solução foi o vice-governador Maneco Ferreira Filho "apelar" para a boa vontade de Passarinho e em poucas horas o Senado aprovava o empréstimo. \* Roberto Cerqueira César, o secretário dos Assuntos Metropolitanos, dá a receita para se combater a tese do ex-prefeito Figueiredo Ferraz, que defendia a idéia de "parar São Paulo": "Não se para um processo sócio-econômico. Vai se

adquirindo um ritmo de crescimento normal, que possibilita o atendimento ao crescimento das necessidades". \* Uma outra frase da chamada "área técnica" do Governo paulista. Desta vez o seu autor é Jorge Wilhelm, secretário do Planejamento, ao comentar a "imaginação criadora" para se resolver problemas sociais: "O brasileiro vive o mito de ser futuro, à base do "entender eu não entendo, mas acho que vai dar certo!" \* Confirmando: o jovem deputado estadual Paulo Kobayashi lançará a candidatura de Heródoto Barbeiro para vereador, via Arena, que mais uma vez tenta obter êxito na área universitária. \* O senador Franco Montoro, do MDB, revelando a AQUI: "Se houver possibilidade de se criar novos partidos, estarei disposto a organizar um partido na linha filosófica da democracia-cristã". Em seguida, embarcou para Roma como hóspede oficial do Governo Italiano, a fim de participar de conferência mundial de líderes democratas-cristãos



## A missão de todos

Você sabe o que significa transportar 11 milhões de passageiros por dia?

Este é um dos grandes problemas que o Governo está enfrentando.

O crescimento desordenado da metrópole é outro. No passado, a cidade cresceu sem controle e isso nos custou muito: poluiu nossos rios, criou áreas na periferia sem água, luz, asfalto.

Isso afetou o sistema de transporte. Aumentando as distâncias, isolando os núcleos residenciais. Os investimentos exigidos para dotar a cidade de serviços públicos tornaram-se cada vez mais elevados.

O bem-estar de cada cidadão metropolitano não depende apenas da moradia. Ele precisa de transporte, iluminação, segurança, escolas, assistência médica.

Os problemas interligam-se e, no caso da Grande São Paulo, pulam de um município para outro; multiplicam-se. Tratados a nível metropolitano, tornam-se, entretanto, mais fáceis de resolver. E é necessária a participação do povo.

Afinal, somos todos paulistões, habitantes de uma única metrópole: a Grande São Paulo.

As soluções dependem da integração Governo—População. Você concorda?

Então, responda ao questionário ao lado, pensando no rio Tietê correndo limpo, nas chaminés que não poluem, no transporte mais fácil.

Todos nós, paulistões, já enfrentamos grandes desafios. Nosso desafio, agora, é ajudar o Governo a salvar a Grande São Paulo.

Afinal, ela é nossa.

## Transporte

Quem mora perto do Metrô está dormindo mais.

As horas antes perdidas nas filas de ônibus, nos engarrafamentos, no corre-corre angustiante estão sendo usadas agora para um pouco mais de repouso, um papo com os amigos, mais tempo em companhia da família.

Mas São Paulo cresce depressa — 600 mil novos passageiros surgem todo ano na Grande São Paulo. Seria preciso uma linha de Metrô a cada dois anos. Isso é impossível, não só pelo custo como pelo tempo de construção.

Não adianta xingar o guarda do sinal, ele não tem culpa: são 500 novos veículos que entram por dia na Grande São Paulo. Não há ruas nem avenidas suficientes.

O trânsito se torna lento, nas horas de maior movimento um ônibus anda a 3 km/hora.

Isso irrita, cansa.

Há 10 mil ônibus rodando na Grande São Paulo; um recorde mundial, mas não resolve o problema.

O Governo já está tomando várias medidas: construir novas linhas de Metrô; integrar a rede de ônibus com a linha do Metrô por um preço único; melhorar as ferrovias suburbanas; reservar vias exclusivas para os ônibus; unificar as linhas intermunicipais, para que ninguém precise pagar várias passagens para ir de um município a outro. Criar novas linhas de ônibus elétricos, que não gastam gasolina e não poluem.

Dê sua opinião sobre isso.

## Uso do Solo

Na área urbana da Grande São Paulo há espaço para mais dez milhões de habitantes: são os terrenos vazios, dotados de benfeitorias, como água, luz, asfalto. Eles permanecem desocupados à espera de valorização, quando muita gente é obrigada a morar em bairros distantes, sem qualquer melhoramento público, porque lá os terrenos são mais baratos.

Esse é um dos aspectos do problema da má utilização do solo para o qual o Governo está atento.

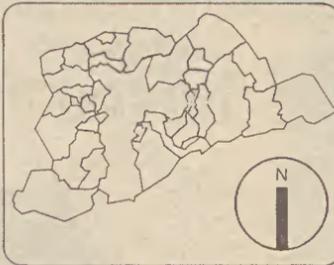
Problemas mais graves que este foram surgindo à medida que a cidade crescia sem qualquer controle: fábricas instalaram-se às margens dos rios, poluindo-os; grandes áreas verdes foram derrubadas para dar lugar a indústrias, prédios e loteamentos; bairros residenciais foram atingidos pela poluição, escolas e hospitais passaram a sofrer os efeitos do barulho provocado pelo trânsito de avenidas congestionadas.

Agora o Governo está cuidando de corrigir muitas dessas situações e de melhorar a qualidade de vida na área metropolitana.

Afinal, o solo é o bem maior de uma região. Por isso mesmo, o Governo estuda medidas como a reserva de áreas destinadas especialmente para residências, para comércio, para indústrias ou lazer.

A localização adequada de indústrias poluidoras onde não ofereçam perigo à saúde da população é outra medida que vem sendo adotada, enquanto se cuida, através de legislação apropriada, de proteger nossos rios e nossas florestas.

O bem-estar de todos, numa grande metrópole como São Paulo, depende muito do uso que cada um faça do solo. Os recursos naturais são de todos e ninguém tem o direito de destruí-los.



## Descobrimos a Grande São Paulo

A primeira parte desta pesquisa, publicada nos jornais do dia 16/11, foi bem recebida pela população. Muitos milhares de homens, mulheres e crianças interromperam seu descanso ou seus afazeres e atenderam ao nosso apelo. Hoje, publicamos a segunda parte. Leia com atenção e responda. Você está participando do planejamento da Grande São Paulo.



## QUESTÕES GERAIS

O Governo está empenhado na solução de muitos problemas. Quais deles você considera mais importantes? (Assinale 4 dos mais importantes.)

- Descanso. Criar novas áreas onde as pessoas possam descansar, divertir-se
- Moradia. Facilitar a aquisição de casa própria
- Transporte. Melhorar os meios de transporte
- Segurança. Melhorar o policiamento
- Saúde. Cuidar mais intensamente dos problemas de saneamento e saúde pública
- Água. Ampliar ainda mais o serviço de água
- Lixo. Melhorar a coleta de lixo
- Esgotos. Estender a rede de esgotos a todos os bairros
- Poluição. Combater a poluição do ar, da água e do solo
- Civismo. Fazer campanhas de informação e educação pública para que o povo se interesse pela sua cidade
- Educação. Instalação de mais escolas e grupos escolares, ampliando e melhorando os já existentes
- Urbanização. Levar calçamento, água, luz, telefone a todos os bairros

Se você fosse convidado a trabalhar nas férias ou fins de semana para ajudar a resolver os problemas de interesse do povo, como moradia, transporte, etc., você aceitaria ou não?

- Aceitaria, trabalharia
- Não aceitaria

Se você fosse responsável pelo seu bairro, o que faria para melhorar a vida das pessoas que ali moram?

O Governo está empenhado em melhorar o nível de saúde da população.

Com quais destas frases você concorda e com quais não concorda?

- |   | Concordo                 | Não concordo             |
|---|--------------------------|--------------------------|
| — A alimentação influi na saúde da população <input type="checkbox"/>                                 | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| — A maioria das doenças é provocada pela poluição do ar <input type="checkbox"/>                      | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| — Muitas doenças são causadas por águas contaminadas <input type="checkbox"/>                         | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| — A falta de locais onde descansar e divertir-se é a causa de muitas doenças <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| — Campanhas de vacinação evitam as doenças <input type="checkbox"/>                                   | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |

Na sua opinião, o que afeta a saúde das crianças na Grande São Paulo?

- A falta de higiene, o lixo, mosquitos
- A poluição das águas
- A poluição do ar
- Carência alimentar
- Habitação inadequada
- Descuido dos pais

## TRANSPORTE

Se o centro de São Paulo fosse proibido para qualquer veículo, ficando exclusivo para pedestres, isto seria melhor ou pior?

- Melhor
- Pior

Das medidas abaixo relacionadas, quais as que, na sua opinião, trariam melhores resultados?

- Colocar mais linhas do Metrô
- Colocar mais linhas de ônibus
- Ampliar a rede de ônibus elétricos
- Colocar mais trens
- Construir conjuntos residenciais com acesso fácil aos locais de trabalho
- Construir conjuntos residenciais próximos ao centro da cidade

A que tipo de transporte coletivo o Governo deve se dedicar para melhorar a situação atual?

- Trens
- Ônibus
- Metrô
- Ônibus elétricos

Se para melhorar o transporte fosse necessário mudar seu horário de trabalho, isto seria bom ou ruim?

- Bom
- Ruim

## USO DO SOLO

A quem você acha que cabe a responsabilidade de proteger as áreas verdes?

- Ao Poder Público
- A população
- Aos dois

Você acha que deveria ser cobrado um imposto sobre a valorização de grandes áreas vazias?

- Sim
- Não

O que você prefere ter perto de sua casa?

- A escola do seu filho
- O seu local de trabalho

Que cidade das citadas abaixo você escolheria para morar?

- Sul: São Bernardo
- Mauá
- Leste: Mogi das Cruzes
- Arujá
- Norte: Mairiporã
- Guarulhos
- Oeste: Cotia
- Osasco

Por quê?

Você já foi vítima de algum vendedor de lotes clandestinos?

- Sim
- Não

## SUA OPINIÃO

Aproveite este espaço para manifestar qualquer opinião sobre os assuntos abordados nesta pesquisa ou escreva à parte e anexe sua carta.

**A partir do dia 7/12, entregue esta Pesquisa preenchida, junto com a Pesquisa 1 (publicada em 16/11), ao seu jornaleiro. Você receberá uma magnífica Coleção de Mapas coloridos da Grande São Paulo.**

## Secretaria de Estado dos Negócios Metropolitanos



Nome: ..... Instrução: Primária  Secundária  Superior

Sexo: ..... Idade: ..... Profissão: ..... Bens de Família: Sim  Não

Endereço: ..... N.º ..... Casa própria  Terreno ou lote

Bairro: ..... Município: ..... Televisor  Bicicleta

Local de Nascimento: ..... Geladeira  Máq. de costura

Há quanto tempo mora na Grande São Paulo? ..... Liquidificador  Máq. fotográfica

Automóvel



ENTREVISTA

**Chegou a vez da censura ser censurada**

A liderança do MDB na Câmara está examinando requerimento do deputado paulista Marcelo Gatto que, com apoio de mais de 120 parlamentares, pretende a constituição de uma Comissão Parlamentar de Inquérito destinada a investigar a censura aos meios de comunicação social — rádio, televisão e imprensa — e à arte e à cultura no Brasil.

Como cinco CPIs já estão em funcionamento e a atual sessão legislativa está prestes a terminar, a instalação da nova comissão somente ocorreria em março do próximo ano.

Observando que na Câmara o problema tem sido abordado rotineiramente, Gatto apresenta, na abertura da sua justificativa ao requerimento, os casos mais recentes: "faz pouco tempo, a Rede Globo de Televisão teve censurada a novela Roque Santeiro. Poucos dias atrás os jornais "Movimento", "Opinião" e a revista "Veja" foram impedidos de noticiar fatos relativos ao trágico desaparecimento do jornalista Wladimir Herzog. O jornal "Tribuna da Imprensa" não pôde transcrever artigo de autoria do Senador Jarbas Passarinho, publicado anteriormente em outros diários da imprensa do país".

O parlamentar opositorista vê "sob o manto da censura" o aniquilamento da criação artística, "o impedimento à livre manifestação do pensamento, o impedimento de que o povo conheça os fatos". É acentua: "esconde-se a verdade sobre a realidade que a sensibilidade do artista percebe mas não interessa que o povo conheça".

Para Marcelo Gatto, a censura deveria ser entregue a pessoas afeitas às coisas da arte e da cultura, funcionando, por exemplo, no âmbito do Ministério da Educação, e não do Ministério da Justiça (Polícia Federal).

Considerando os que atualmente fazem censura "intelectualmente despreparados, sem conhecimento nem sensibilidade para julgar uma obra de arte", o representante do MDB observa que eles é que decidem "o que é bom e o que não presta, se concedem ou não a liberação para um filme, peça teatral, música, livro, revista ou até uma simples gravura."

— A Carta Constitucional garante a liberdade das artes e da cultura. Garantias que, entretanto, não são respeitadas, pela prática da censura prévia, que está regulada em diversas leis ordinárias, todas ao arripio da lei maior, pois que o artigo 8º do artigo 153 da Constituição estabelece: "é livre a manifestação do pensamento, sem que dependa de censura, salvo quanto a espetáculos e diversões públicas".

— O texto é claro. Não fala em "censura prévia", que é, portanto, uma exorbitância, da forma como estipulou Decreto 20.493, de 24 de janeiro de 1946, ao dispor: "Ao serviço de Censura de Diversões Públicas do Departamento de Polícia Federal compete censurar previamente e autorizar: as projeções cinematográficas, as representações de peças teatrais, a execução de discos falados e cantados..."

Depois de assinalar "que vários outros decretos e portarias "compõem" o elenco que os censores utilizam", Gatto diz ser inegável a repercussão da censura no empobrecimento cultural do país. Cita, a propósito palavras do cineasta alemão Fritz Lang, que diz:

— Não acredito em censura. Há épocas, durante as guerras, por exemplo — em que parece essencial, mas, no melhor dos casos, é um mal necessário. Quaisquer tentativas da maioria ou da minoria no sentido de impor fórmulas de pensamento às grandes massas levam apenas à ignorância e ao mal-entendimento gerais, e a um desastre em que se envolvem tanto os supostos instrutores como o público mal-instruído.



Marcelo Gatto; uma CPI contra a censura

POSITIVO

Na Câmara e no Senado, o desempenho dos nossos parlamentares oscila entre a recuperação de Quércia e o imobilismo de Jacob Pedro Carolo.

**Quércia em busca do terreno perdido**

O senador Orestes Quércia tem feito um esforço imenso para superar a má impressão deixada aos seus colegas de Senado com os primeiros pronunciamentos feitos da tribuna parlamentar. Os discursos improvisados foram extremamente pobres e os escritos, elaborados por assessorias técnicas, produziram-lhe marcas profundas porque no curso dos debates não soube como desvencilhar-se de armadilhas propostas por representantes da Arena.

Com muito sacrifício o representante de cinco milhões de paulistas tem procurado vencer a inibição e recuperar terreno perdido. Na última semana, por exemplo, compareceu ao plenário do Senado com um discurso (escrito) sobre a posição do Brasil e dos demais países latino-americanos em relação ao comércio internacional. Tratava-se de um documento de 16 páginas, razoavelmente bem elaborado, de crítica às leis americanas de proteção aos seus produtos. "Qualquer importação considerada prejudicial à produção norte-americana pode, pela aplicação da cláusula de salvaguarda, ter obstada a sua entrada no mercado dos Estados Unidos".

Referiu-se à proposta do Presidente mexicano Luis Echeverria de criação de um



Quércia em ascensão lenta e consciente?

organismo de consulta e cooperação econômica a nível latino-americano para complementar os instrumentos existentes e fortalecer os esforços regionais em favor de maior solidariedade econômica regional. "Resumidamente as funções desse organismo seriam as de estudar estratégias coordenadas de desenvolvimento dos países integrantes, articulando também as ações de

defesa dos preços de matérias-primas regionais, coordenando, além disso, a comercialização desses produtos e o emprego dos recursos naturais existentes nos territórios nacionais".

Levantou-se o senador Orestes Quercia contra a influência que considera prejudicial das multinacionais, para dizer que a solidariedade continental no âmbito econômico não serve a tais empresas que por isso procuram sabotar ou retardar iniciativas desse porte.

O senador paulista chamou a atenção dos brasileiros para a nossa capacidade de competição comercial e aludiu ao notável desempenho do parque industrial paulista. "Por isso mesmo devemos sair da inércia e partir para a fundação de um comércio exterior sólido, o menos possível sujeito às interferências das multinacionais. Para a América Latina existe um caminho de independência e riqueza que começa na solidariedade continental. Ai estão a ALALC, que já existe há algum tempo e o SELA, que cabe prestigiar".

Esse discurso foi ouvido com alguma atenção pelo Senado. Benevolência dos senadores ou um início verdadeiro de recuperação?

NEGATIVO

**O marasmo da juventude arenista**



Carolo: Apatia na Arena Jovem.

Quando em novembro do ano passado foram abertas as urnas verificou-se que o eleitorado dera uma tremenda sova na Arena, derrotando seus candidatos ao Senado em quase todos os Estados. Começa então a busca dos responsáveis por essa "tromba d'água", classificação por Ulysses Guimarães à radical alteração de curso das inclinações eleitorais dos brasileiros. Afinal, chegaram os dirigentes arenistas a uma

conclusão: tudo contribuiu para o resultado negativo, mas basicamente coube aos moços, que votaram pela primeira vez, comandar a reação.

Foi a partir daí que o presidente da Arena, Petrónio Portella, começou a pensar em fórmulas de atração do eleitorado jovem. "A conquista dos estudantes é nossa empresa", dissera ao deputado Murilo Badaró, secretário geral do partido, a quem incumbira de criar e organizar os departamentos da mocidade nos diretórios regionais e municipais da Arena. Paralelamente tratou de elaborar, ele mesmo, um projeto de lei reservando aos jovens uma parcela fixa nas chapas partidárias em todas as eleições, pois havia notícia de que as lideranças mais antigas e mais arraigadas eram resistentes, em toda parte, ao ingresso dos moços.

Alterados os comandos partidários, ficou decidido que a direção do Departamento da Juventude seria entregue ao paulista Jacob Pedro Carolo que de seu Estado já trazia uma longa folha corrida no exercício da vida pública. Começando sua carreira como vereador e depois prefeito de Pontal, esse professor e comerciante acabou por conquistar a presidência da Assembléia Legislativa, a presidência da Arena regional, passando antes pela lide-

rança do governo. Por outro lado, o deputado Murilo Badaró, cujo trato com os moços revelara-se excelente, estava praticamente impedido de exercer a função porque Minas Gerais, seu Estado, já estava mais do que premiado com postos políticos importantes: presidência do Senado, presidência da Arena e liderança do Governo.

Carolo passou a ser então um representante de São Paulo no comando partidário e dele passou, o Presidente da República, para já não falar no presidente da Arena, a aguardar uma intensa e eficiente atuação. Era e é tão grande o interesse de Geisel que já por algumas vezes fez referência ao Departamento Jovem da Arena. Contudo, o marasmo e a indiferença é que têm marcado a atuação do Sr. Carolo. Nem mesmo os universitários de Brasília, que recentemente manifestaram interesse de ingressar no partido situacionista, tiveram acesso ao Sr. Carolo. Resultado: ingressaram no MDB. É tão grande o desapontamento com a ausência do dirigente do Departamento Jovem da Arena que até mesmo os deputados paulistas começaram a protestar contra essa teimosia e determinada indiferença.

Procurando um ariete na bancada arenista de São Paulo, os dirigentes desse partido acabaram descobrindo uma âncora. É a impressão que ficou.

FORA DE FOCO

**Questão agrícola preocupa os deputados**

A queda da produção algodoeira de São Paulo vem sendo abordada com frequência no plenário e na Comissão de Agricultura da Câmara. Um dos últimos pronunciamentos a respeito foi feito pelo deputado Pacheco Chaves, que reclamou maior atenção do Ministério da Agricultura e da Secretaria de Agricultura para o problema. Segundo o representante opositorista, as principais causas desta queda são: insuficiência dos preços mínimos; adulteração de insumos vendidos por órgãos oficiais e abusos por parte das usinas que desclassificam indevidamente a qualidade do produto, a fim de reduzirem seu custo. A elevação das tarifas de energia elétrica em São Paulo foi comentada em discurso do arenista Alcides Franciscato. Ele estranhou que entre janeiro e novembro deste ano o aumento tenha atingido índice superior a 50% — acima do

nível inflacionário • Projeto do deputado Francisco Amaral, aprovado pelo plenário da Câmara, dispõe que o exercício de cargos de diretoria, conselhos fiscais e deliberativos das sociedades consideradas de



Chico Amaral e um projeto moralizador

utilidade pública não farão jus a qualquer tipo de remuneração • Impressionado com o alarmante índice de acidentes automobilísticos em São Paulo, o vice-líder opositorista Guaçu Piteri manifestou seu apoio a projeto do deputado piauiense Pinheiro Machado que torna obrigatório o ensino de noções de trânsito nos estabelecimentos escolares — matéria já aprovada na Câmara e que agora irá ao Senado • O deputado Otávio Cecato acha que a ampliação e melhoria das instalações do aeroporto de Congonhas tornam desnecessária a construção de um novo aeroporto na capital. Sugere o aumento de 300 metros nas cabeceiras 34 a 16 da pista e a demolição da atual estação de passageiros para ampliação de área reservada aos aviões, e a construção de nova estação nos jardins do aeroporto.

Edson Lobão

As maiores queixas da população, segundo esta pesquisa AQUI/Gallup, referem-se à poluição, ao trânsito ruim, e à falta de segurança.



# A CIDADE FALA DE SEUS SERVIÇOS

Entre os 19 serviços públicos existentes em São Paulo, somente quatro são considerados "satisfatórios" pela população da cidade: iluminação pública e residencial, rede escolar, fornecimento de água e abastecimento. O Instituto Gallup vem realizando periodicamente trabalhos de pesquisa sobre os problemas que a população das grandes cidades considera mais graves. A partir desses resultados, elaborou-se uma lista de serviços públicos básicos, para que os paulistanos dissessem se a situação atual desses serviços é "excelente", "boa", "regular", "ruim" ou "péssima".

A situação provocada pela poluição é considerada "péssima" por 60% da população. Em segundo lugar vêm a falta de



segurança e os assaltos (disso queixam-se 52% da população da Grande São Paulo) e o alto custo de vida (igualmente 52%). Em terceiro lugar entre as queixas está o trânsito: 41% da população o acha "péssimo" — contra 6% que consideram o trânsito de São Paulo "bom". Os dados desta pesquisa referem-se à população da Grande São Paulo e do ABCD — isto é: aproximadamente dez milhões de pessoas.



## SÃO PAULO

### SERVIÇOS PÚBLICOS

	EXCELENTE	BOA	REGULAR	RUIM	PÉSSIMA	NÃO SABEM	TOTAL
	%	%	%	%	%	%	%
Trânsito	-	6	23	24	41	6	100
Saúde	1	18	44	18	16	3	100
Estradas	4	41	33	8	5	9	100
Educação	6	42	32	8	6	6	100
Poluição	-	5	11	21	60	3	100
Transportes, condução	1	22	26	19	26	6	100
Colocação de esgotos	2	29	27	17	21	4	100
Fornecimento de água	5	47	18	13	14	3	100
Conservação de ruas, asfaltamento	2	36	33	15	13	1	100
Assistência social	2	15	27	19	22	15	100
Limpeza, coleta de lixo	5	45	25	11	14	-	100
Custo de vida, controle dos preços	-	2	21	24	52	1	100
Segurança, assaltos	1	6	19	19	52	3	100
Mercado de trabalho, oferta de empregos	5	31	33	14	11	6	100
Moradia, casas, habitações para comprar	1	9	27	26	29	8	100
Abastecimento de gêneros alimentícios	6	53	27	6	5	3	100
Atendimento médico, INPS	2	21	21	14	29	13	100
Iluminação de ruas e casas	11	64	16	4	4	1	100
Diversões	6	31	22	13	19	9	100

### CONSIDERAM "PÉSSIMA" OU "RUIM" A SITUAÇÃO ATUAL DE:

Poluição	81%
Custo de vida	76%
Segurança pública	71%
Trânsito	65%
Habitação	55%
Transportes coletivos	45%
Atendimento médico	43%
Assistência social	41%
Esgotos	38%
Saúde (controle, cura e prevenção de doenças)	34%
Lazer	32%
Conservação de ruas/asfaltamento	28%
Fornecimento de água	27%
Mercado de trabalho	25%

### CONSIDERAM "EXCELENTE" OU "BOA" A SITUAÇÃO ATUAL DE:

Iluminação pública e residencial	75%
Abastecimento de gêneros alimentícios	69%
Abastecimento de água	62%
Limpeza pública	50%
Educação	48%
Estradas	45%
Conservação/pavimentação de ruas	38%
Lazer	37%
Mercado de trabalho	36%
Esgotos	31%
Transportes coletivos	23%
Atendimento médico	23%
Saúde	19%

**Antes de beijar o chão**

Sr.: Uma das cenas mais corriqueiras vistas pelos paulistanos, é sem dúvida o lançamento gracioso e refinado nos passeios públicos, de "produtos indesejáveis" oriundos da nossa querida civilização. São papéis de todos os tipos e camadas, restos de cigarros mostrando o superavit da Souza Cruz e Cia., embalagens de balas, chocolates, amendoins, sucos, e dezenas de etcéteras, que fazem da nossa cidade a que mais cresce no mundo em termos de poluição. Nós mesmos, que reclamamos aos brados retumbantes contra o avanço do "Mal de Manchester" nos ares, águas e terras, por omissão não observamos esta pequena poluição que podemos debelar com um pouco de cuidado e atenção. Você, que mora nesta fantástica cidade que é São Paulo, que ganha o seu dinheiro em São Paulo, que se diverte nesta imensa São Paulo, colabore. Cuide do destino de seus "produtos indesejáveis" para que, pelo menos, São Paulo seja mais limpa, mais humana, naturalmente com uma ampla ajuda da Prefeitura. E um dia, emocionados, poderemos beijar esse amado solo paulistano. Cesar Wulf, Capital.

**Agradecendo pelo diálogo**

Sr.: É digna de louvor a iniciativa da Secretaria dos Negócios Metropolitanos e da Empresa Metropolitana de Planejamento (EMPLASA), de convidar o povo da Grande São Paulo para apontar os problemas da cidade, através de questionários publicados em jornais. Assim, reconhecem as autoridades que o cidadão comum, por viver o dia-a-dia da metrópole, tem tanta competência quanto os técnicos para sugerir soluções e colaborar no estabelecimento de prioridades no setor de planejamento urbano. Feito o depoimento voluntário, acusados os problemas sem rancor, mas com boa vontade, resta a cada um esperar que as autoridades façam dessa idéia o início de um diálogo aberto com a população. Sérgio Amaral Silva, Capital.

**O passageiro do ônibus qualquer**

Sr.: Sai de São Caetano do Sul com destino à rua Monte Alegre, em São Paulo. Não passava pela minha cabeça onde deveria ficar essa rua. Chegando

à avenida São João, tentei me informar com um guarda de trânsito, mas só o que eu ouvi foi: "Bem, você toma qualquer ônibus e desce no minhocão." Aguardei, ali mesmo na São João, o tal de "qualquer ônibus" passar e não pensei duas vezes: entrei num que o itinerário dizia ir para a Lapa. Além do citado acima, o guarda me deu outro ponto de referência, dizendo que na tal rua Monte Alegre estava situada a USP. Bem, como eu já tinha ido três vezes até a USP, desconfie que pudesse ser outra faculdade. Ao descer do ônibus, entrei à esquerda, dobrei novamente à esquerda, subi e desci e consegui chegar ao início da rua Monte Alegre; já transpirando dos pés à cabeça, fui até o número 1.434. Será que os guardas de trânsito não poderiam andar com um pequeno guia de São Paulo? Ou, até mesmo, ter a coragem de dizer que não conhecem o endereço e o ônibus a tomar? Manoel Alves Calixto, São Caetano do Sul.

**A tristeza do poeta**

Sr.: Quando reuni as minhas poesias sob o título de "Folhas Revoltas" e resolvi entregá-las a uma editora para publicação, não pensei que existisse tanto entrave. As minhas inúmeras

tentativas foram seguidas de outras tantas recusas. Agora, já decorrido um ano, não vejo possibilidade alguma nessa minha tentativa. As respostas lacônicas, "não temos interesse", já se tornaram rotina no cotidiano de autores como eu. Nem menos para uma apreciação aceitaram a minha lavra. Gostaria de ter uma crítica ao meu trabalho. É assim que poderia saber quais são os meus erros. Como eu existim muitos que estão por aí, sem possibilidade alguma. Quicá o vento chegue indelevelmente trazendo um mundo novo de gratas esperanças. Os novos autores pedem seu lugar ao sol. Não custa nada terem uma oportunidade. J.R. Guedes de Oliveira, Indaiatuba.

**A sugestão do sr. Amaury**

Sr.: Se me permite, sugiro a criação de uma coluna para a opinião de um profissional (todas as categorias, liberais ou não), sobre temas propostos ou assuntos livres e problemática brasileira. Dizem que há cerca de 1.800 profissões cadastradas. Logo, se faltam 1.258 semanas para o ano 2.000, a coluna facilmente chegará ao século XXI! Amaury Sampaio, Capital.

**Polêmica**

**No campo, entre os malditos passarinhos.**

Sr.: Tenho acompanhado com interesse a discussão entre leitores sobre a possibilidade ou não de se morar fora da cidade grande. Gostaria de dar meu depoimento a respeito: sempre morei em São Paulo, até o dia em que, aos 28 anos, achei que estava ficando louco de tanto barulho, fumaça, correria, trânsito etc. Para resumir: resolvi abandonar tudo, vendi a casinha que ainda estava pagando e fui morar em Feliz, no interior do Rio Grande do Sul. Poderia ter coisa melhor? Pássaros, peixes no rio, cheiro de mató varando as poucas paredes da minha casa de tijolinho, e ainda por cima uma vilazinha chamada Feliz. Os primeiros tempos foram magníficos, cheios de vida. Três meses depois eu era o único desajustado da região. Uma

pilha de nervos, não conseguia dormir à noite, me irritava até com os passarinhos que cantavam na minha janela. Quando notei isso, juntei o que eu tinha levado e voltei para a cidade, querendo ver se me sentiria melhor. Com a alegria de uma criança, passei uma manhã inteira pela avenida São João, assisti a um programa completo do Silvio Santos e fui dormir, sereno e recompensado com um imbecil. O que eu quero provar com isso? Nada, só desabafar a tristeza de quem se conheceu na hora errada. Já envenenado pela civilização, declaro melancolicamente que, se um dia ganhar sozinho na Loteria Esportiva, o máximo que eu posso fazer é comprar a cidade de Cuba-tão só pra mim. Enio Duarte, Capital.

**Entre uma medicina e outra**

Sr.: O psiquiatra C.F.R. está indignado com as críticas recebidas nos últimos tempos pela classe médica brasileira. Em sua carta publicada no número passado de AQUI, ele fala numa campanha negativa alimentada por "um pequeno jornal de humor" (O Pasquim) e por "um prestigioso semanário editado em São Paulo" (a revista Veja, dr. C.F.R., porque o senhor não é mais direto em suas afirmações?). Ele reclama contra uma carta da leitora Luciana Carneiro, em que "ela assacava aleivosias indistintamente contra psiquiatras, psicólogos e psicanalistas de São Paulo, em nome de exageros que estariam sendo cometidos na cobrança de honorários médicos". E sugere que se faça "uma reportagem mostrando o que os médicos e a

medicina tem feito de útil e de bom para a população". Sou contra. Não porque ache que todos os médicos e psiquiatras tenham interesses pouco nobres, tratando do corpo e da cabeça humana como se fossem meras fontes de lucros. Sei que há vários pesquisando e se sacrificando para beneficiar a população. Mas sei também que estes não fazem mais do que a sua obrigação e, para tanto, prestaram um juramento quando se formaram. O que, na minha opinião, continua merecendo reportagens, para que se vigie e se corrija a deformação, é a quebra desse juramento, quando a ambição e a insensibilidade desviam os profissionais de seu caminho natural.

Joana Ladeira Maciel, Capital.

**MENSAGENS**

**O novo jornal, lido, relido e elogiado.**

Os elogios de um importante e entusiasmado leitor: João Saad, diretor-presidente da Rádio e TV Bandeirantes.

Com que satisfação recebi o exemplar do seu AQUI meu caro Samuel Wainer. A família toda já o manuseou diversas vezes, tendo lido todos os artigos que, por sinal, são bem elaborados, concisos, inteligentes, compondo um jornal eclético. Ainda o tenho sobre a mesa e de vez em quando faço uma pausa no trabalho para

dar prosseguimento à leitura. Parabéns pelo lançamento. Meus renovados cumprimentos a você por esse ânimo que o faz prosseguir na luta, cujo sucesso já se faz sentir: o sucesso do semanário e a vitória por oferecer a nós um jornal inteiramente regional. Abraços do amigo e admirador, João Saad.

**Cunha Bueno gostou**

Meu caro e velho amigo Samuel Wainer: acabo de ler um exemplar do excelente jornal AQUI (nº 1). Apreso-me a cumprimentá-lo e a felicitá-lo pela estupenda idéia. Estou seguro de que a nova folha de imprensa, pelas suas características e pelas suas atualizadas reportagens, logrará imenso sucesso. Aliás, conhecendo-o desde os idos de 1951, quando fui eleito para a Câmara Federal, estou certo

de que você, arrimado na sua longa experiência e também na sua coragem cívica, verá triunfar a nova iniciativa. Embora distanciado totalmente das atividades políticas, prossigo interessando-me pela trajetória dos velhos companheiros que ao longo dela tive a oportunidade de conquistar. Formulando a você e a sua equipe novas e repetidas vitórias, aqui se despede o patricio, amigo e admirador, Cunha Bueno.

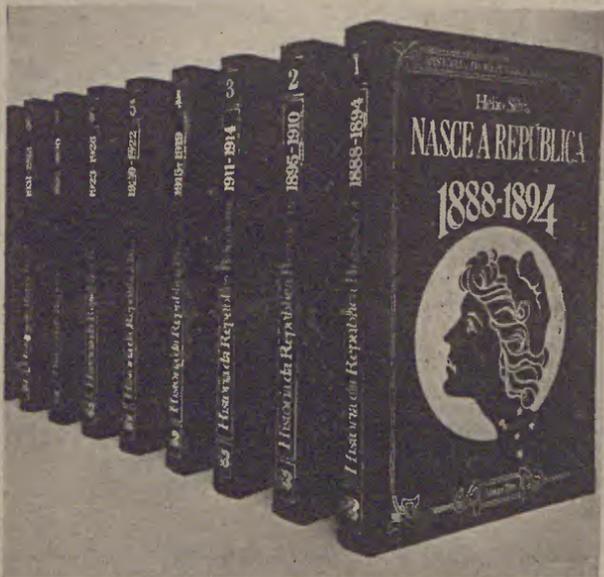
**A torcida do "ex-foca"**

Meu caro Samuel, graças ao amigo comum Carlos Forbes, acabo de devorar os dois primeiros números do AQUI.

vibração do jornalismo renovador — de que você é sempre a fonte inesgotável.

Para todos os que tiveram, como eu, a ventura de beber um pouco da sua inigualável experiência profissional e de começar à sua sombra (esta, sim, benfazeja e amiga), AQUI representa o reencontro com a sumida

Senti em mim — como estará sentindo toda a equipe, hoje dispersa, que você formou — o renascer da sarna. Mesmo nesta "pauleira" publicitária, continuo seu "foca", às ordens, torcendo pela sua nova arrancada. Com o melhor do Maurício Meira.



Estamos pagando prá ver: é possível que ninguém tenha tempo, mas é mais provável que o tempo possa ser melhor empregado. Conversando. Escrevendo. Colocando no papel suas dúvidas, seus protestos e suas idéias para que todos vivamos melhor em São Paulo. AQUI acredita que você é nosso melhor correspondente no dia-a-dia da cidade. Por isso, está oferecendo, semanalmente, uma coleção completa da obra "História da República Brasileira", escrita pelo historiador Hélio Silva. A escolha irá premiar uma das cartas publicadas, aquela que melhor reflita o espírito comunitário e de defesa da nossa cidade.

**O leitor já começa a estudar o seu prêmio**



Vianna: pesquisando Deodoro.

Graças à futilidade da tevê brasileira e aos museus que começam a cobrar ingresso, você poderá ficar conhecendo melhor o marechal Deodoro da Fonseca. O que uma coisa tem a ver com a outra? Nada, até a semana retrasada. Foi

quando o industrial e professor de História Fábio Vianna escreveu para a seção de cartas de AQUI, sugerindo uma melhor programação para as nossas tevês e criticando os museus que, cobrando ingresso, "dificultam a entrada do estudante pobre, tão sacrificado". A carta, publicada no número 2 de AQUI, foi a primeira premiada com uma coleção completa da "História da República Brasileira", de Hélio Silva (ver regulamento ao lado). Aos 61 anos, tendo sido autor de artigos para revista História, da Editora Três, para o Correio Paulistano e para o Jornal do Comércio, Fábio Vianna promete aproveitar bem o prêmio: "A coleção do mestre Hélio Silva vai me dar bons subsídios para o meu próximo trabalho, Virtudes e Defeitos de Deodoro".

**A segunda coleção já tem dono: o leitor Ivan Lasco Rotundo.**

Por sua carta publicada no número 3, o leitor Ivan Lasco Rotundo ganhou uma coleção de livros do historiador Hélio Silva. O prêmio pode ser retirado à av. Paulista, 2006 — 15º andar, com dona Suely (fone 288-11-33).

aqui,  
o esporte.

alberto helena jr.

## Os delírios de grandeza do Sr. Presidente



Nesta semana, o Corinthians vive mais uma de suas cíclicas crises, que estouram sempre ao final de cada temporada perdida. E, como quando não se trata da simples substituição do técnico por outro, é o célebre listão de dispensa de jogadores, quase sempre também necessário.

Mas, se das outras vezes essas crises vicejavam no tempestuoso mar de emoções que inunda frequentemente o Parque São Jorge, agora, ela é produto da fria política encetada pelo presidente Mateus, preocupado tão-somente na construção de seu faraônico Estádio, para onde convergem os esforços sem criatividade desse que é um dos piores presidentes que o Corinthians já teve em sua história. Pois, incapaz de aliar o ree-

quilíbrio das finanças com a formação de uma equipe de futebol ao menos respeitável, Mateus acabou gastando com cerca de 15 contratações inexpressivas mais do que os 3 milhões arrecadados com a venda de seu maior ídolo, Rivelino, ao Fluminense.

Agora, percebendo que sua gestão passará sem registros — nem títulos, nem time, nem nada — Mateus compelido por sua aguda megalomania, quer cravar o seu nome na história do Corinthians, num monumento de concreto, cuja utilidade é bastante discutível.

E quem vai pagar por isso são os mesmos profissionais que há um ano ele mesmo contratou e ele mesmo afiançou serem os melhores. Realmente, Mateus dá, Mateus tira.

## A Seleção de Brandão



O técnico Osvaldo Brandão, que insiste sempre com os repórteres sobre sua disposição de não revelar nomes para a Seleção Brasileira, aos poucos vai fazendo indiscrições que, somadas já permitem tirar-se um esboço da equipe que deverá começar os treinamentos no ano que vem. Valdir Perez, Rosemiro, Tecão e Amaral são nomes citados para a defesa com frequên-

cia. Falcão, Chicão, Paulo César (Inter) e Rivelino, com chances para o velho Ademir, que o técnico prefere chamar de **meu capitão**, ganham as preferências do meio-campo. No ataque, embora Terto tenha sido muitas vezes lembrado, Gil passou nos últimos tempos à sua frente, enquanto Palhinha, Zico e Lula vão somando mais pontos que os demais.

## Qual o futuro de Poy?

Há 27 anos, ele chegava a São Paulo, vindo de Rosário, Argentina, com mulher, filha e muito pouca esperança de ganhar um lugar naquele time imbatível do São Paulo, que começava grande já no gol — sua posição — ocupado pelo calmo e seguro Mário. Depois, vinham Savério, Mauro, Bauer, Rui, Noronha, China, Ponce de León, Leônidas e Teixeira. Estreou numa noite chuvosa, no time misto que enfrentava amistosamente a Seleção Paulista, quase toda ela armada com os jogadores do São Paulo, e passaram-se dois anos até que José Poy ganhasse a confiança dos são-paulinos. Confiança que se solidificou ao longo destes 27 anos, 15 dos quais dedicados à árdua tarefa de salvar o time dentro do campo. Nos últimos dois anos, porém, depois de longo período de preparação dos juvenis, Poy tem tentado reagrupar os titulares com a grandeza dos velhos tempos.

Em parte, conseguiu com a extraordinária campanha no Campeonato Paulista, conquistado com tamanha superioridade de números que a história dos nossos torneios regionais não registra façanha igual. Em parte, fracassou, ao ver o seu São Paulo fora das finais da Copa Brasil. Tudo porque o esquema por ele adotado exigia dos jogadores um esforço físico muito acima do permitido pelo calendário do futebol brasileiro.

O que restará, afinal de seu trabalho: as glórias do campeonato ganho, ou o fracasso do título perdido?

## A várzea deixa um vazio nos nossos cartolas

Outro dia mesmo o superintendente da CBD, Almir Almeida, juntava a sua voz ao coro de lamentações dos que ainda suspiram pelos campos de várzea como celeiro de jogadores. Aliás, já se tornou em mais um lugar-comum do nosso futebol, essa história de dizer-se que a extinção dos campos de várzea nas grandes cidades (mais precisamente, São Paulo) é a principal razão de não termos uma renovação de valores, ultimamente, à altura das exigências do público brasileiro.

O que desejam essas carpideiras: que, de repente, os construtores parem as suas máquinas, condoídos da situação do futebol brasileiro, e joguem fora os seus milhões de lucro só para que restem alguns vazios de terra no centro da cidade onde a garotada possa bater a sua bola?

Na verdade, as várzeas eram uma cultura de craques quando os clubes de futebol não tinham sequer estádio para treinar quanto mais condições de manter em seus quadros as chamadas escolinhas de futebol. Hoje em dia, porém, as várzeas estão sendo substituídas, com vantagem, por essas escolinhas, que, se não produzem mais e melhor, é só porque os nossos cartolas ainda não conseguiram vislumbrar o seu alcance. Tanto assim que as grandes equipes brasileiras dos últimos vinte anos foram armadas não por jogadores egressos da várzea, mas sim por valores forjados nos próprios clubes (caso do Santos do Botafogo, e do Cruzeiro, dos tempos de Pelé, Jairzinho e Tostão).

O que se faz indispensável, daqui para frente, a fim de que o futebol brasileiro escape a uma das maiores crises em que já viveu, nos próximos dois anos, é que a CBD reexamine a sua visão do Campeonato Nacional e dos campeonatos regionais (neste caso, as federações), orientando-os no sentido de preservar-se o espetáculo, melhorando-o e oferecendo-o em doses mais digeríveis a esse espoliado torcedor, saturado já de aguentar essa série infundável de burlesco de quinta categoria a que conseguiram transformar o futebol brasileiro.

Em lugar das lamentações, ação, senhores. Em lugar dessa torrente de maus espetáculos, tempo para que ele possa ser armado com cuidado e inteligência.

## Onde as crianças aprendem a nadar

Dizem que o sol vem aí. A afirmativa pode merecer discussão, o que não provoca dúvidas é a chegada das férias. Há que tirar as crianças dos apartamentos, que só têm espaço aberto, flores se abrindo e sol nascendo nos folhetos e filmes de propaganda. Como a bronquite convive com nossos filhos, o melhor programa é natacão. Várias escolas especializadas funcionam de manhã e à tarde, com cursos normais e intensivos.

**Fit Center** (r. Brito Peixoto, 451 — Brooklin). Telefone: 275.7729. A piscina é térmica e asturmas, selecionadas por faixa etária e grau de aprendizado, têm duas aulas semanais. Também há um curso especial para bebês. Está programado um curso de férias para janeiro e fevereiro, com duas aulas semanais, por Cr\$ 1.100,00 mensais. Três aulas por semana, Cr\$ 1.300, por mês. A equipe de professores é formada por Pedro Coelho, José Cesar e Décio.

**Golfinho** (r. Desembargador Mamede, 342 — trav. da al. Gabriel Monteiro da Silva). Telefone: 80.7045. Só

para crianças de seis meses a nove anos. Todos os estilos desde o cachorrinho, o clássico, crawl, até o borboleta. Turmas separadas por idade. Aulas com os professores Salvador Felisette e Maria Alice. Duas aulas por semana, Cr\$ 450,00. Em dezembro, janeiro e fevereiro, há curso intensivo com cinco aulas semanais, a Cr\$ 700,00.

**Escola de Natacão Focuinha** (r. Lisboa, 138 — Cerqueira César). Telefone: 80.7760. Aceitam alunos a partir de dois anos. Querendo duas aulas por semana, o preço é Cr\$ 250,00 três vezes, Cr\$ 350,00. Cursos de iniciação, aprendizado, aperfeiçoamento e técnica. Professores: Rosa Maria, Nicéia, Nair, Alice, Suely e Otávio.

**Instituto de Cultura Física Adriano Delauney** (r. Leandro Dupré, 1029). Telefone: 276.6607 e 275.7795. Aceita alunos a partir de três anos. Três aulas semanais — Cr\$ 350,00 por mês. Há um curso para maiores de 6 anos, com 15 aulas, a Cr\$ 450,00. Taxa de exame médico: Cr\$ 15,00. Professores: Djalma, João e Ricardo.

## Pelé, o Santos e a volta ao passado.



Há vinte anos, nascia o grande Santos, sem Pelé. Hoje, em plena decadência o Santos anuncia a volta de Pelé, pelo menos por um jogo amistoso na Bahia. Na Vila Belmiro, porém, recomeça o trabalho de Ernesto Marques, o homem que criou o Santos, antes de Pelé nascer para o futebol.



Afinal, o Santos conseguiu o que queria: Pelé vai entrar em campo, lá na Bahia, neste fim-de-semana, com a sua velha Camisa 10, para ajudar as crianças do Brasil e principalmente para tentar arrecadar alguns cruzeiros para o próprio Santos, que como decadente senhora do já extinto vaudeville vai exibindo suas mazes por esses interiores afora.

Pelé, que marcou a glória de um time prepara-se agora para registrar a sua humilhação.

É claro que a culpa não é — nem jamais foi — de Pelé, pois que ele fez sempre reverter em benefício do Santos os dividendos de sua genialidade. A culpa cabe, isso sim, aos dirigentes — todos eles — que se sucederam à frente do Santos de Pelé e que, em nenhum momento sequer, prepararam o seu clube para o momento em que Pelé parasse.

E o que é pior até agora, quando Pelé é contratado de uma outra equipe de futebol, continuam a viver à sua sombra, esperando sempre as migalhas que ainda possam colher no caminho traçado por esse que foi o mais perfeito jogador da história do futebol.

No entanto, no mesmo momento em que se anuncia

essa rápida volta de Pelé, em manchetes, uma pequena notinha escondida num canto de um jornal pequeno projeta uma réstia de luz nas trevas em que caminha o Santos: o velho Ernesto Marques recomeça esta semana seu trabalho de preparação dos garotos na Vila Belmiro. Pois foram as mãos hábeis dessa figura, que sempre preferiu a sombra do anonimato, que modelaram o Santos, que já começava a ficar grande antes mesmo de Pelé.

Pacientemente, Ernesto Marques, nos meados dos anos 50, ia garimpando praias e várzeas atrás de verdadeiras raridades, que, mais tarde, depois de buriladas, transformavam-se nas estrelas de um time em ascensão. Foi assim que surgiram Pagão, Del Vecchio, Clodoaldo, Pepe e tantos outros. E somente assim o Santos poderá reencontrar a trilha do êxito, perdida no instante de extrema euforia em que abandonou o seu trabalho de base para pensar apenas nos lucros que Pelé poderia lhe oferecer.

Talvez neste instante mesmo, enquanto todos os olhos estão voltados para o grande evento da Bahia, lá na Vila, silenciosamente, o velho Marques esteja preparando não a volta dos tempos de Pelé, mas o Pelé do futuro.

Desta vez, o debate sobre o futuro de São Paulo contou com uma importante contribuição: a palavra do presidente Geisel. Quase simultaneamente ao pronunciamento feito por ele em Brasília, o ex-prefeito Figueiredo Ferraz voltava a insistir em sua tese: "São Paulo precisa parar". AQUI acrescenta mais um depoimento sobre o problema: o urbanista Gabriel Bolaffi, da USP, fala das alternativas de sobrevivência da cidade até o ano 2.090.



São Paulo lidera as estatísticas mundiais de mortalidade infantil: de cada 100 crianças que nascem, 10 morrem antes do primeiro ano de vida.



A expansão urbana é o grande tema do Brasil moderno. O processo de urbanização, muito rápido, caracterizou-se por um complexo de desequilíbrios.



# TRÊS PROPOSTAS PARA A SALVAÇÃO DA CIDADE.

Presidente Geisel: "Conter e ordenar a expansão das regiões metropolitanas de São Paulo."  
 Figueiredo Ferraz: "O crescimento urbano da cidade deve ser contido a qualquer preço."  
 Gabriel Bolaffi: "Temos que descentralizar a indústria e controlar o uso do solo."

Se persistirem as tendências atuais São Paulo no ano 2000 não existirá mais. A afirmação é de Gabriel Bolaffi, 41 anos, professor de Planejamento Urbano no curso de pós-graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP. Com curso de especialização em desenvolvimento econômico na Universidade de Washington, Gabriel Bolaffi faz questão de ser minucioso e de apresentar dados claros sobre os problemas que comenta. Foi assim que ele analisou a cidade de São Paulo (em termos de urbanização) e fez o prognóstico de seu futuro. Com um exemplo que expressa, em caricatura, as tendências da realidade.

→ Nos Estados Unidos, alguns anos atrás, eu vi numa revista a charge de um desenhista americano, na qual se vêem dois trogloditas, no alto do Empire State Building (o prédio mais alto de Nova York) observando a cidade em ruínas, e as ruas cheias de automóveis em estado de decomposição. Os prédios estavam cobertos de musgos — a cena se passa no ano 2000 — e, um dos personagens explica ao outro que aquele era o resultado do grande congestionamento de 1985.

Essa é apenas uma das grandes ameaças que pesam sobre São Paulo, se persistirem as tendências atuais, e se medidas urgentes não forem tomadas, afirma Gabriel Bolaffi.

Entre as principais medidas para tornar São Paulo uma cidade viável, ele coloca prioritariamente: 1) descentralização industrial; 2) controle efetivo do uso do solo; 3) continuidade administrativa.

Paul Singer, entre outros cientistas sociais, considera impossível a descentralização industrial. Segundo Gabriel Bolaffi, esta é uma medida muito controversa, mas ele acredita na sua viabilidade.

O CNPU (Conselho Nacional de Política Urbana) vem propondo uma série de medidas supostamente destinadas a atenuar o ritmo de crescimento das grandes cidades brasileiras. Figueiredo Ferraz já havia levantado o mesmo problema, afirmando que São Paulo precisava parar, mas o antigo prefeito de São Paulo se enganava quando supõe que é possível deter o crescimento das grandes metrópoles a partir de medidas restritivas ao movimento da população, sobre território nacional.

"O campo expulsa e as cidades atraem", e o campo expulsa sempre, isto é, ele expulsa quer quando há modernização e aumento da produtividade na agricultura, quer quando há pobreza e miséria. A cidade atrai principalmente porque oferece empregos àqueles que são expulsos do campo, e o processo de urbanização (como aliás é um consenso generalizado) é um processo positivo, desejável e necessário ao crescimento econômico e ao aumento do nível de vida das populações. O problema, portanto, não consiste em deter o êxodo rural e muito

menos a urbanização do país, mas consiste em distribuir melhor pelo território os investimentos e as oportunidades de emprego. E esta é uma atribuição que está muito mais na alçada do CDI (Conselho de Desenvolvimento Industrial) do Ministério da Indústria e Comércio, do BNDE (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico) e outros órgãos com poderes para orientar a localização industrial, do que do CNPU.

**Querendo parar, mas nem tanto.**

Afirmou o professor Gabriel Bolaffi que a atitude do poder público com relação ao problema de crescimento das metrópoles é muito ambígua.

→ Ao mesmo tempo em que todos reconhecem que as cidades devem parar de crescer, quando se trata da realização de um novo investimento industrial, ministros, governadores, prefeitos e jornalistas reclamam esse investimento para as suas áreas de influência política, a exemplo do que ocorreu com a Fiat, ou mais recentemente, com o 3º Polo Petroquímico.

Quando se trata de investimento de iniciativa privada, diz Bolaffi, aí os investidores é que são os primeiros a preferirem as grandes concentrações industriais já existentes, e ele observa:

— Deus sabe quantas concessões não foram feitas à Fiat, para que ela fosse a Minas em vez de São Paulo.

— Acrescentando: É verdade que quando uma indústria se estabelece numa área mais próxima ao seu mercado consumidor, e das demais indústrias cujos produtos intermediários irá consumir, uma área que é servida por uma boa infra-estrutura, como eletricidade, estradas, transportes, telefones, bancos, universidades, seus custos se reduzem e seus lucros aumentam. Entretanto, é preciso lembrar que uma porcentagem significativa dessas economias externas é gerada pelo próprio setor público, por meio dos investimentos em obras de infra-estrutura. Também é preciso lembrar que uma porcentagem significativa dessas mesmas economias, que elevam a lucratividade do empreendimento privado, se traduzem em desequilíbrios para o cidadão privado e a população em geral.

**Antes do bonde que o metrô**

Para ilustrar sua análise, o professor Bolaffi usou como exemplo o problema da poluição. Diz ele que a poluição é um problema econômico. Operar em situações não poluidoras eleva os custos das indústrias. E, sofrer os efeitos da poluição eleva os custos de saúde do cidadão privado.

Outro exemplo dessa desequilíbrio do cidadão privado, que beneficia os investidores privados, está marcado num fato

histórico. A retirada das linhas de bonde da cidade de São Paulo, que deram lugar à construção de avenidas para automóveis. Estes bondes, diz Gabriel Bolaffi, foram retirados em favor da Indústria Automobilística.

— A linha de Santo Amaro — Vila Mariana, que era um perfeito metrô de superfície, foi substituída em 66, pela avenida Ibirapuera. Mas no ano seguinte, começaram as escavações para o metrô, que seguia quase o mesmo traçado do antigo caminho do bonde. São muitos casos como esse, em que as linhas de bonde são substituídas por avenidas, para que os automóveis possam trafegar.

— A concentração industrial, portanto, gera cidades congestionadas, nas quais a mão de obra, necessária para as indústrias, tem seus custos de transporte aumentados, e seu horário de trabalho elevado de 8 para 13 horas, se considerarmos a média de 5 horas diárias despendidas no percurso casa-trabalho. Essa mão de obra não é remunerada por esse tempo tão longo que ela é obrigada a retirar do seu lazer.

Esses casos citados permitem concluir que as economias externas resultam de desequilíbrios, ou seja, de aumento de custos e redução da qualidade de vida para a população, seja na forma de impostos pagos por ela e que são utilizados para realizar obras de infra-estrutura, que por sua vez, vão aumentar os lucros das empresas, seja na forma de custos diretos, que oneram o cidadão, na forma de despesas de transporte, tempo despendido e despesas em saúde, para atenuar o desgaste fisiológico provocado pela poluição. Portanto, o aparente benefício econômico da concentração industrial, é apenas um processo de transferência de riqueza da população para as grandes empresas. A descentralização industrial pode então ser realizada sem nenhum prejuízo para a economia do país.

**Planos e planos, caros e inúteis.**

Com relação ao controle do uso do solo, disse o professor Gabriel Bolaffi: Os planos urbanos realizados no Brasil, de 1965 em diante, somam mais de 5 mil, tanto globais como setoriais. Mas, nem 1 por cento destes planos chegaram a ser implantados, embora tenham custado uma fortuna.

— Me preocupei então, em saber quais eram os obstáculos que impediam a implantação destes planos, e verifiquei que os problemas se reduzem, principalmente, ao alto custo do solo urbano e à falta de controle do poder público, sobre este solo. Para se fazer qualquer tipo de reforma urbana teria de haver a desapropriação, mas o custo econômico destas desapropriações é proibitivo, e o custo político delas é altíssimo.

Nas cidades brasileiras, diz o professor Gabriel Bolaffi, o valor do solo urbano tende a alcançar taxas muito superiores às da inflação real. Numa economia permanentemente inflacionada, como a nossa, a aquisição de terras passou a se constituir numa forma de preservação da poupança das pequenas e médias empresas investidoras — na falta de um mercado de capitais capaz de absorver esses investimentos. Este fato gerou uma demanda de parcelas de solo urbano, com fins economicamente alheios às qualidades do uso do solo urbano, e elevou artificialmente o seu valor. Somados aos investimentos feitos pelo setor público, a valorização do solo urbano apenas acentua o caráter anti-social do processo. Na avenida Faria Lima, por exemplo, o valor dos terrenos cresceu, de 1967 para cá, cerca de 4000 por cento, resultado, principalmente, dos investimentos feitos pelo Poder público para transformar a antiga Iguatemi no que ela é hoje. O que se conclui é que o dinheiro público, proveniente dos impostos que o município investe para fazer desapropriações, beneficiará uma minoria, dona das terras que restaram depois da desapropriação.

**A terra dos terrenos baldios.**

Apesar do problema de especulações e valorização excessiva do solo não ser específico do Brasil, o professor Gabriel Bolaffi observa que ele é muito mais acentuado em nossa cidade, do que em outras do mundo.

— Justamente porque no Brasil, os impostos sobre a propriedade imobiliária são muito baixos, o que estimula a retenção especulativa das terras. Essa retenção, por sua vez, permite que parcelas consideráveis de terrenos, dentro das cidades, permaneçam ociosas, o que aumenta cada vez mais as distâncias, os custos dos transportes e dos serviços públicos.

Uma das medidas prioritárias que devem ser tomadas para solucionar este problema — do uso do solo urbano — segundo Bolaffi, está na elevação dos impostos imobiliários. Primeiro porque tal medida iria diminuir a rentabilidade dos investimentos imobiliários, inibindo, consequentemente a retenção especulativa. Em segundo lugar, a queda da rentabilidade imobiliária permitiria que capitais consideráveis fossem retirados da ociosidade. A saída dos investimentos especulativos do setor imobiliário faria com que aumentasse a oferta de terras no mercado, e contribuiria para reduzir seus preços. E, simultaneamente, o capital que saísse do setor imobiliário, poderia ser aplicado, produtivamente, na indústria e na agricultura. Além do mais o aumento da oferta seria um dado favorável para a execução dos programas de reforma urbana, investimentos em serviços públicos e programas de habitação.



Bolaffi: O campo expulsa e a cidade atrai.

## O desequilíbrio urbano

Conter o crescimento de São Paulo e do Rio e estimular o desenvolvimento de cidades de porte médio, interioranas — essa foi a tônica do discurso pronunciado pelo presidente Ernesto Geisel durante a instalação do simpósio "O Homem e a Cidade", promovido pela Fundação Milton Campos no Congresso Nacional.

A seguir, trechos do pronunciamento do presidente da República:

"Em certo sentido, a expansão urbana é, por excelência, o grande tema do Brasil moderno, em nossa época. Basta se considerar que, tendo representado 31% da população total em 1940 — ou seja, há três déca-

das e meia, quando muitos de nós já éramos vivos — a população urbana, na altura de 1980, já será cerca de 2/3 do total dos habitantes do país, correspondendo a quase 80 milhões de pessoas. (...) Por outro lado, tal processo de urbanização, rápido e descontrolado — descontrolado talvez porque rápido demais — caracterizou-se por um complexo de desequilíbrios:

— Desequilíbrios entre o poder econômico das cidades, principalmente no caso das áreas metropolitanas, e a sua infraestrutura, em particular, a social.

— Desequilíbrio, igualmente, entre o ritmo acelerado de crescimento das metrópoles, de forma prematura talvez, de um lado e, de

outro, a excessiva pulverização de pequenas cidades, desprovidas de substâncias econômicas e do mínimo indispensável de serviços sociais. Descurou-se, realmente, da formação de um número razoável de cidades médias, como força equilibradora e garantia de preservação de formas de viver humanas e estáveis.

O resultado foi que se acumularam tensões, principalmente nas regiões metropolitanas, algumas dessas comparáveis, em dimensão, aos maiores aglomerados urbanos do mundo e apresentando, ademais, aqui no Brasil, taxas de crescimento que certamente não mais ocorrem em Paris, Londres ou Nova York.



## A solução: US\$ 100 bilhões.

Quando foi prefeito de São Paulo, o engenheiro José Carlos Figueiredo Ferraz tornou famosa uma frase sua que derrubava a mania de gigantismo do paulistano: "São Paulo precisa parar". Há uma semana, discursando no I Encontro Internacional de Administração Pública, no Rio de Janeiro, Ferraz voltou a insistir em sua tese:

— O índice de crescimento de São Paulo deve ser contido a qualquer preço, sob o risco de sério comprometimento da qualidade de vida. São Paulo hoje tem um nível de crescimento desordenado, que já atinge as raias do insuportável, principalmente nas duas últimas décadas, fato que começa a se refletir na saúde do paulistano.

— Lembrando que não pretenderia ser um "profeta do Apocalipse", o ex-prefeito relacionou alguns dados estatísticos para

justificar sua apreensão:

— São Paulo lidera as estatísticas mundiais de mortalidade infantil, com uma taxa que já se encontra na faixa dos 10 por cento. Isto é: de cada 100 crianças que nascem, 10 morrem antes de completar o primeiro ano de vida.

Além disso, o fenômeno da urbanização desenfreada vem ocasionando um aumento desenfreado do índice de violência: a prova disso é que atualmente existem à solta, em São Paulo, 150 mil criminosos a lotação completada do estádio do Maracanã.

Figueiredo Ferraz relacionou num dos dados que comprovam a absoluta falta de infraestrutura básica na cidade:

— Além do lixo industrial, até detritos humanos estão sendo atirados à via pública

em São Paulo. Assim, em breve, São Paulo deverá ganhar mais um título: o de cidade mais mal-cheirosa do País.

Para evitar o caos total, Figueiredo Ferraz acredita que tenham que ser investidos em São Paulo, nos próximos anos, cerca de 100 bilhões de dólares em obras de infraestrutura — isto é pelo menos 30 bilhões de dólares a mais que o Produto Nacional Bruto do país. O ex-prefeito critica a mentalidade de alguns dirigentes brasileiros, que tomam São Paulo como modelo de desenvolvimento, e terminou sua palestra com o que ele considerou um mau exemplo:

— Recife faz questão de ser conhecida como o São Paulo do Nordeste, quando, na verdade, deveria se envergonhar de ostentar título tão humilhante e depreciativo.



Toninho Abdalla, da estranha corte paulista.

## ESTÚPIDAS

Toninho Abdalla, o verdadeiro príncipe de São Paulo, se recusa a misturar a palavra "noiva" na sua relação com Eliane Haddad. É a primeira investida que ele faz na sua própria raça: "Noivo eu estou do meu porsche". • Vocês já ouviram falar de um churrasco para 35.000 pessoas? Pois assim vai ser o churrasco do dia 20 em Água Branca, para os funcionários da Telesp. Um passe de mágica do Dinho's. • O tal Panorama do Museu de Arte Moderna não passa disso mesmo. Falar em escultura no Brasil ainda parece piada. • O bar que antigamente funcionava no Museu de Arte Moderna mudando-se para o Museu de Imagem e de Som, com organização a cargo dos filhos dos antigos drinqueiros. • Ministro Reis Velloso assinou ponto no Giovanni Bruno. Em grande estilo (ou mesa). • Dia onze o Hippopotamus assopra velinhas. Um ano de idade. • A quarta-feira desta semana esteve ocupada por um jantar em casa de Nathalia e Luciano Falzone. • O que impressionou a todos no casamento da filha de Paulo Maluf foi como lhe caia bem o vestido de noiva, feito em França. Detalhe: Ligia pegava o avião de manhã, provava o vestido em Paris e pegava o avião de volta à noite. Perceberam como o Concorde vai facilitar? • Os afoitos Regina e Baby Pignatari adotaram o seguinte sistema: tomar o cafézinho dos seus insistentes jantares no Hippopotamus. Os convidados que não entrarem na linha tomam cafezinhos cada um na sua casa. É o que aconteceu no mais recentes jantar com Rosana e Bubby Sansust e Ione e Justo Pinheiro da Fonseca. • Aliases, os Pignatari vão passar o natal e bastantes mais dias no Tahiti, no mesmo esquema de sempre. Levando até engraxate. Com eles vão Alik Kostakis e Aparicio Basilio da Silva, que assim abriu mão da África do Sul. • O comentário no Rio sobre o atual show de Roberto Carlos é: "Roberto Carlos está definido: Agnaldo Rayol 1976". • Clarice Chamma ganhou um enorme diamante que pretende conservar no álcool. • Dizem que Jackie Onassis vem camuflada com o nome da irmã. Enfim, tudo em casa.

# MAS DANIEL, DANIEL, DANIEL

### Cada um com seu estilo... ou técnica?

Leilah Assunção desperdiçou talvez o melhor momento de sua vida. A época a que se refere em recente entrevista quando escrevia com o útero. Ela devia ter avisado, porque fazia a sua fortuna e a de um circo. Vocês já pensaram se, no meio das atrações de um circo, de repente anunciam: "E agora a mulher que escreve com o útero" — e entrasse a dramaturga Leilah escrevendo...



Sandra Bréa. O show continua, sobretudo em casa.



Pierella Dalle Molle, fina.

### Nem tudo que jorra é petróleo

Alice e Luis Eduardo Campello reúnem hoje, quinta-feira, um grupo íntimo para jantar. Estão ficando mais discretos, os Campello, porque normalmente eles alugam Guarujá quando querem dar festa. O motivo desta noite chama-se Dadado Campello, que chegou dos EUA casado, como eu tinha dito.

### Com afeto & desafeto

Em todo affair ou desaffair há sempre um mínimo de duas versões. É o caso da badalada e insuportável "parisiense" Cristina Caraman e o Príncipe Eudes de Orleans e Bragança, vulgo "Bonitinho" no Country Club carioca. Segundo Cristina, o caso acabou porque o príncipe é um pouco frágil demais. A justificação dele é mais sincera: "Ela encheu o saco". Antes de voltar para Paris Cristina fez questão de conhecer São Paulo e foi hóspede de Charlota Shorto, que, por incrível que pareça, tem menos de 20 anos. Para variar — conforme mania dos Shorto de trancar-se e trancar seus amigos — Cristiana passou sua "temporada" paulista numa gaveta. Praticamente.

### Show & Casamento

Sandra Bréa, estrela musicada definitiva da Globo, viajou segunda-feira e só volta no início de janeiro com novas "vistas" para um ano tão novo. A viagem começa por Nova York, deslisa para Londres, depois da Inglaterra passa pela Espanha, Suíça e Itália. É o que se chama de um bom banho de mundo, muito precisado. Trata-se de uma viagem mista de negócios (o novo e terceiro maduro marido), lua de mel e amendoim. Amendoim que ela vai comer enquanto for assistindo a tudo que estiver sendo fetio de novo lá fora na área musical. Que pode estar sendo feito algo de boa qualidade porque de idéias, tanto lá como cá vive-se num beco sem saída. Sandra Bréa vem melhorando seu texto a galope.

### Masculinidade

Como previsto, a marca (título) Homem foi deferida pelo Instituto de Propriedade Industrial para a Editora Três (Status, Mais, Vogue, Planeta e etc. Etc. Etc.). A Três está com todo um esquema pronto para lançar mais uma revista utilizando o seu título Homem.

### Ler e reler

Quem vê no jornal da tela o Premio Walmap pode comentar que é um acontecimento antigo. Aparecem os vencedores Drumond de Andrade e Assis Brasil recebendo os prêmios. Antigo e até, poderíamos dizer, reprise, pois Assis Brasil é o mesmo ganhador do mesmo prêmio 10 anos atrás — e como não se sabe se o regulamento do Walmap permite premiações, a fofoca literária está desabalada e daí o jornal da tela ficou milagrosamente em cima do fato. Para o próximo Walmap, mais novidades. Ou seja, as novidades são estas. 1) Um prêmio para livro publicado; 2) Livro inédito do auto publicado; 3) Livro inédito de autor inédito. Nessa história de prêmios literários eu acho que já era hora de inventar um prêmio para quem lê, que é sem dúvida o dono da bola...

### Experts & Espertos

O people expert José de Villalonga escreveu que 1976 será o ano das atrizes: Charlotte Rampling, Sydn Rome, Isabelle Adjani, Faye Dunaway, Julie Christie, Catherine Deneuve, Dominique Sanda, Florinda Bolkan, Agostina Belli e Michele Morgan (não se espantem, é por causa do tal filme que ela fez agora e está fazendo o maior sucesso). O se não expert, muito atento, o Conde Rudi Crespi (enciclopédia viva sobre história contemporânea) respondeu-se: "Fosse vero!" Eu acho justamente o contrário. Cada vez que entramos num cinema encontramos na tela Alain Delon, Jean-Paul Belmondo, Marcello Mastroianni, Robert Redford, Al Pacino (comentário do redator: ufa, chato!). Dustin Hoffman, Steve McQueen, Paul Newman, Anthony Quinn, Donald Sutherland, Charles Bronson e Giancarlo Giannini".

### De Gaughin a Genaro

O novo baiano nunca existiu, o que vale é a nova baiana, que vem a ser a parisiense brasileira. (Estou falando de Nair de Carvalho ou Nair de Genaro). Que são as mulheres que estrelaram os sonhos de Gaughim. Só que aconteceu com Gaughim o mesmo acidente que "desviou" Pedro Alvarés Cabral: queria descobrir as Índias mas os ventos o trouxeram ao Brasil. Já Gaughim quis vir ao Brasil mas os ventos o levaram para o Tahiti. Daí Nair casou com o baiano Genaro de Carvalho e dele fez o maior tapeceiro brasileiro. Na verdade, o segredo da bela arte estava era dentro dela mesmo. Com a morte de Genaro, ela cobriu a dor com as cores e um deslumbramento todo particular e esperto. Fez da sua pintura um tapete voador de alta qualidade. Vive seis meses em Paris, seis meses no Brasil. Sua toca é em Salvador mas sua Texas é São Paulo. Vira e mexe, ela vem, expõe, vende tudo com sua elétrica simpatia e tudo bem. A partir de hoje, quinta-feira, ela expõe na loja (o Olimpo da decoração paulista) Terri & Andrea, e a dupla, que nada tem de boba, aproveita para convidar para um drinque de christmas shopping.



Alice e Sandro Giunta com Giuntinho: uma família bem administrada.

### Dá-me a fama, por favor!

Há certas estrelas que ficam na moda e da moda só chega no Brasil o lixo. É o caso da Charlotte Rampling. Eu diria que de tudo que eu vi dela (vi praticamente tudo) a única coisa boa que ela fez foi o filme terminantemente proibido "O Porteiro", com Dirk Bogarde. A gente sente que tem em cena dois bons atores, mas perante o filme difícil é dizer qual dos dois é mais chato. Ou melhor, dos três. Porque o filme também é uma forte parada. Agora ela acaba de estrelar o 85º filme de Robert Mitchum, o imperador dos canastrões. Mais uma aventura do clássico detetive particular Philip e Marlowe (criação de Humphrey Bogart).

Tenho certeza que o novelista Raymond Chandler jamais teve idéia de quanto emprego ele iria proporcionar no mundo da representação com seu detetive. Foi a primeira experiência de Rampling em Hollywood e ela se mostrou moça da mais extremada educação: "Gostei muito de filmar Farewell My Lovely porque sempre fui grande admiradora de Robert Mitchum". Assim que terminaram as filmagens ela correu de volta a Cabe de Antibes para o colo do marido.

### União faz a força

Alice Giunta, destacada personagem paulista, prevê para março a estreia de sua loja Piazza de Espagna na sobreloja do marido, ou seja, da Florença. Porque no fundo, fundo, nunca houve muita diferença entre moda e decoração. Assim, com essa mudança, Alice fica livre ao menos, de fazer contas. De agora em diante, em matéria de contas para Alice, só pérolas. Os dois negócios unidos num só utilizarão a mesma máquina administrativa. Enquanto isso Alice e Sandro (o marido) fazem dois tipos de malas: umas para Punta del Este onde alugaram uma casa, outras para Gstaad onde chegarão no ápice da temporada.

### Contas? Não, contos de fadas.

São Paulo é um eterno colar de pérolas. Ricardo Ramos já transformou em clichê o seu sorriso porque a agência que acaba de montar com Gracioso e Tassinari (Tempo de Publicidade), em menos de um mês de trabalho já está com oito clientes. E oito clientes do melhor bom texto. Dos mais importantes como imagem e verba publicitária. Antes que janeiro chegue, eles vão dizer quem é quem.

Mauro Salles, o vitorioso da conta do Bradesco. Só não entrou nesse tango a parte do grupo Moreira Salles.

Lage, Damonn & Stabel com uma nova marca de cigarro da Philips Morris. Fora a conta da tinta Coral e a conta das lãs Pinguim.



Gaiarsa

### Duas horas de rock? É demais.

Convidado para assistir a um dos espetáculos do show de rock que está sendo realizado no Teatro ~~de~~ ~~de~~, o nosso querido prof. Angelo Gaiarsa (Freud é seu avô paterno direto) agradeceu, mas dispensou a oportunidade.

"Acompanho tudo que é jovem, mas minha cabeça não resiste a duas horas de rock. Não consigo pensar. O som é violento demais para a minha cuca. Em matéria de psicadelismo ainda sou do tempo da valsa".



Ilde Lacerda Soares que foi morar um pouco em Paris & Alice Campello, que preferiria comprar Paris do que ter que ir até lá.



A francesa Nair de Carvalho.



Charlotte Rampling e seu esposo Bryan Southcomb. Requentados.

## BANCA

Com ou sem sigilo bancário, aqui vai uma história contada por alguém que é um dos maiores depositantes políticos do Banco do Estado. Um alto funcionário do Banespa foi visto telefonando para um amigo do Palácio do Governo. Ele desejava saber se Murilo Macedo, o jovem Presidente do Banespa, iria trocar o Banco pela Secretaria da Fazenda, para onde seu nome já teria sido definitivamente indicado por Paulo Egydio. Perguntado o porquê daquela curiosidade o alto funcionário respondeu: "E que o pessoal lá do Banespa me pediu para saber se é verdadeira a notícia, porque se fôr a gente vai fazer campanha contra. E sabe por que? Porque todos querem que o Murilo continue aqui no Banco".

(Lá longe, o velho Magalhães Pinto, o Pigmaleão de famosa equipe do Banco Nacional de Minas Gerais, de onde Murilo Macedo saiu para a Presidência do Banespa, deve estar com seu sorriso mongólico de ponta a ponta. É que nem mesmo um Zé Luís Magalhães faz falta quando a equipe é bem estruturada).

## COMME IL FAUT ATACA

O sr. Comme il Faut ficou encantado com o camelo que compareceu à festa de Julieta e Ladel Assez. Não só com o camelo (que jamais poderia errar de endereço: República do Líbano) mas também com o menu de 35 especialidades — perguntem se árabes? Henriqueta Gomes, íntima amiga do sr. Comme il Faut, também achou tudo adorável.

## ESTÚPIDAS

Edla Van Sten janta hoje, quinta-feira, em casa. Por causa de Claudio Campuzano, que mora em Nova York e faz negócio em São Paulo. Porque Claudio é amigo da casa e Edla adora homenagear amigos.

• Yolanda Penteado Matarazzo, a pirâmide paulista, está no Rio e não pretende voltar tão cedo: "No Sheraton eu me sinto entre o Rio, Bahamas e o sul da Espanha". • O sucesso livreiro só tem um nome: Caio o Pano (e morre Hercule Poirot). Da Nova Fronteira, claro, que não sabe editar fracassos. Mudou o "uniforme" feito por Bea Feitler para coleção Agatha Christie e a morte de Poirot mereceu tradução de Clarice Lispector. • Este sábado 7 tem encontro marcado na casa de Maria Alice e Geraldo Abondanza. Festa de aniversário: Da dona da casa. • Dia 10 é aniversário de Silvano Dalle Molle por isso Pierella organizou festa. • Maria Ex-Sroulevich, feliz da vida segurando as rédeas de Courrèges em Paris. Escreveu dizendo que trocar Paris por Rio de Janeiro é a mesma coisa que trocar Rio de Janeiro por São Paulo. • O aniversário (viram como nasceu gente no mundo?) do profeta da política liberal Afonso Arinos foi uma verdadeira festa egípcia, reunindo 400 anos cariocas, 400 anos mineiros, 400 anos pernambucanos, 400 anos baianos. É só somar que dá 70 anos.

• A Cendrillon, das minhas amigas Leda Lucia Galdeano e a inquieta Lila Léa, aderindo à linha moda & decoração. Atenção para as saídas de praia.

• A moda no Rio é cada vez mais o Café de la Paix na torre Maeridien. Que procurou ser cópia fiel do parisiense Café mas com tanto aço e vidro novo ficou mais parecendo uma cópia direta dos primeiros Ricks.

Um conselho a quem passa o dia em escritórios, trancado, sem fazer ginástica ou se movimentar: mexer com o corpo.

O "tratamento" pode começar com uma simples caminhada diária. Depois vêm os exercícios mais duros, com e sem o auxílio de equipamentos.

## Acabe com a gordura e o cansaço (sem sair de casa)

Flacidez excessiva, exaustão ante qualquer esforço físico e algumas gordurinhas mal distribuídas caracterizam os habitantes de São Paulo. Mexer o corpo, com 15 minutos de ginástica diária, juntamente com os filhos e a mulher, é a receita do prof. Hermes Zanandrea, da Coordenadoria de Esportes e Recreação do Estado de São Paulo, para corrigir todos esses problemas, "e ainda favorecer a integração da família".

Existem muitos livros e manuais que podem contribuir para essa prática. Os mais conhecidos: o Manual de Ginástica Canadense, editado pela Real Força Aérea do Canadá; Ginástica e Calistenia de João Lotufo; Educação Física Feminina Integral, de Paulo Nogueira; O Novo Sistema (para casais) de Bonnie Prudden e o Método Cooper. O mais recomendado, entretanto, é do professor alemão Helmut Sull: "Educação Física e Matroginástica".

### OS EXERCÍCIOS

O prof. Zanandrea recomenda um aumento gradativo do número de exercícios, a partir de cinco repetições, no princípio, até um total de 20 no final de uma semana. Observa, porém, que cada pessoa deve determinar para si a carga a que pode se submeter, sem nunca chegar à exaustão.

Para ele os exercícios devem ser dosados de tal forma a desenvolver, simultaneamente, todas as partes do corpo, para evitar incorreções. Partindo de exercícios simples, sem a utilização de qualquer equipamento, na fase inicial, a receita do prof. Zanandrea é a seguinte:

- 1 - Tornozelos e pés (material necessário - um cabo de vassoura) - sobre o cabo de vassoura, rolando para frente e para trás, esse exercício força o arco - planta do pé - melhora a irrigação sanguínea;
- 2 - Mobilidade de tornozelos - segurando o tornozelo com uma das mãos e a ponta do pé com a outra o exercício consiste na flexão do pé, para trás e para frente, simultaneamente, contribuindo para reforçar a articulação do tornozelo, aumentar sua mobilidade, reforçar os ligamentos e aumentar a circulação;
- 3 - Tornozelo e barriga da perna - pisar com a ponta dos pés num tijolo e levantar o calcanhar;



4 - Pernas, coxas e abdome - correr, sobre acolchoado ou espuma, sem sair do lugar, levantando bem os joelhos. Outro exercício que contribui para trabalhar os músculos dessas regiões do corpo é o de saltar e agachar continuamente;

5 - Abdome - deitado de costas o indivíduo dobra as pernas, colando a sola dos pés no chão, movimenta-se de tal forma a tocar os ombros nos joelhos, tomando o cuidado de quando retornar à posição inicial tocar o queixo no peito, para arredondar a coluna e evitar o choque com o chão. Nesse exercício é importante expirar quando o corpo subir e inspirar quando descer;

6 - Oblíquos - o mesmo exercício anterior, alternando o toque do ombro direito do joelho esquerdo e vice-versa, contribui para o desenvolvimento dos abdominais laterais, ou oblíquos;

7 - Peitorais - deitar distendido, de frente para o chão, colocando a palma da mão no assoalho, movimentar-se estendendo e flexionando os braços, mantendo o corpo reto ao se levantar, apoiado apenas na ponta dos pés e nas mãos;

8 - Dorsal - na mesma posição do exercício anterior,

com a palma das mãos tocando nas coxas, elevar as costas e as pernas ao mesmo tempo. É o exercício ideal para quem trabalha em escritório em serviço de datilografia: evita a corcunda;

9 - Braços - sentado, com o cotovelo fixo junto ao tronco, deve-se segurar um livro e movimentar o braço até tocar o peso no ombro e voltar à posição inicial lentamente;

10 - ombros - o mesmo exercício anterior, mas com os braços estendidos, movimentando apenas as articulações do ombro;

11 - antebraço e punho - fazer o movimento de amassar bolas de papel, ou de borracha. Fortalece os músculos do antebraço e os ligamentos da articulação do punho;

12 - pescoço - girar o pescoço devagar, tentando tocar as orelhas nos ombros. Esse exercício pode se tornar mais eficiente forçando-se o pescoço com as mãos, fazendo oposição ao movimento.

O prof. Zanandrea adverte que, na medida em que o corpo se adapta aos exercícios, esses devem variar, para quebrar a monotonia e permitir um rendimento maior. O uso de equipamentos adequados também é importante, mas observa que um único equipamento não é suficiente.

Para ginástica caseira conta-se com um variado sortimento de equipamentos, para as mais diversas finalidades. Os equipamentos e preços por nós pesquisados foram fornecidos pela loja Center Sport, do Shopping Center Iguaçu:

- tensores de elástico - com 3 a 7 fios, custam entre Cr\$ 64,00 e Cr\$ 112,00;
- tensores de mola - (Stik) para adultos, Cr\$ 199,00; para crianças, Cr\$ 189,00;
- Bullworker - um cilindro com mola interna, tem pressão regulável e dois cabos de aço externamente. Útil para ginástica de braços, pernas, ombros, abdome, pantorrilhas, de origem espanhola, custa Cr\$ 720,00;
- halteres pequenos - de meio quilo à 10 quilos custa Cr\$ 16,00 o quilo
- halteres de barra - de 39 kg. e 1,20 m Cr\$ 720,00; de 53 kg. e 1,50 m Cr\$ 1.080,00; de 75 kg. e 1,80 m Cr\$ 1.350,00.

# Chegou a nova geração de pneus.

Numa rodada prá frente, a Pirelli lançou de uma só vez toda uma nova geração de pneus de passeio:

- Tornado Alfa.
- Tornado Beta.
- GTI 70 - Série 70 (Gran Turismo Internacional).
- Cinturato CN15 Coronado Premium.
- Cinturato CN36 - Série 70.

Projetada por computadores para vencer o clima e as condições de nossas estradas, essa nova geração chegou para tornar mais feliz todas as gerações de automobilistas.

Rode para o presente com os modernos, confortáveis, silenciosos e esportivos pneus da nova geração. Pirelli é o melhor da roda, porque Pirelli é mais pneu.



# AS DRAMATURGAS

## Claudia fica em São Paulo: seu teatro é aqui.



Claudia de Castro acredita que toda mulher enfrenta uma dificuldade extra para se impor como dramaturga, "porque existe uma crença generalizada de que especialidade de mulher é fofoca". Uma vez provado, contudo, que sabe escrever, ela passa a enfrentar apenas os obstáculos reservados aos autores, em geral, independentemente do sexo. O próximo passo é ter um grupo teatral de amigos — "porque você precisa partir do princípio que o teatro profissional, já esquematizado, vai te cortar de cara", ela diz.

Claudia reconhece que, no seu caso particular, encontrou relativa facilidade para ter uma peça montada pela primeira vez, decorrente do fato de já ser do meio teatral, atriz diversas vezes premiada. É verdade que até isso foi motivo de descrédito — muita gente lhe garantiu que uma boa atriz não podia ser, ao mesmo tempo, uma boa autora. Mas foram seus conhecimentos no meio que lhe permitiram montar "O Caso de Walter e Kate", no Teatro Galpão.

— Não estou reclamando, só estou constatando, ela faz questão de esclarecer.

Ter, finalmente, a primeira peça montada já é

uma grande façanha, mas não resolve tudo:

— As pessoas não te dão crédito imediato, nem depois de assistirem e gostarem. Elas têm medo de ter critérios próprios. Só depois que saem as críticas — favoráveis — é que elas podem elogiar, reconhecer que gostaram.

"O Caso Walter e Kate" não foi o primeiro texto que Claudia escreveu, e tampouco o melhor. Apenas a mais fácil e mais barata para se montar. Segundo a autora, "leve, engraçada. Uma pecinha. Sem maiores pretensões".

Escrever, faz tempo que ela escreve — desde o curso clássico, em Petrópolis. Mas, no Teatro, o que a atraía mesmo era o

palco. Sua vontade de ser atriz era tão grande quanto o horror do pai a essa idéia. Assim que ela começou a se envolver com teatro, foi imediatamente mandada de Niterói para Petrópolis onde, supunha-se, ela não poderia nem pensar em teatro, muito embora o pai tenha se encarregado de supri-la de farto material sobre dramaturgia. Ator, sua família não tinha. Mas, de escritor, já havia precedente — o avô. E Cláudia começou a escrever.

Depois de muito tempo mostrando e ouvindo críticas a seus textos, ela já vê perspectivas mais amplas de ter outras peças montadas. E acredita que comece, aqui, a

parte mais difícil de seu trabalho:

— Eu estou sempre fazendo novas peças. Mas o grande mistério é depois, quando elas estão no palco e você senta para ver o que fez, de certo e de errado — porque a gente sempre acha que é um gênio. O grande trabalho é mesmo o que você tem que fazer de peça para peça, para escolher o que dizer, sem se repetir.

Depois de muitas peças, entre as quais "Pela janela do seu rosto vejo o céu da sua boca, meu bem" e "Da América Latina só saio morto", Claudia de Castro tem uma preocupação: não se prender a um estilo. Primeiro porque é contra definições. Depois, por-

que prefere as pessoas que têm múltiplas facetas, e que revelam sempre novas surpresas:

— Não se define estilo com uma peça ou duas, mas com muitas. E, depois de defini-lo, não se pode prender-se a ele. Seria como se Boal fizesse agora "Arena conta Chile", usando uma fórmula de sucesso.

O grande sonho ela confessa — é escrever, dirigir e interpretar uma peça sua: "Um pintor faz um quadro sozinho. Um escultor faz sua escultura sozinho. A gente que faz teatro precisa dos outros para completar nosso trabalho. É terrível isso. É bonito mas é terrível".

Há quem ache impossível uma só pessoa ser autor, ator e diretor.

Para Cláudia, entretanto, impossível é outra coisa — viver de teatro. Como autora e como atriz:

— Já ganhei dois prêmios de interpretação, mas não consigo me sustentar. Ou recebo dinheiro do meu pai, ou vou fazer televisão, onde, como não tenho um rostinho ingênuo de namoradinho do Brasil, vou ser eternamente a secretária do patrão. Ou a professorzinha do Interior. Então me recuso, e só me resta o teatro, que nos aceita com nossos narizes, nossas bocas, nossos olhos, Talvez daqui a 10 anos eu já consiga me sustentar sozinha.

Comparando-se aos dramaturgos de outras gerações, Claudia conclui que eles tiveram mais sorte: "agora nos limitamos a fazer peças que não ajudam nem prejudicam ninguém. Não que nós seríamos gênios se o estado de coisas fosse outro, mas não teríamos a auto-censura".

Com ou sem auto-censura, ela vai continuar escrevendo — "é um exercício". E em São Paulo. Embora Niterói estivesse mais perto do Rio que daqui, ela não conseguiria levar adiante seus planos numa cidade de tantas solicitações quanto o Rio.

Quando Dela Martins trocou a intimidade de seu diário escrito em versos, em Votuporanga, pelas peças de teatro, precisou engolir uma boa parte do que tinha a dizer: o grupo amador que encenava seus textos era o da igreja, e ali não se permitiam ousadias.

— Lá, só mesmo paz, amor e salvação.

Embora ela conseguisse, de vez em quando, burlar a vigilância das freiras e conservar certos trechos, condenados por escandalosas referências a coisas como "descarga de privada", Dela se aborrecia com a impossibilidade de dizer o que queria. Só não se frustrava mais porque, ao contrário do que enfrentaria mais tarde, em São Paulo, suas peças eram montadas e faziam sucesso. Mas, de qualquer forma, não havia muito a fazer: a família também não queria saber de Dela escrevendo para teatro:

— No Interior a gente é muito dependente. Só quando vim para São Paulo é que pude me dedicar mais. Meu marido é muito liberal,



## Dela, à espera da emoção de ver no palco uma peça sua.

e me deixou à vontade para fazer o que gosto.

Dela fala do marido — o Meia-Meia, garçon do restaurante Piolin — com admiração. Mas está sempre atenta para ser conhecida pelo próprio nome — Dela, de Adelina; e Martins, o sobrenome de solteira — antes de ser chamada de "a mulher do Meia".

Emancipada e liberada, ela voltou às suas peças. Dessa vez com a possibilidade de escolher livremente seus próprios temas. E logo escreveu "O Anjo de Chifres" e "A Dama e a Cama". Depois veio "Viva Suzana", a mais recente. (Escreveu muitas outras, mas ainda estão inacabadas, e, só depois de sucessivos reexames ela considera uma peça

pronta para ser montada.

O custo de vida, a prostituição, o homossexualismo, a corrupção — Dela já falou disso tudo, até agora:

— Nós devemos viver a realidade, em vez de sonho e fantasia. Ainda mais na época em que estamos vivendo, onde isso tudo é normal. Custo de vida, por exemplo, não é um problema só meu. Todo mundo

enfrenta. Prostituição, em alguns países, já é até profissão legalizada, ou quase isso. E você vê mesmo, em qualquer lugar. É um problema que pode e deve ser discutido. E os travestis, por que esconder se a gente tromba com eles na rua, se na Dinamarca eles até já se casam?

Dona-de-casa, estudante e mãe de um menino, Dela tem pouco tempo para escrever. E não sabe ainda quanto tempo vai ter que esperar para ser montada. Ela já descobriu que é a parte mais difícil do trabalho de uma autora inédita, por isso não se impressiona com o fato de já se ter passado um ano, desde que mostrou pela primeira vez uma peça sua. E localiza a origem dessas dificuldades:

— Talvez porque existam muitos autores, todos precisando de trabalho, enquanto os textos estrangeiros são muito mais montados do que os nacionais. Assim, quem está começando fica prejudicado. Afinal, hoje até as prostitutas têm concorrência, com tanto travesti, que dirá, então, um autor nacional?

Ser mulher, ela acredita, não facilita nem dificulta nada: "mulher, hoje, quando quer, consegue".

Enquanto espera, ela se informa. A conselho de Leilah Assunção, registrou-se sócia da SBAT — Sociedade Brasileira de Autores Teatrais — e começou, há cerca de dois anos, a ler todos os textos de peças que lhe caem nas mãos. Teatro profissional ela viu pela primeira vez depois de chegar a São Paulo, há cinco anos atrás. "Abelardo e Heloisa" — ela não esqueceu a peça.

Entre os autores que ela lamenta não ter visto montados está Plínio Marcos. Depois que ela começou a frequentar teatro, não foi liberada mais nenhuma peça dele.

No dia em que vir um de seus textos encenados, Dela acha que vai se sentir "quase realizada". Realizar-se inteiramente, nunca:

— Quem escreve sempre quer melhorar. Sente necessidade de trabalhar para alcançar sempre o melhor. No momento em que eu disser — pronto, estou realizada, acabou-se a vontade de melhorar, acabou-se tudo.

ARTE

A arte milenar em uma nova galeria



Máscara do demônio (Moçambique, século XIX)

Ralph Camargo possui uma qualidade rara entre os marchands brasileiros: a coerência às suas próprias idéias, o que faz com que suas galerias (esta é a terceira) sejam elas mesmas atitudes assumidas diante da arte, no país, num dado momento histórico. Sem que isso signifique uma "meia volta, volver" para o passado e diante das incertezas futuras, Ralph associou-se a seu irmão Ricardo para juntos iniciarem o que chamam de "ciclo das grandes revisões". Pretendem descobrir, selecionar, apontar valores indubitáveis. E, como dizem, elevar a voz no balbúcio vigente, inaugurando uma exposição com mais de 100 obras da arte egípcia, japonesa e negra, do ano

2000 A.C. até os nossos dias. São esculturas, máscaras, armas, gravuras, jóias que foram colecionadas em 2 anos de pesquisas. Esse "museu" descontraído, com peças de fascinante beleza, inclusive pelo significado do tempo que encerram, oferece a grata surpresa do contato coloquial com objetos milenares, geralmente intocáveis mitos dos museus. Agradável, inteligente e eficiente empreendimento que num momento de insegurança econômica, permite

investir no passado, que o tempo só valoriza. A preços de antigamente — 100 peças, de 1 a 40 mil cruzeiros. R & R Camargo Arte (av. Europa, 408).



Guersoni: domínio da técnica

**ODETTO GUERSONI** — "O que você achou da impressão? Olhe que tenho ciúme das minhas impressões". Bem humoradamente, Guersoni extravasa o afeto que dedica aos trabalhos que concebem, executa e emoldura usando um processo de impermeabilização que dispensa o vidro. São gravuras de formas geométricas sobrepostas, que partem de um projeto rígido para adquirir múltiplas facetas através da repetição, da justaposição ou da cor, raramente excessiva. Gravador há quase 30 anos, Odetto Guersoni, paulista de Jaboatão, aos 48 anos, deixa transparecer em seus trabalhos a destreza alcançada nesse tempo de dedicação à técnica, no domínio da tinta, na transparência das cores obtidas, no trabalho opcionalmente artesanal. Estão na mostra as séries "justaposições", "gradações", "mandalas", "desdobramentos", "múltiplas" e "gravuras-objeto" (com relevo), apenas nomes para dividir uma obra interligada e segura do artista maduro que "enamorado da técnica", alimenta um constante e dinâmico diálogo com sua arte. 41 trabalhos, de 900 a 1500 cruzeiros. Galeria de Arte Alberto Bonfiglioli (r. Augusta, 2995).

**11 ARTISTAS DO NORDESTE** — O nordeste é tema, ou ponto de referência, nessa coletiva que a Galeria promove visando as vendas de natal. A mostra reúne trabalhos (de esculturas a serigrafias) de 11

artistas plásticos nordestinos, todos de inegável consagração comercial, alguns de real valor artístico. De Aldemir Martins há pinturas do gênero das utilizadas na abertura da novela de TV "Gabriela"; de Antônio Maia, pinturas com seu tema habitual, os ex-votos. O indefectível Carybé expõe aguadas com paisagens praianas ou figuras de mulheres. Há as decorativas talhas de Calasans Neto e inquisidoras telas de Floriano Teixeira que usando o recurso dos graffiti retrata o lento abandono das tradições da cidade de Salvador pela imposição do "moderno". Ou o surrealismo piscoso de Geraldo Rocha, pequenas esculturas de Mário Cravo, temas bíblicos de Virgolino. As peças de resistência são, contudo, as tapeçarias de Genaro de Carvalho, que causam frissons às VIPs paulistas. De 2 a 17 mil cruzeiros. A Galeria (r. Haddock Lobo, 1111).

**ARQUITETURA, IMAGEM E SOM** — Desta vez, os meios não justificam o fim. Reunindo considerável quantidade de material fotográfico do reputado fotógrafo José Moscardi, que por 30 anos documentou a arquitetura nacional, o Museu da Imagem e Som inaugurou uma exposição de arquitetura — para arquitetos. É o que se conclui, quando diante de certos painéis expostos (os de Brasília, por exemplo) procura-se avidamente o autor das obras. Não consta. Ou em outros casos, se citados, não são localizadas suas edificações. Mistério maior, num painel com um projeto de uma usina de leite, inclui-se uma fotografia da torre da cidade universitária da USP. E o que pensar da área destinada ao concurso de foto e cinema intitulado "Arquitetura e Cidade" em que apenas são encontrados o 2º e 3º prêmios, menção honrosa, etc. E o 1º? De qualquer forma, é uma mostra consistente, com reconhecidos nomes como Vilanova Artigas, Paulo Mendes da Rocha, Oscar Niemeyer, Sergio Ferro, entre outros. Ao lado da exibição de 80 filmes e áudio-visuais realizados especialmente para o evento, além de uma série de clássicos do cinema de algum modo ligados à arquitetura: E, ainda, às quartas-feiras, debates com arquitetos e artistas atentos a tudo sobre arquitetura, imagem e som. MIS (av. Europa, 158). (Coca de Oliveira)

MOACIR WERNECK DE CASTRO

LIVROS E AUTORES

Do inferno à pureza



Puig: sem nenhuma piedade

**THE BUENOS AIRES AFFAIR**, de Manuel Puig; Civilização Brasileira; 209 páginas; 40 cruzeiros.

O argentino Manuel Puig, já conhecido do nosso público através das traduções de seus romances *Boquinhas Pintadas* e *A Traição de Rita Hayworth*, deu ao seu terceiro livro, *The Buenos Aires Affair*, agora lançado em português, o subtítulo de "romance policial". Com isso, terá buscado provar que era capaz de vencer o desafio de um gênero fascinante, como todos aqueles meandros e maces. Mas o desafio que enfrenta é na realidade mais sutil: trata-se de inserir na técnica desse gênero, como alguns já tentaram com êxito relativo, uma literatura psicológica de alta densidade, que não faz concessões para enquadrar-se na moldura da novela de mistério.

Manuel Puig é um romancista consumado, que pode entrar-se a esse tipo de exercício sem o risco de fracassar. E parece visível que o faz com o espírito de marcar o seu tento e seguir adiante em busca de novas experiências. Assim é que antes, em *A Traição de Rita Hayworth*, ele não hesitou em arrostar um gênero de narrativa minuciosamente adaptado à vida mediocre dos personagens, sem receio de que essa mediocridade, apagada e vil, pudesse tranformar-se para o leitor em invencível chatice. Puig tira de letra esses perigos, sob os quais outro com menor domínio do ofício sucumbiria lamentavelmente.

Seu terreno privilegiado de romancista é a classe média argentina, especialmente a de Buenos Aires. Classe em que ele nasceu e se formou, assimilando tudo o que ela encerra de mesquinhos segredos, todo o seu patético cinzento, toda a tristeza de seus horizontes baixos. Quando se embrenha nesse mundo de frustrações, não se espere dele nenhuma complacência: pode não estar exercendo nenhuma vindita, mas vai até o mais fundo de sua

vivisseção com implacável rigor, sem que transpareça qualquer resquício de piedade.

*The Buenos Aires Affair* chama-se assim por causa de um devaneio da heroína (?), que dá esse título a uma imaginária entrevista que concede ao *Harper's Bazaar*. Ela é Gladys, uma artista plástica frustrada, sonhadora, neurótica, com um razoável acervo de experiências sexuais mal sucedidas, e que perdeu um olho ao resistir a um louco que tentava violentá-la; é filha de uma declamadora e poetisa fracassada. Doente e apática, sozinha aos 34 anos, Gladys encontra Leo e agarra-se nele como na tábua de salvação. Leo é um tarado sexual que um dia, quando jovem, massacrara com um tijolo, num terreno baldio, um homossexual, Pasolini dos pobres de arrabalde portenho. Ex-dono de galeria e diretor de revista de artes plásticas, tem influência nessa área e oferece a Gladys uma grande oportunidade de representar a Argentina numa exposição interamericana de pintura que se realiza em São Paulo. Mas há uma concorrente que acaba levando a melhor, por manobra do próprio Leo. Em torno desse núcleo, com a interveniência de outros persona-

gens bem marcados, se enreda a trama de mistério que justifica o subtítulo "romance policial". Claro que ninguém aqui vai contá-la.

A tessitura romanesca é elaborada por Manuel Puig com mão de mestre: monólogo interior, diálogo de uma parte só, interpenetração de sonho e realidade, relato jornalístico, notas taquigráficas, inventário, laudo médico, biografia resumida, *flashback*, confissões ao analista, inúmeros recursos e processos se sucedem e ordenam para um fim desejado. Evidente que a mobilização desse arsenal exige uma técnica muito sofisticada e, dentro dessa técnica, o instrumento adequado — uma linguagem extremamente sensível aos matizes do que se trata de expressar. Em matéria de linguagem, tiremos o chapéu a esse escritor argentino. Cada palavra está no seu lugar devido, a frase se ajusta com perfeição ao conjunto; nenhuma queda diante da tentação do virtuosismo e do efeito fácil; uma economia rigorosa de meios que implica refinada perícia artesanal.

No desenrolar do romance, sobretudo no desenlace, antes que a tensão se torne insuportável intervem a mestria de Puig. O elemento de tragédia que permeia a história ameniza-se por um humor contido, pelo toque de nostalgia (os diálogos de filmes que servem de epígrafe a cada capítulo), pela delicadeza de tratamento que o autor sabe dar às situações mais cruas. E no último capítulo a vizinha de apartamento de Leo, a jovem mãe arquetipo, apaixonada de corpo e alma pelo seu marido normal, *madonna* com bumbino, prestes a conceber outro bambino nascido do orgasmo puro, aparece subitamente como um alvorecer de esperança: nem tudo está perdido no mundo, o que se viu no livro foi a vivência de uma parte mais sofrida da pobre humanidade contemporânea. Afinal, por incrível que pareça, nem tudo é inferno. A normalidade, essa coisa estranha, existe. Até a pureza existe. A pureza pode não triunfar sempre, como nas novelas edificantes — mas existe.

A morte do detetive Poirot

Hercule Poirot, o famoso detetive criado por Agatha Christie, continuou funcionando depois de morto. A história de sua morte foi escrita e engavetada pela autora (pelo menos é o que ela conta) na década de 40. No entanto, ela continuou a mantê-lo vivo como personagem de numerosas histórias que levaram o seu nome aos quatro cantos do mundo.

Só agora o detetive morre para o público em *Cai o Pano — O Último Caso de Hercule Poirot*. (Nova Fronteira, com muitos erros tipográficos). Fecha-se o ciclo, voltando o personagem ao cenário do primeiro romance, *O Misterioso Caso de Styles*, com a antiga mansão Styles transformada em pensão. Há quem acredite que o livro foi mesmo escrito agora, mas isso deverá constituir para sempre um outro mistério de Agatha Christie.

Um estudo da perseguição

Pensadora original e vigorosa, Hannah Arendt, alemã naturalizada americana, apresenta em *Anti-semitismo, Instrumento do Poder (Origens do Totalitarismo, Documentário)*; um penetrante estudo sobre a perseguição aos judeus como pedra angular para a escalada do poder pelos movimentos totalitários que culminaram com o nazismo. O tema é analisado em suas raízes históricas, sociais e econômicas. A autora sustenta que os judeus foram tomados como bode expiatório daqueles movimentos precisamente por não terem poder, embora em torno da comunidade israelita na Europa se criasse uma série de lendas, personificadas sobretudo por um todo-poderoso Rotschild que manejaria os cordéis de todas as decisões políticas. Hannah Arendt se lê sempre com um fascinante empenho intelectual.

Brasil: Outra visão americana.

Acaba de sair nos Estados Unidos, editado pela University of Texas Press, mais um livro importante sobre o Brasil contemporâneo: *Brasil and the Great Powers, 1930-1939. The Politics of Trade Rivalry*, de Stanley E. Hilton.

José Honório Rodrigues diz no prefácio que se pode discordar de algumas opiniões do autor, particularmente no que toca ao conceito e papel do imperialismo, mas que não há livro norte-americano que se compare a esse "em seu exaustivo exame das mais variadas fontes documentais e em suas novas e originais contribuições à compreensão da moderna história brasileira". Um livro que precisa ser logo traduzido. Infelizmente, continuamos cada vez mais a saber da nossa história contemporânea pelo que escrevem os pesquisadores de fora.

OS MAIS VENDIDOS DA SEMANA

NACIONAIS

- Paris, Guilherme Figueiredo
- Os melhores contos brasileiros de 1974, vários autores
- Leão de chácara, João Antônio
- O deserto é fértil, Dom Helder Câmara
- Oposição, Paulo Bossard
- 13 pontos, Mauro Demack
- Pessach: a travessia, Carlos Heitor Cony
- Primo Altamirando e elas, Stanislaw Ponte Preta
- Livro de Cabeceira do Homem, vários autores
- Dora, Doralina, Rachel de Queiroz

ESTRANGEIROS

- O dinheiro, Arthur Hailey
- Materia dos sonhos, J. M. Simmel
- Cai o pano, Agatha Christie
- O triângulo das Bermudas, Charles Berlitz
- O inferno na torre, Richard Martin Stern
- A morte em Veneza, Thomas Mann
- O grego, Pierre Rey
- Até que a sorte nos separe, Alison Lurie
- Arlequim, Morris West
- Sibila, Flora Rheta Schreiber

Fontes: Cultura, Brasiliense, Mestre Jou e Teixeira.



ABILIO PEREIRA DE ALMEIDA

TEATRO

## Receita para uma peça de sucesso: Mais uma cor no arco-íris

Esse nome da peça se nos afigura muito adequado, porque traz conotações de ordem física, com vistas aos colegiais, e implica toda uma simbologia de ordem psico-social, em relação às cores, o que interessa cientificamente aos universitários. E, de certo modo, se configura um "suspenso", em se saber qual a nova cor descoberta no espectro solar e seu significado físico e abstrato. Vislumbra-se, pois, através do título, uma promessa de cultura, profundidade e arejamento, o que é muito bom, mormente em atenção às exigências da "especializada".

**TEMA** — Como o nosso público de teatro não é propriamente um exemplo de boa educação, eis que não respeita o horário, este, digamos de passagem, que também não costuma ser observado pelo empresário — e os retardatários provocam notável poluição sonora, prejudicando a audiência dos que se deram ao cuidado de chegar na hora, ou com antecipação, é recomendável que o autor não entre, "ab initio", na temática da peça, com prejuízo para seu perfeito entendimento. Aconselhamos um nariz de cera de três minutos. Na espécie, sugerimos uma projeção prévia de "slides" em cor, sobre motivos bíblicos, com o que se enriquece a produção, além de se imprimir um halo de cultura ao espetáculo. A série de "slides" a ser projetada pode se constituir na sequência da expulsão de Adão e Eva do Paraíso, após comerem o fruto proibido. O "slide" nº 1, será a citação bíblica em caracteres góticos: — "Comerás o pão com o suor de teu rosto" — (Gênesis, III, 19). Os quadros seguintes apresentarão Adão e Eva totalmente nus, como na Bíblia. A mulher pode se apresentar com uma vasta cabeleira, encobrendo discretamente suas vergonhas e Adão será fotografado naturalmente, sem mostrar, com nitidez, o órgão sexual. Estes cuidados serão observados, principalmente, na exibição especial para os senhores da Censura. Nos espetáculos de rotina, não se terá a ridícula preocupação de se ocultarem os respectivos sexos. Recomendamos um casal maravilho-



so, escultural; nada de um Adão com cara de macaco e uma Eva gordota e rechonchuda. O fundo musical será Debussy — "L'après midi d'un faune". Mencionar o nome da música no programa. No último "slide", quando Adão e Eva estão deitados, um sobre o outro, ouve-se o vós em "off": — Adão, onde estás? (Gen. III, 9). Há uma fusão sonora e, após, uma fusão de imagem, pois a tela de projeção some-se, bipartindo-se, dando lugar a uma cena real de nossos intérpretes; por mera coincidência, o homem chama-se Adão; e Violeta, a mulher. Os dois aparecem nus, na mesma posição e situação como no "slide". Será sem dúvida uma "trouvaile" que será aplaudida em cena aberta, mormente se a Cia. tiver uma claqué bem organizada. Aí se inicia, propriamente, a peça. O casal se ama tremendamente numa "garçonniere" decorada oriental. Quem bate à porta, perguntando por Adão, é o sócio deste na dita cuja que, por coincidência, é o marido da senhora em flagrante adultério. — "Meu marido Jonas! Estou perdida!" — "E, enquanto os dois se vestem, Jonas continua do lado de fora: — "Hoje era meu dia, Adão. Você tem que sair em 15 minutos e deixe tudo bem arrumadinho, que tenho meu programinha". Então Violeta, que é muito perspicaz, percebe que o marido a engana e ainda por cima possui uma "garçonniere" em sociedade com seu amante. É demais! Quer reagir, no que é impedida por Adão que lhe demonstra a reciprocidade do adultério. Toda a cena é decorada com aquele palavreado que nós já imaginamos. Não

há uma palavrinha. É tudo no aumentativo. Afinal, sai o primeiro casal e entra o segundo: Jonas com Margarida ou Margô, a mulher de Adão (veja a coincidência!). Violeta, porém, que é ilógica, como todas as mulheres, irrompe em cena e flagra o adultério. Violenta discussão, à base do xingamento não em alto calão. E entra Adão e constata toda a infâmia. E parte para o bofetão. Fim do primeiro ato.

**SEGUNDO ATO** — Inicia-se um monólogo de Adão sobre a deterioração do casamento como instituição, dando conotações levemente subversivas a exposição, com vistas a "festiva". Nunca esquecer as tiradas com bafejos de cultura. Enriquece a peça e a "especializada" a classificação de psicodrama tragi-cômico. Depois vem o diálogo civilizado e compreensivo e concluem os casais pela permuta de cônjuges. É a lógica dos fatos. Mas, como as mulheres são ilógicas, passam a enganar os novos maridos com os velhos maridos. Novas brigas e desentendimentos e desfazem tudo para voltarem a primitiva situação. E o final feliz, considerando-se todo o acontecido como um experimento válido que produziu benéficos efeitos.

**RECOMENDAÇÕES FINAIS** — 1º) — Mencionar no programa, com ênfase, o aspecto altamente social do entredo. 2º) — É claro que, se o autor da peça pertencer ao sexo feminino, lógico e inconsequente será o marido, ou os maridos, invertendo-se as iniciativas. 3º) — Uma cópia especial para a Censura com 10% dos parágrafos, o que será observado no ensaio geral em que Ela estiver presente. 4º) — O sucesso de crítica não pesa muito na bilheteria, mas satisfaz intimamente ao dramaturgo e a todo o elenco. Mister, pois, se torna a baladação da "especializada". Ninguém é insensível a uma badalação sutil e inteligente, ainda mais quando entra o jogo do sexo. 5º) — E a cor referida no título da peça? Esqueçamo-la. O título de uma peça tem função puramente promocional.

E, afinal, que seja tudo pelo nosso teatro!

ROBERTO SANTOS

CINEMA

## Um bandoleiro sem bando

Quase que a matéria dessa semana não sai. Não recebi telefones de abelhudos, recados de amigos, não pude me socorrer de ninguém, nada!... Tive que me valer de mim mesmo, o que é muito trabalhoso e dá a estas observações um tom muito individualista.

Assim sendo, depois de verificar os programas que estão por aí, Terremotos, Anti Cristos, Chefões em séries e Infernos nas Torres resolvi jogar no escuro e parti para o cinema japonês. Os títulos e a precariedade de informações quase me fizeram desistir: "Por ciúmes ou por Vingança", "Os Diabólicos Herdeiros", "Vontade de Viver", "Uma Flor à Beira da Estrada" e etc, etc, etc. Mas já não havia mais jeito. Sorte lançada, me mandei pro Niterói que exhibe "Uma Flor à Beira da Estrada" — não sei até quando, porque ninguém teve a gentileza de me informar, nem mesmo dizendo que se poderia dar uma colher de chá para os leitores do AQUI, a respeito desse magnífico filme.

Mas antes, uma colocação pessoal: Terremotos, incên-

dios, catástrofes siderais, ciclones e outros bichos nunca foram muito comigo. Isso desde que assisti, quando garoto "Os Últimos Dias de Pompéia" numa matinê de bairro, exatamente no dia em que o dono do cinema havia falecido. A família do extinto morava no sobradão vizinho e era napolitana. Então e desde aí, cataclismos cinematográficos, carpideiras e grandes lamentações agonizadas, ficaram de tal maneira misturadas e incorporadas à minha visão que até hoje visto luto antecipado só em pensar nesse tipo de espetáculo. E depois, como diz meu amigo Guarnieri: três horas de técnica magistral, como no caso de Inferno na Torre, prá que? Prá te colocarem no meio de um incêndio? Já não chegam os nossos? Ou eles sabem de nossa neurose e exigem royalties por nosso medo e desespero? Ainda mais isso!...

Então, como ia contando, me decidi e fui ver Uma Flor à Beira da Estrada. E foi bom ter ido! Fazia realmente muito tempo que não assistia um filme em que a colocação intimista e a extroversão dada através de grandes rompantes, melodra-

máticos e pura ação se mesclassem tão bem.

A primeira impressão foi incrivelmente fascinante. Assisti um trecho quase no fim de uma sessão, gamei, e em seguida me precevi ao ter que enfrentar o filme inteiro. Sabe-se lá o que vai pela cabeça de realizadores japoneses! Mas depois de alguns jornais, jingles e trailers imbecilizantes o impacto anterior recomeçou. Porque morro apressadamente?

De saída, e antecipando um pouco alguns comentários que quero fazer sobre Uma Flor à Beira da Estrada, (repito o nome para que os leitores dessa coluna não esqueçam) quero dizer que se o cinema brasileiro pudesse focar, sem restrições moralistas, o marginal da grande cidade, por certo faria filmes desse nível, o que quer dizer filmes de raízes populares. (vide Amuleto de Ogum).

Do filme em questão, restam, à medida em que termina, além de uma vigorosa caminhada pela violência, toda pontuada por códigos que regulam o comportamento de um bandido andarilho, de um bandido sem bando, resta, estava dizendo: uma estória que realmente

poderá ser verificada através de anotações que fiz a partir das legendas (bem traduzidas ou não, no caso não sei, e não importa). Vejam:

1 — Bandoleiro sério não perturba gente séria.

2 — Vagalumes não podem viver em Tókio (ou melhor em cidades grandes).

3 — O sentimento nada tem a ver com o dever.

4 — No meio do caminho pensei voltar atrás, mas ponto final, estou nos braços da morte.

5 — Por que vivi e morro apressadamente?

É claro que frases como essas não fazem ou indicam um bom filme. Mas é claro também que essas frases estão perfeitamente colocadas e definem de certo modo essa maravilhosa busca da pureza através da violência que é Uma Flor à Beira da Estrada.

A saga popular, urbana ou não, deverá mais cedo ou mais tarde ser verificada pelos cineastas brasileiros. Se já existiram ainda existem exemplos desse tipo de comportamento, seria importante que eles proliferassem. Isso antes de sermos devorados pela alienação. Ponto final. Urgentíssimo.

MÚSICA

## A fórmula ideal do Tamba Trio. E seu resultado.



Tamba Trio: à procura da síntese ideal

TAMBA TRIO, com Tamba Trio (RCA).

Que posição caberia ocupar hoje um dos mais autênticos e melhores remanescentes da bossa-nova? A julgar pela proposta do Tamba Trio, um lugar onde se reune a leveza, a fluência e a simplicidade instrumental ao lado da ampliação dos recursos técnicos advindos com a era pop. Sem contudo, "pendurar-se na eletrônica", fazendo sonoplastia em vez de música", conforme afirmava categoricamente à época do lançamento do disco anterior (74), o flautista, baixista e saxofonista do grupo, Bebeto. Se a fórmula é ideal, o resultado do novo disco ainda não conseguiu sua síntese. Da moderada fusão entre o samba dos primeiros tempos do trio e a eletrificação dos instrumentos, surgem texturas musicais cuidadas mas não exatamente emocionantes. Um pouco aquém diante da definição outra vez contundente do grupo feita através de seu líder, o pianista Luís Eça, a respeito do novo Lp: "Já não apresentamos pesquisas e, sim, o resultado delas, um som que responde a um mundo em mutação constante".

Nem tanto. Principalmente se confrontados com os quatro esplêndidos discos da fase inicial do grupo ("Tamba Trio", "Avanço", "Tempo" e "Tamba e Cordas"), sedimento da ala instrumental da bossa-nova e gerador de inúmeros trios parecidos e desaparecidos sem deixar herança. Ao contrário, o pioneiro e influente Tamba (nome retirado de um inventivo instrumento de percussão criada pelo terceiro integrante do grupo, Hélio Milito), ainda que dissolvido em 66, posteriormente derivado para uma carreira "tipo exportação" no México, fracassada em seu prosseguimento na América e retin-tegrado no ano passado, tem procurado manter-se na revista faixa dos eleitos pelo instável e discutível mercado de discos brasileiro. Alterando sutis contrastes dos teclados de Luís Eça com a percussão de Hélio Milito e o baixo e a flauta de Bebeto, o Tamba tece uma teia harmônica simples, porém, repetida e por vezes pálida, em que a adesão aos instrumentos eletrônicos pouco acrescenta. A exceção de três faixas particularmente estimulantes, "Ou Bola ou Búlica" (João Bosco e Aldir Blanc), "Beijo Partido"

(Toninho Horta) e "Olha Maria" (Tom Jobim e Chico Buarque, este inexplicavelmente omitido nos créditos), coincidentemente três expressivas criações da última safra da música popular brasileira — e, sem dúvida, um ponto além para quem no último disco foi capaz de incluir composições de Antonio Carlos e Jocaifi ou Tom & dito.

**VINICIUS/TOQUINHO** (Phonogram) e **O POETA E O VIOLÃO** (RGE), com Vinicius de Moraes e Toquinho.

O obá Vinicius de Moraes, 62 anos, e seu yaô, Toquinho, 28 anos, voltam a gritar seus saravás. A questão, porém, saber se suas saudações ecoam positivamente, permanece insistentemente distante de uma pródiga bem-aventurança. Em dois Lps lançados simultaneamente, verifica-se uma indesculpável repetição de temas e canções, quando não de sentimentos nostálgicos. A copiosa heterogeneidade programada pelo produtor Fernando Faro em "Vinicius/Toquinho" permite alternar versos e sons fáceis da última safra da dupla ("Se Ela Quisesse", "Acorde Solto no Ar") com agradáveis redescobertas ("Adeus" de Ismael Silva, Noel Rosa e Francisco Alves), alguns momentos de maior virtuosismo ("O Filho que Eu Quero Ter") com trechos de poemas de Vinicius ("Separação", "Conjugação do Ausente"), de indiscutível qualidade mas desconjuntados dentro do disco. De qualquer forma, os maiores senões apontam para "O Poeta e o Violão", coletânea requentada — lançada absurdamente fora do tempo pela ex-gravadora do poeta (RGE) — realizada há 3 anos em Milão. Repassando em águas passadas do período da bossa-nova, instantes de maior brilho criativo de Vinicius, a dupla mais fica a ver navios do que a mover moinhos. Nada além de exangues recordações, sublinhadas por saudosos acordes e tributos, de "Chega de Saudade" a "Canto de Ossanha". Abusos de quem se permite, depois de criada a fama, deitar na cama. Ainda que às vezes contrariando sentimentos, quem sabe, inconscientes, como os manifestados em "As Razões do Coração": "olha meu amor", tudo o que eu quero é nunca ser mais uma recordação". (Renato de Moraes)

## OS MAIS VENDIDOS DA SEMANA

**ESTRANGEIROS**  
40 Sucessos de Elvis, Elvis Presley  
Sua Paz Mundial, vol. 4, vários intérpretes  
18 Super-Hits, vários intérpretes  
C'est ma vie, Adamo  
Never can say good bye, Gloria Gaynor  
Wish you were here, Pink Floyd  
Funny Lady, Barbra Streisand  
Sabotage, Black Sabbath  
Still crazy after all these years, Paul Simon

Venus and Mars, Paul McCartney e Wings  
**NACIONAIS**  
Clareza, Clara Nunes  
Maravilha de Cenário, Martinho da Vila  
Chico & Bethania, ao vivo  
Refazenda, Gilberto Gil  
Pandeiro e Viola, Beth Carvalho  
Brasil Som 75, Benito di Paula e outros  
Plano de Vão, Luiz Gonzaga Jr.  
MPB4, Dez Anos Depois, MPB4  
Alaide, Alaíde Costa

# show da cidade

Liba Frydman

Veremos de novo uma Elis Regina descontraída, cantando, dançando e representando em "Falso Brillante", um espetáculo que deverá estreiar dia 17 próximo, no Teatro Bandeirantes. A equipe é boa e Elis acredita que o resultado será um sucesso parecido com aquele do "Reveillon". Elis, muito calma, está ensaiando para a estréia.



Procura-se John Herbert. Numa colônia de nudismo.

## NOVIDADE

Cinco jornalistas de alto gabarito compõem a Comissão que fará um julgamento preliminar das melhores reportagens do ano, para a entrega do Troféu Imprensa - instituído pelo Grupo Silvio Santos.

São eles: Alberto Dines, diretor da sucursal do Grupo Folhas, no Rio de Janeiro; Arnaldo Niskier, diretor do departamento de jornalismo da Bloch Editores; Alessandro Porro, diretor da revista Realidade; Joesil Barros, presidente da Federação dos Jornalistas Profissionais; e Luís Monteiro, diretor de redação dos Diários Associados.

Essa Comissão selecionará os três melhores serviços de cada item. A escolha final ficará por conta de um Grande Juri.

## VIAGEM

Combativa como sempre, Ruth Escobar embarcou para Caracas, onde deverá representar o Brasil no encontro dos delegados da Federação de Festivais de Teatro das Américas. Antes de viajar, Ruth cuidou da fundação do Centro Latino-Americano de Criatividade, em Atibaia, que promete transformar-se no próximo centro dos intelectuais paulistanos.

## NOVA PASSAGEIRA

Estado de graça é o da atriz Marisa Sanchez, que, para os menos avisados, é mãe de Débora Duarte. Tudo porque a Daniela, primeira neta, já começa a querer chamá-la de vovó. Por esse motivo, Marisa virou passageira frequente do "avião dos covardes" (assim chamam o trem noturno da Central do Brasil). Detalhe: Marisa faz parte do time de extra-terrenos, a novela "A Viagem" é espiritualista.



O diretor do Departamento de Telejornalismo da TV-Bandeirantes, **Gabriel Romeiro**, não gosta que digam que é baixo o nível de nossa televisão. Reage assim: "Na verdade, o veículo reflete o nível do país".

## REAPARECIMENTO

Antes de partir para a Bahia, onde vai cumprir contrato assinado com o Stúdio Silvio Santos, para quem vai dirigir um filme de longa-metragem, Anselmo Duarte voltará a enfrentar as câmeras como ator.

Ele terá como parceira nada menos que Norma Benguel - que em tempos não muitos distantes curtiu uma violentíssima dor de cotovelo por causa dele. O filme se chama "Paranóia" e começa a rodar na sexta-feira, sob a direção de Antônio Calmon.

A história é simples: focaliza uma família encurralada em sua casa por 4 bandidos (Nuno Leal Maia, Paulo Villaza, Jonas Mello e Ricardo Petraglia).

## SURPRESA

A vida de ator tem coisas realmente meio inesperadas. Que o diga o John Herbert que em seu próximo filme, "Flor de Litas", terá de fazer um "strep-tease". A história não passa de mais uma pornô-chanchada, com John Herbert (ou melhor, seu trazeiro nu e tatuado) fugindo por uma janela. E depois sendo procurado numa colônia de nudismo.

## SOFISTICADO ESPETÁCULO

Quem ainda não viu, não deve perder o "Viva o Cordão Encarnado", do Teatro Aplicado, na Brigadeiro Luís Antônio. Ela é para todos os gostos: é um espetáculo sofisticado, tratado à moda do teatro de revista. Com excelentes resultados e muito bom rendimento do elenco, onde é difícil apontar quem está melhor: se Tânia Alves e suas tangas, se o cigano Walter Breda, se a caricata Gracinda Freire.



Marlene França, a bonita e preocupada menina que, cansada de esperar o táxi, transformou a mala numa cadeira, vem aí, num novo filme. Com Pedro Ivan, o ex-figurinista, ela estará no "Ensaio Geral".

## FÉRIAS

Por enquanto, nada de trabalho para Sílvia Massari. Lembram-se dela? Estamos falando daquela atriz que tanto participou dos "shows" montados pela Rede Tupi - cantando, dançando e representando. Acontece que a cegonha acabou tendo prioridades sobre a carreira artística. E Sílvia agora somente aparece nos estúdios a título de acompanhar seu marido, o Mário Wilson, apontado como futuro diretor da divisão de shows da futura emissora de televisão do Grupo Silvio Santos. Um dia, porém, Sílvia Massari voltará à vida de artista.

## DESCOBERTA

Desde que descobriram que o charmoso Sérgio Chappellein figura na comissão de propaganda da Associação dos Atores em Dublagens, Cinema, Rádio, Televisão, Propaganda e Imprensa, as fâzocas nunca mais perderam uma sessão. É verdade que o pessoal fica bocejando e tempo inteiro, sem compreender coisa alguma do que está sendo debatido. Mas na saída, Chappellein sempre tem de ser protegido pelos seus colegas Mário Lago e Francisco Milani, entre outros. Quem não está gostando dessa história, no entanto, é a esposa de Sérgio, que fica assistindo de longe.



O parecidíssimo com o papai Anselmo, no rosto e no gênio, **Ricardo Duarte**, está de viagem marcada para a França. Ele, que na foto está jantando no Piolim, com o produtor de cinema Roberto Ribeiro, pretende ser diplomata e por isso deseja ser perfeito em diversos idiomas. Enquanto estiver estudando o francês, Ricardo pretende se especializar em fotografia.



Tão cedo, Antônio Fagundes não quer saber de trabalhar na televisão. Ele, que na foto se prepara para jantar com sua mulher, Clarice Abujamra, no Gigeto, somente pretende mudar de idéia se a proposta acenar com muito dinheiro e um trabalho de boa qualidade. No momento, Antônio Fagundes está na Aliança Francesa. Faz o papel de um ouriçado pedreiro que vive zangado porque o seu time de futebol sempre é derrotado.



Esses dois andam muito juntos nas noites paulistas, mas sempre que alguém imagina as possibilidades de estar havendo um romance, logo surge um desmentido. Ela, **Leilah Assumpção**, está esperando um misterioso noivo carioca, que nunca aparece. Ele, o decorador **Flávio Fhebo**, muito tranquilo também está esperando alguém. Enquanto isso, os dois reúnem as suas temporárias solidões, e juntos se divertem.



O que é que **Paulo Villaza** está fazendo, com um garfo numa das mãos e uma nota de 10 cruzeiros na outra? A julgar pelas aparências, trata-se de alguma brincadeira, pois o belo **Nuno Leal Maia**, que está ao seu lado, se diverte bastante. Ambos procuram se alimentar bem, na véspera do início das filmagens de "Paranóia". Nuno vai decepcionar suas fâzocas, fazendo o papel de um bandido capenga e recalcado.



O novo esquema do Troféu Imprensa mostra que o Grupo Sílvio Santos está disposto a concorrer em pé de igualdade com o tradicional Prêmio Esso. Essa reformulação constitui um plano de Sílvio Santos para o ano que vem — além, naturalmente, de sua TV.

Guilherme Araújo arranca os cabelos

DEFESA

Mário Prata está em recesso, no teatro e no jornal, somente preocupado agora com a sua estréia como novelista de TV. E essa estréia deve acontecer na Rede Globo, onde ele tem uma excelente advogada na pessoa de Regina Duarte.

LONGA ESPERA

Não se sabe, ainda, quando o público vai poder curtir as coisas e graças de Itala Nandi e do elenco de "Sindabad, o Marujo". Tudo porque a Prefeitura resolveu renovar o auto de infração lavrado contra o Teatro

ANIVERSÁRIO

Os vastos e brancos bigodes de Eduardo Moreira tremem de emoção, quando ele mesmo fala da comemoração do 5º aniversário do seu "Jardim Zoológico", programa produzido para a TV-Cultura, com apresentação de Renato Consorte. Para a festa, Moreira convocou o Externato Jarajá, o mesmo colégio que compareceu na estréia; e, todos juntos, foram visitar o tigre, também o primeiro animal apresentado.

SEMELHANÇA

Quem viu o filme "Alice não Mora mais Aqui", ficou espantado com a semelhança existente entre Alana Ladd e Rosa Maria Murtinho. Confirmam. Ela reapareceu em "Pecado Original", na Globo.



Marília Medalha voltou com sua boa voz e muita vontade de recuperar o tempo perdido. Está cantando no Jogra.

UM EXPERT

Com uma gíria inconfundível de Ipanema e um tipo curtido ao Sol, nem parece que Ary tem para contar dos áureos tempos da Jovem Guarda dá para escrever um livro. Que ele promete para um dia não muito distante.

Oficina, anulando seu alvará de funcionamento. O elenco está bastante desgostoso com a longa espera; mas quem está arrancando os cabelos é o empresário Guilherme Araújo, que não sabe como vai sair dessa.

INUSITADO

A TV-Gazeta tem um programa estranho, transmitido diretamente da rua Augusta, aos sábados, a partir das 9 da manhã. A apresentação é de Neide Alexandre e Miguel Vaccaro Neto. Tem gente que acorda cedinho, por causa desse programa...

O Otávio, também pintor.

O Otávio Câmara de Oliveira chargista, muitos de nós conhecíamos, através dos jornais e das revistas; mas o Otávio Câmara de Oliveira pintor, poucas pessoas conheciam. Foi por isso que muita gente ficou espantada ao saber que ele ia expor seus desenhos e guaches na sede do Grupo Service.

Por insistência de seu amigo Darcy Barros, diretor do Clubinho, pelo menos por alguns dias, Otávio abandonou a sua condição de ave noturna; e junto com Darcy e seus filhos, munido de martelos e pregos, passou a preparar a sua exposição de guaches e desenhos.

Os resultados foram excelentes. Os trabalhos em preto e branco, a cores e alguns abstracionistas foram quase todos vendidos nas poucas horas que durou o coquetel. E Otávio ainda passou bons momentos, juntamente com velhos amigos como Aldemir Martins, Esmeraldo Tarquínio, Paulinho Nogueira e muita gente boa dos nossos meios culturais.



Esmeraldo Tarquínio, Otávio, Leila Silva.



Cristina Yufan, Rosita Benks.

Hebe contentíssima



1

Hebe Camargo levanta a mão direita; vai agredir o jornalista Antônio Contente? Tudo indica que não, porque ele sorri tranquilo como se aquele gesto o divertisse. Os dois estão numa festa e certamente os dias ruins do passado ficaram inteiramente esquecidos.



2

O "side story" desse encontro histórico começou há muitos anos. Uma situação que nasceu normalmente e logo se tornou um hábito. Era assim: quando Antônio Contente não tinha assunto para comentar em sua coluna, o jeito era focalizar alguma nova gafe de Hebe Camargo.



3

E num instante, naquele tempo, a cidade inteira começou a se divertir com o assunto. O Contente brincava de cá; a Hebe, do lado de lá, urrava, chorava, protestava, mas sempre saía no jornal, como autora de mais uma gafe. O chargista Otávio, parceiro do Contente, com pena, parou de brincar.



4

Numa festa recente, entre goles de uísque, o Otávio conseguiu que Hebe e Contente fizessem as pazes. Hebe ficou contentíssima, sorriu e brincou bastante. Especialmente (foto), quando o Otávio lhe disse que aquele cidadão com quem ela conversara muito era o Antônio Contente.

O CARDÁPIO

O passeio

**RECREIO E CHÁCARA SOUZA** — (R. Arthur Guimarães, 205. Uma travessa que sai da Dr. Zunquim, altura do nº 1.700. Fone: 298.6888) — Lá no alto de Santana, um prédio estranhíssimo, bem rústico, de vários andares. Depois das escadas, o restaurante, amplo e simples, onde a música maior é o canto de muitos passarinhos em gaiolas espalhadas pelo salão. Quem quiser continuar com o turismo antes de comer, é só subir outra escada: um mini-zoológico, onde se destaca o potente canto de uma araponga. Playground para as crianças. Para os adultos, uma vista belíssima. O slogan da casa é "Anche perchê qui si mangia bene". Por falar em comer a peça de resistência do cardápio é um excelente Cabrito à Siciliana, servido com batatas ao forno, cebolinhas, pimentão vermelho e um molho especial. Você pode comer tranquilamente por Cr\$ 40,00 a Cr\$ 50,00, fora as bebidas. Almoço e jantar todos os dias, exceto às segundas-feiras.

Show & Dança

**O Beco** — (R. Bela Cintra, 306. Fones: 256.4526) — A grande jogada do Beco é reunir quatro programas em um show. Quando se quer curtir uma noite, normalmente vai-se a um bar, para os drinques. Depois um teatro, aí o jantar, e encerra-se a madrugada dançando numa boate. O sucesso do Beco está exatamente aí: todas as opções num só local. Comece pelo Senhor Bar. Depois, os quatro shows do salão, destacando-se no palco a belíssima Marina Montini. Os shows e o jantar: Coquilles St. Jacques, Filé Mignon a Beco (com molho de mostarda), Moqueca de Camarão. Para dançar, o som de quatro orquestras, com seus crooners. Essa noite perfeita sairá, por casal, Cr\$ 300,00, inclusive bebidas (sem exagero, claro). Aceita cheques e todos os cartões.

Boêmia

**BAR E BUTIQUE TOULOUSE-LAUTREC** — (Rua Manoel Guedes, 139-141. Uma travessinha paralela à João Cachoeira, ali no Itaim) — Lugarzinho gostoso, um ponto de encontro, principalmente no fim da tarde ou depois do cinema. Mesinhas e banquinhos em duas salas; em duas outras, bancos largos com grandes almofadas, onde se fica bem mais à vontade. As comidas são poucas: maionese (feita em casa), frios, canapés. As bebidas são o forte: batidas, coquetéis, sucos, cervejas, uísques, conhaques. Vinhos, só Forestier. Paulo-Forjaz, o dono, promete logo inaugurar uma butique incrementada. Esta só vai abrir durante o dia. O bar abre diariamente das 17 à 1 da manhã. Sextas, sábados e domingos até mais tarde. Aceita cheques e cartão Credicard. Estacionamento em frente.

Comer no Paddock, privilégio dos "gourmets".

Podemos tranquilamente afirmar que o Paddock (duas entradas, pela rua da Consolação, 228 e Av. São Luís 258) é o restaurante mais completo da cidade. Ali no centro, no reboliço do movimento e barulho do trânsito, basta atravessar suas portas para encontrar o ambiente mais calmo, tranquilo e de sofisticado bom gosto, com uma vista de camarote sobre as árvores e as luzes da Av. São Luís (só vídeo, nada de áudio). O proprietário da casa é Luís Paduan, eleito pelo Paulo Cotrim como o mais competente "restauranteur" da cidade. É preciso dizer mais?

O Paddock é frequentado por figuras da sociedade, mundo artístico, político, intelectual. Na hora do almoço, os executivos, que preferem resolver lá, com mais calma e inspiração, seus grandes negócios. Um capítulo à parte, aos sábados, é a "Feijoada da Patota", ponto de encontro de grupos tradicionais que lá se reúnem para uma das melhores feijoadas de São Paulo. Uma das patotas

mais fáceis: João Alberto (Catedral do Samba) Morad, Júlio César Mesquita, Ruy Brisola, a cantora Tuca, Marisona (famosa

figura da boemia da cidade). O Paddock, como toda boa tradição, tem os seus fregueses de prato certo. Nosso amigo Paulo Cotrim,



por exemplo, é fã inveterado do omelete (por sinal, um dos pratos mais difíceis de fazer, de cada 10, só 1 sai bom). Gilberto Pacheco, o decorador, não perde a Dobradinha. O colonista Meninão é mais pelo bar e o Walther Moreira Salles é um degustador exclusivo do vinho Marquês de Riscal.

O atendimento no restaurante, super-perfeito, é garantido pelos maitres Ubiratan e Raymundo, comandando a "brigada" (equipe de garçons e comies, a melhor de 74, mbém na versão de Paulo otrim). Cardápio em português, francês e inglês. Durante o dia, música de fita. À noite, ao vivo, com o conjunto de Luís Mello, Dave Gordon e a cantora Rosaly. E mais o Geraldo Cunha, ao violão.

No restaurante, couvert opcional: legumes, tahine, torradinhas, pão francês, canteio, azeitonas e manteiga (Cr\$ 9,00 no almoço e Cr\$ 13,00 no jantar). O Paddock abre todos os dias, para almoço e jantar. Aceita cheques e todos os cartões de crédito.

UÍQUES E CHAMPANHAS

O bar do Paddock é merecedor de todos os elogios. Comandado pelo barman Ramón — cuja competência foi assegurada pelo prêmio recebido da Distilaria Buchanan's, uma viagem à Escócia. Completa coleção de uísques, entre Scotchs, Canadians e Bourbons (mais de 130 marcas). Champanhas: desde a Dom Perignon'66 ou a Taittinger Blanc des Blancs (Cr\$

900,00), até a Moët Chandon Brut Imperial (Cr\$ 450,00). Das nacionais, a De Greville (Cr\$ 100,00) está entrando em grande estilo.

O Bull Shot, especial para curar ressaca, é um drinque muito especial (Cr\$ 40,00): a receita inclui extrato de carne inglesa, vodca, conso-mê temperado, servido com uma fatia de limão, "on the rocks".

STEAKS & PEIXES

Elogiar o cardápio do Paddock é chover no molhado. Um grande hit, sem dúvida, é o Steak London House: filé mignon grelhado inteiro, recheado com patê, coberto com massa podre e assa'o (Cr\$ 45,00). Experimente também o Cuscus à Paulista (Cr\$ 47,00), o Camarão Roquefort (Cr\$ 65,00), o Coq Au Vin (Cr\$ 40,00), o File de Peixe a Paddock

(linguado grelhado, com molho de creme, suco de tomate, frutos do mar e queijo, gratinado ao forno — Cr\$ 41,00). No almoço, é solicitadíssimo o Trivial (Cr\$ 39,00): arroz, feijão, torresmo, couve abafadinha, ovo frito, bife ou costeleta de porco. Nas sobremesas, a sensação da casa é a Mousse de Chocolate (Cr\$ 12,00). Também doces e frutas da época.

VAMOS ÀS CARNES

Dinho's Place, uma tradição da cidade.

Em termos de carne, louvar o Dinho's Place é uma apoteose mental. Porque, na louvação, devem entrar, necessariamente, seus 16 anos de tradição, a excelência de sua comida, os seus churrascos preparados com a carne do nobre gado Santa Gertrudis, a qualidade do serviço e o ambiente gostoso da casa. Tudo isso já foi dito, todos conhecem. Mas São Paulo é muito grande. E há sempre gente nova por aqui. A redundância, portanto, não será demais.

O Dinho's tem três endereços. A matriz é na Alameda Santos, 47 (telefone: 288.6666). Filiais na Avenida Morumbi, 7976 (telefones: 61.9122 e 61.5786) e no centro, Largo do Arouche, 246 (telefones: 221.1817 e 221.2440). A filial do Morumbi, depois de um incêndio, algum tempo atrás, ficou ainda melhor, principalmente com o "acidente geográfico"

SALADAS, O INÍCIO

Falar em Dinho's é falar no verdadeiro festival de saladas e antipastos que é colocado na mesa, logo de início. Enquanto você espera seu pedido, uma diversão muito tranquila: Molho Campanha (aquele com bastante cebola), Farofa, Creme de Queixo, Beringela ao Vinagrete, verduras, Pão Francês, Pão de Queijo, Torratinhas... Um show à parte, o requinte de certos vizinhos de mesa, que fazem questão de aproveitar todos esses ingredientes para uma belíssima salada.

Que tal pedir também a sensacional mussarela, que

fica em cima do balcão, dentro de uma grande taça, de molho no próprio soro? Temperada por você mesmo, com azeite e pimenta do reino, é uma delícia!

Depois da refeição (veja ao lado as melhores dicas, os grelhados), é difícil pensar uma sobremesa. O carrinho vem à sua mesa, com doces, compotas, frutas da época, tortas, quindins. Também sorvetes. Há uma sortidíssima carta de vinhos. O chope é da Antarctica. Para aperitivos, Cocktail a Dinho's, Whisky Sour, Meia de Seda, Caipiríssima e Batida de Limão.

decorrente da nova decoração: a porta fumê, ao fundo, separando o salão da churrasqueira, dá um efeito bastante especial. A filial do Largo do Arouche tem uma decoração arrojada, mais moderna, em aço.

Nos três endereços, a mesma linha de qualidade em todos os serviços. Na matriz da Alameda Santos, a excelência do atendimento é garantida pelos maitres-gerentes Reynaldo e Napoleão, ambos com mais de 8 anos de casa. Também na matriz, os churrasqueiros são mineiros: o do dia, Zelão, com 9 anos de casa; o da noite, Manoelzinho, com 12. O chefe da cozinha é Joaquim, que está no Dinho's há 8 anos. É interessante saber que os garçons fazem escola no próprio Dinho's. E que muitos funcionários estão lá desde a abertura da casa. O restaurante, em seus três endereços, abrem todos os dias, para almoço e jantar.

GRELHADOS, O FORTE

As carnes grelhadas são as mais solicitadas do cardápio do Dinho's. Durante o almoço de inauguração do Centro Campestre do SESC, o serviço foi do Dinho's. O presidente Geisel comeu Picanha — e, pelo que informaram, gostou. A variedade de grelhados é grande. Além da Picanha (a parte central do alcatre), também Chuleta (o T-Bone Steak), Contra-Filé, Maminha, Baby-Beef (que dá para dois), Vitelo de Leite, Churrascos Mistos, Lombo de Porco, Peito de Peru, Cordeiro (dente de leite). Uma menção especial para o Frango Desossado, a

grande predileção de muita gente — inclusive desta colonista.

Fora as carnes grelhadas, pode-se escolher camarão, peixe (uma pedido muito popular é o Pintado na Brasa) ou frutos do mar. Também Chateaubriand com molho de champignons, Suprême de Frango, Stroganoff. Várias saladas. Guarnições à parte: arroz, batata frita, arroz carreteiro, creme de milho, legumes variados. Indispensável a farofinha, acompanhada de banana a milanesa. Preços? Aceitando as bebidas, uma pessoa gasta em média de Cr\$ 60,00 a Cr\$ 70,00.

Lucilla Simonsen Santos.

Carpas à Cantão

**TAI — PAK** — (Av. Euzébio Matoso, 322; esquina com R. Diogo Moreira, também 322. No fim da Av. Rebouças. Fone: 211.5408) — A diferença entre a cozinha Cantonesa e a Mandarim é que a Cantonesa é bem mais parecida com a ocidental, em termos de tempero. O Frango Xadrês à Moda Cantonesa, por exemplo, vem desossado, só com cogumelos, brotos de bambu, gengibre, tudo regado com um molho incrível. Mas a pedida mesmo é ir lá em grupo e experimentar a especialidade da casa, a Carpa à Moda Cantão. Você começa escolhendo a carpa viva, num tanque na entrada. Aí o peixe vai para a cozinha, onde é executado, temperado, cozido no vapor e servido inteiro, com cogumelos, carne de porco desfiada, gengibre, molho de gergelim e, a última hora, escaldado em óleo de soja quentíssimo. Uma refeição, em média, custa Cr\$ 30,00 por pessoa, sem bebidas. Experimente dois aperitivos típicos: o Mou Tai, uma aguardente de trigo, e um outro, cujo nome não dá para escrever em português, destilado de casca de árvore. Abre diariamente para almoço e jantar. Aceita cheques e não trabalha com cartões de crédito.

Schnitzel & Chope

**JUCA ALEMÃO** — (Travessa Conselheiro Saraiva, 68 — Nos fundos do Peg-Pag do Brooklin/Morumbi — Fone: 241.977) — Positivamente, das melhores comidas alemãs em São Paulo. Casa pequena, simples, aconchegante. Mas vive cheia. Os dois grandes hits da cozinha são o Paprika Schnitzel (escalope de filé em molho de páprica, com maxi-nhoques, uma gostosura) ou a variação, o Wiener Schnitzel (o mesmo escalope, à milanesa, com salada de batatas). Ambos por volta de Cr\$ 25,00, em porções generosas que, de acordo com o apetite, dão para dois. Outras especialidades são a Bratwurst Sauerkraut (linguiça branca de vitela, com chucrute), o Goulasch Knoedel (acompanhado por maxi-nhoques), ou a Sulze Bratkar-toffeln (gelatina de mocotó com salada de batatas). Para quem curte um chopinho no final da tarde, excelentes canapés. Terças e sextas-feiras, um sensacional Reibekuchen (bolinhos de batatas raladas, acompanhados por purê de maçã). Duas sobremesas: Apfelfruttedel e Icetorte. Esta última é a grande pedida: uma receita exclusiva, segredo do dono da casa, uma espécie de sorvete, sabor café, bem amarguinho. Filial na Av. Santo Amaro, 594 (em frente ao Cine Vila Rica). A matriz fecha às segundas-feiras. A filial abre todos os dias. Sábados e domingos, o almoço emenda com o jantar. Aceita cheques e cartões Passaporte e Credi-card.

TEATRO

Destaque: Sinbad, o Marujo



Itala em Sinbad, o Marujo: ainda vamos dar o que falar.

**SINBAD, O MARUJO** — Segundo a versão de Antoine Galland: direção de Luiz Antonio Martinez Correa; com Itala Nandi, Analu Prestes, Buza Ferraz. Teatro Oficina (rua Jaceguai, 520), de terça a domingo.

Do subsolo ao andar térreo do Teatro Oficina, o grupo Pão & Circo levou quatro anos. Viveu experiências diversas, do debochado pastelão em "O Casamento do Pequeno Burgues", passan-

do por uma buliçosa participação no Festival Mundial de Teatro Jovem de Nancy, em 73, a uma nocauteante e discutível versão moderna de Shakespeare ("A Lamentável Tragédia de Titus Andrônico"). E promete desembarcar na parte de cima do Teatro Oficina com um espetáculo imaginativo e humorado para dar a volta por cima em "Sinbad, o Marujo", adaptação livre em tom de comédia musical, da lendária narrativa retirada das "Mil e Uma Noites". Desta vez, com um

considerável reforço para a trupe, a atriz Itala Nandi, ex-integrante do grupo dirigido por José Celso Martinez Correa, de volta a São Paulo e ao "teatro mesmo", segundo ela. Como Scheherazade, narradora da fabulosa saga e em mais outros seis papéis (foto também comum aos demais seis atores do espetáculo). Itala compara sua nova experiência, sob a direção de Luiz Antonio Martinez Correa, irmão de José Celso e mentor de Pão & Circo, com a anterior: "Embora com características específicas e totalmente inéditas, o atual grupo representa, indiscutivelmente, uma ramificação do Oficina. Ele retoma a ideia e a força do trabalho coletivo, só que agora em direção a um teatro consciencioso (consciente e sensível). Objetivamente, na possibilidade real que cada um teve de criar, escrever e dar forma final a seus personagens." Soma-se, o interesse que o enredo proporciona e o tipo de trabalho que o Pão & Circo preconiza, asseguram um clima de real expectativa em torno da realização. Sem vacilar, Itala arremata: "Ainda vamos dar o que falar".

**ABSURDA PESSOA** — Em três noites de Natal festejadas por três casais nas cozinhas de suas casas, o autor inglês Alan Ayckbourn radiografa o trágico absurdo do cotidiano determinado pela sociedade contemporânea — notadamente à classe média. O espetáculo dirigido pelo ator Renato Borghi é convencional e excessivamente longo, sem, contudo, deixar o espectador indiferente. Para o que contribui sobremaneira a bombástica performance de Ester Góes. Com Márcia Real, Tony Ramos e Miriam Mehler. Teatro Treze de Maio (rua Treze de maio, 134), de quarta a domingo.

**O CASO WALTER KATE** — Com relativa verve e humor, a peça musical escrita e dirigida pela atriz Claudia de Castro apresenta a Escola de Samba Unidos da Desgraça e seu enredo contando a história de Walter e Kate. Um caso de amor parodiando o rumoroso episódio de Watergate. As soluções encontradas não chegam, porém, a força de um grito de carnaval. Com Neusa Borges, João Acaiaibe, Yara Marques. Teatro Popular (rua São Vicente, atrás da praça 14 Bis), de terça a domingo.

**OS EXECUTIVOS** — Através de enaltecida figura do executivo e três coquetéis promovidos por sua empresa, o autor Mauro Chaves pretende mostrar uma situação mais ampla, em que as pessoas não passam de marionetes, manipuladas pela sociedade. Malgrado exercício, indeciso entre o realismo e a farsa, acompanhado pela direção de Silner Siqueira ainda que apoiado num elenco eficaz (Beatriz Segall, Ariclé Perez e outros). Teatro São Pedro (rua Albuquerque Lins, 171), de terça a domingo.

**GOLPE SUJO** — Marido (Hélio Ary), mulher (Maria Della Costa) e um tarado sexual (Jardel Filho) multiplicam seus truques e armadilhas nesta caçada, em que nunca se sabe quem é o caçador, do jornalista

italiano Mario Fratti — pela primeira vez representado no Brasil. Sem brilhos mas sem deslizes, este retrato de violência americana levemente temperado com um molho latino e dirigido por José Renato cumpre fielmente sua função de fazer rir com a frequência desejada. Teatro Maria Della Costa (rua Paim, 72), de quarta a domingo.

**LIÇÃO DE ANATOMIA** — Insólita peça escrita e dirigida pelo argentino Carlos Mathus, que lida mais com símbolos do que propriamente com personagens definidas. Cacilda Lanuza, Geraldo Del Rey e os demais atores se entregam a exaustivos movimentos e explosões emocionais para dramatizar sentimentos fundamentais do ser — medo, amor, ódio, alegria, solidariedade — geralmente monótonos ou abstratos. Auditório Augusta (rua Augusta, 931), de terça a domingo.

**MURO DE ARRIMO** — Autor premiado pelo hábito, às vezes saudável, de recordar o presente via passado, Carlos Queiroz Telles lança-se agora a uma trama atual: seu único personagem, o pedreiro Lucas, interpretado pelo talentoso Antonio Fagundes, constrói um muro no alto de um edifício enquanto aguarda a transmissão de um jogo do Brasil em Frankfurt. O espetáculo, em tom de reportagem e de curta imaginação, termina onde deveria começar. Teatro Aliança Francesa (rua General Jardim, 182), de terça a domingo.

**RODA COR-DE-RODA** — A quarta peça montada da teatrológica Leilah Assunção, (30 anos), não tem a mesma agudeza psicológica de "Fala Baixo Senão Eu Grito" embora tenha sofrido corrosivas restrições da censura como em "Amanhã, Amélia, de Amanhã". Nos 5 movimentos em que Amélia, mulher de verdade (Irene Ravache), seu convencional marido (Rolando Boldrin) e Marieta, a amante (Lilian Lemertz) alternam-se nos vértices do triângulo amoroso, as

pueris variações eróticas não conseguem suplantam os raros momentos de contundente humor. Teatro Itália (av. São Luiz, 50), de quarta a domingo.

**O VENDEDOR DE GALGADAS** — Dois fatos distintos aglutinados pelo diretor Luiz Jansen e pelo ator Procópio Ferreira — uma retrospectiva da história do humorismo, desde a época do pré-cristianismo até os dias de hoje e o meio século de teatro correspondente à carreira artística de Procópio conduzidos em tom informal e envolvente pelo ator e entremeados por projeções e slides. Teatro Ruth Escobar — sala do Meio (rua dos Ingleses, 209), de terça a domingo.

**VICTOR OU AS CRIANÇAS NO PODER** — Otom instigante e a polêmica tem acompanhado este anti-vaudeville do francês Roger Vitrac desde a sua primeira encenação em Paris, 1926, feita pelo "maldito" Antonin Artaud. Estas características mantêm-se nesta remontagem de Celso Nunes dos dramas de Victor, a criança que no dia de seu 9º aniversário resolve colocar em cheque os valores burgueses e o poder fictício de seus pais, levando-os à loucura. Com Paulo Bitti, Lilita de Oliveira, 3º Andar da Bial de sexta a domingo.

**ÚLTIMO BOLERO EM SOROCABA** — "Um deboche de um louco desvaireado que apela para o popular e ao mesmo tempo o ridiculariza". Assim o diretor Ewerton de Castro define a peça de Mah Luly (co-autor de Bye, Bye, Pororoca) sobre as atribuições de mãe e filha, em que uma linguagem surrealista se mistura com personagens da mitologia grega. Com Vic e Dirce Milello. Teatro de Bolso (av. São João, 1.737), de quarta a domingo.

**REI MOMO** — Samba, futebol e televisão permeiam passagens da história do Brasil. Teatro Ruth Escobar-Sala Gil Vicente (r. dos Ingleses, 209), de terça a domingo.

SHOW

Destaque: Maysa



Wanderléa num show com nova imagem

**FEITO GENTE** — Uma Wanderléa sensual e envolvente no lugar da ingênua e langurosa Ternurinha é o que pretende este show — prosseguimento de uma reformulação na carreira da cantora iniciada em 1973 com o show e disco "Wanderléa Maravilhosa". A mudança de imagem implicou também numa mudança de propósitos e num aprimoramento da qualidade. De fato, a nova Wanderléa, 29 anos, sabe, com a participação decisiva do diretor do show, Arthur Laranjeira, ressaltar sua figura no palco. E há mesmo quem veja em seus requebros e trejeitos algo de Carmen Miranda, a da era do rock — uma comparação, sem dúvida, ambiciosa. Nesta única e especial apresentação (reprise de uma recente temporada no teatro Treze de Maio), a ex-rainha da Jovem Guarda e do Gay Power apresenta um repertório elástico e vivo, segundo o seu gosto e



Simone em seu primeiro espetáculo

motivações, com composições especiais de Jorge Mautner, Walter Franco, Luiz Melodia e, evidentemente, Roberto e Erasmo Carlos. "Uma soma de tudo que já fui", segundo o veredito da artista. Mas que, infelizmente, não é muito. Fundação Getúlio Vargas (av. Nove de Julho, 2029), somente segunda.

**SIMONE** — Para uma cantora que começou a carreira casualmente (descoberta durante um jantar na casa de um diretor da gravadora Odeon), interpretando músicas de Roberto e Erasmo Carlos, as intenções deste show são bastante promissoras. Ou talvez indicadoras de uma certa indefinição. Baiana, 25 anos, ex-professora de Educação Física, Simone começou a cantar há menos de três anos. E se ainda não fez um sucesso estrondoso, certamente não foi por falta de oportunidades: excursões pela Europa (incluindo um show no decantado Olympia) e pelos Estados Unidos, três discos gravados e agora este show, o primeiro em teatro — uma boa oportunidade para conferir os elogios que a artista anda recebendo. Fundação Getúlio Vargas (Av. Nove de Julho, 2029), somente quarta.

**BRASILEIRO PROFISÃO ESPERANÇA** — Através de quatro tempos — esperança, cansaço, desespero e esperança outra vez — Paulo Gracindo e Clara Nunes atingem com notável profissionalismo a meta pretendida pelo dramaturgo Paulo Pontes e pela diretora Bibi Ferreira: dimensionar as obras do cronista Antonio Maria (1921-1964) e da compositora Dolores Duran (1930-1959) e dos artistas que seguiram as trilhas por eles abertas. Teatro Aquarius (av. Rui Barbosa, 266), de quarta a domingo.

**CANTA MAIS** — Cantar para não pensar em outras coisas retomar um otimismo perdido: estas as ideias que Marília Medalha tinha na cabeça quando aceitou o convite para fazer mais um show de boate (o último foi em 67, na Zum, do Rio.) Acompanhada pelo Maestro Messias (guitarra), Miguel (piano), Ajime (baixo), Tim (bateria), Papete (percussão) e Manezinho (flauta), Marília canta uma composição sua ("Sagarana") e o inevitável "Ponteiro", de Edu Lobo, além de outras composições de Chico Buarque, Milton Nascimento, Caetano Veloso e outros. Jogral (rua Maceió, 66), de segunda a sábado.

**FESTA BRASIL** — Alçado em 1969 a um dos mais altos vãos de show-bis nacional, Wilson Simonal parece ter aterrisado definitivamente no campo do ostracismo. É o que se deduz desta sua nova tentativa de reencontrar o prestígio perdido. Acompanhado do elenco

da casa, o "rei da pilanagem e do chamignon" canta grandes sucessos internacionais, pot-pourris, nostálgicos de suas melhores fases, dança e até se traveste de mulher. Desrespeitoso ápice de um show que apresenta outros destaques como Marina Montini e Gaguiño. Beco (rua Bela Cintra, 206), de segunda a sábado.

**MAYSA: CONFISSÕES** — Aos 39 anos, Maysa retorna aos palcos e a São Paulo num show absolutamente informal e atraente. Dirigida por Roberto Freire, ela conversa com a platéia, conta casos e interpreta com sua sensível e irrefreável voz um repertório de poucas novidades, como "Tema de Simone" e "Nós Dois", música de sua autoria. Para esta cantora de presença altiva, bela, agressiva, a prioridade ainda é dos antigos sambas-canções, como "Suas Mãos", ou cálidas composições como "Ne Me Quittes Pass", acompanhada pelo pianista Gogó, o contrabaixista Renato e o baterista Beto. Igrejinha (r. Santo Antonio esq. Treze de Maio), de terça a sábado.

**PAPETE, BERIMBAU E PERCUSSÃO** — Diretamente do Maranhão para as noites paulistas (em 1970), Papete ou José de Ribamar Viana, especializou-se em berimbaus e instrumentos de percussão com o curo, embora isto não o impeça de dedilhar um violão, cantar e até mesmo compor. Assí- duo participante de festivais, o jovem percussionista tem agora a primeira oportunidade de se

apresentar sozinho em público, entre o primeiro ("Papete, Berimbau e Percussão") e o segundo disco ("Papete, Autor e Intérprete"), mostrando seu trabalho com ritmos populares brasileiros, numa linha de pesquisa semelhante, diz ele, à de Ailton Moreira e Naná. Fundação Getúlio Vargas (Av. Nove de Julho, 2029), domingo.

**ROCKY HORROR SHOW** — Para enaltecer o rock, satirizar os filmes de terror e celebrar a permissividade da era de Aquarius, o inglês Richard O'Brien armou uma farsa decididamente demodê. Mas o diretor Odavlas Petti supera a inconsistência do texto, encerrando-o como uma brincadeira e imprimindo-lhe um ritmo veloz. Com Lucia Turnbul, Oswaldo Barreto e Paulo Vilaça. Teatro das Nações (av. São João, 1737).

**SEMANA NACIONAL DO ROCK'N ROLL** — Com a intenção de realizar uma retrospectiva dos melhores shows de rock deste ano, o jornalista Carlos Gouveia reuniu alguns dos mais significativos conjuntos, cantores e compositores brasileiros do gênero, sem esquecer de incluir um Rock'n Roll Revival (sessão nostálgica com Cely Campello e Ronnie Cord, entre outros) e uma jam session (com participantes dos vários shows). Um troféu "Rock 75" será entregue no último dia da Semana (domingo) aos rock'n rollers escolhidos por dez conceituados críticos (somente domingo). Teatro Bandeirantes (Av. Brigadeiro Luiz Antonio, 1411).

ESPECIAIS



Ruth Rachou: fontes indígenas

Balé

**AUKÉ** — Ruth Rachou, 48 anos, há quatro vem desenvolvendo com sua Cia. de Dança Moderna um trabalho de pesquisa e estudo das possibilidades expressivas do movimento. Agora, aproximando-se do homem brasileiro e de sua cultura, o grupo penetra a mitologia indígena: Auké, um espetáculo de teatro e dança, é inspirado numa lenda dos índios Timbiras, "sem o objetivo imediato de realizar um espetáculo folclórico, mas sim de extrair do mito seu conteúdo mais sig-

nificativo". A direção é de Francisco Medeiros e a coreografia de Ruth Rachou, interpretada por Thales Pan Chacon, Debby Growald, Yette Hansen, e a própria Ruth. Teatro de Dança. (Rua dos Ingleses, 209), de 5 a 15 de dezembro.

**BAILADO** — O Corpo de Baile Municipal, dirigido por Antonio Carlos Cardoso e Iracily Cardoso, interpreta "Soledad", de Astor Piazzola, "Do Galope ao Romance Nordestino", do Quinteto Armorial, além das coreografias especiais

de Marilena Analdi ("Cenas", baseada no filme de Ingmar Bergman), Alphonse Poulen é o bailarino convidado. Teatro Municipal (Pça. Ramos de Azevedo), de segunda a quarta.

Erudito

**CORAL MUNICIPAL** — Acompanhado pela Orquestra Sinfônica Municipal, sob a regência de Camargo Guarnieri, interpreta obras desse maestro: Ponteio n. 48, Serra do Rola Moça, quatro poemas de Macumaima e Pedro Malazar. Os cantores solistas são

Edmar Ferretti, Carlos Augusto Vidal e João de Braz Filho. Teatro Municipal domingo

**MÚSICA NOS PARQUES** — Dentro da programação do Movimento Mário de Andrade, apresenta-se desta vez o flautista Jean Noel Saghaard, acompanhado por seu grupo. Anfiteatro Verde (Parque Morumbi), somente domingo.

M.P.B.

**ZIMBO TRIO** — Interpreta músicas de João Bosco, Milton Nascimento, Jobim e composições do próprio trio. Instituto Goethe (Rua Augusta, 1470), somente sexta.

**FESTIVAL BEETHOVEN** — A Orquestra Filarmônica de São Paulo, sob regência de Simon Blech, interpreta obras do compositor romântico: Abertura de Egmont; Concerto n. 4 para piano e orquestra (pianista Sonia Goulart) Teatro Municipal (Pça. Ramos de Azevedo), somente sexta e sábado.

**RECITAL DE ÓRGÃO** — Angelo Camin interpreta Domenico Zipoli, J.S. Bach, Alberto Nepomuceno, André Fleury, Siegfried Karg. Teatro Municipal (Pça. Ramos de Azevedo), somente domingo.

**NOVELAS**

**Destaque:**  
**O Grito\***

De segunda a sexta  
22h00

(5) **O Grito** — Uma idéia ambiciosa e estimulante do teatrólogo Jorge Andrade — sintetizar a realidade de uma megalopole (no caso São Paulo) através das personagens do imaginário edifício Paraiso — contida, nestes primeiros capítulos, por um clima excessivamente sufocante. Com Glória Menezes, Walmor Chagas, Isabel Ribeiro.

De Segunda a sábado  
18h15

(5) **A Moreninha** — A adaptação de Marcos Rey desloca o romance de Joaquim Manoel de Macedo 20 anos à frente, com a intenção de incluir alguns episódios históricos importantes. Resultado: a essência da história original evaporou-se no vídeo, soterrado por uma disforme massa de figurinos e cenários e incongruentes normas de linguagem e direção. (Herval Rossano) Com Nivea Maria e Marco Nanini.

18h25

(4) **O velho, o menino e o burro** — Inócua e interminável telenovela infantil. Com Sadi Cabral e Paulo Hesse. Nesta semana, finalmente, Alvaro (Régis Monteiro) conseguirá casar-se com Rosinha (Maracy Mello).

19h00

(4) **Um dia, o amor** — No capítulo 63, Maria Cecília (Lisa Vieira) oferece o tradicional chá-de-cozinha, o que deixa Dona Emília (Leonor Bruno), sua avó, muitíssimo empolgada. Maria Cecília deverá casar-se, numa capela particular da mansão de Lucinha (Lélia Abramo).



Tereza Rachel em O Grito

(5) **Bravo** — Carlos Alberto é o maestro angustiado dessa novela de acordes dissonantes de Janete Clair, tendo como "partner" Aracy Balabanian.

19h45

(5) **A Viagem** — A grande novidade desta semana: Dr. César Jordão (Altair Lima) descobre que vai morrer brevemente. E o espírito de Alexandre Veloso (Ewerton de Castro) dominará mais uma personagem feminina. A partir do capítulo 54, Josefina (Yolanda Cardoso) muda totalmente suas atitudes em relação a nora (Eva Wilma).

20h00

(5) **Pecado Capital** — Mais uma novela convencional, seguindo os mesmos padrões de sucesso dos trabalhos anteriores de Janete Clair: a solidão de um homem permanentemente rodeado de gente (Salviano, um industrial viúvo, pai de seis filhos, interpretado por Lima Duarte) e os problemas provocados por "uma ascensão social brusca", vivida pela operária Lúcia (Betty Faria) e pelo motorista de taxi Carlão (Francisco Cuoco). Direção de Daniel Filho.

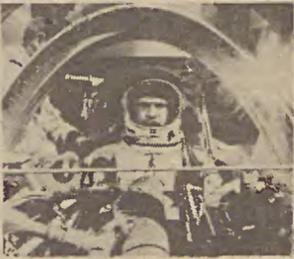
20h25

(4) **Vila do Arco** — Adaptação do conto "O Alienista" de Machado de Assis. Com Laerte Murrone e Maria Isabel de Lizandra.

**SÉRIES**

Quinta, 4

**Destaque: Kojak\*\***



Cyborg, o ser biônico

19h00

(7) **Na Corda Bamba** — Mike Connors vive o agente Secreto Nick. Estréia. (COR)

21h00

(13) **Cyborg** — Lee Majors é um desenxabido super-homem

Sexta, 5

**Destaque: Mod Squad\*\***

22h00

(7) **Police Woman** — Angie Dickinson é um sargento com armas bastante originais: sutiãs, calcinhas e o indispensável Colt. (COR)

23h00

(4) **Mod Squad** — Michael

Sábado, 6

**Destaque: Kolchak\***

21h00

(7) **Police Story** — Histórias variadas sobre o dia-a-dia da polícia de Los Angeles, sem artistas principais. (COR)M

22h30

(13) **Kolchak** — Darren McGavin é Carl Kolchak, um repórter especial norte-americano que anda à cata de assuntos extravagantes e esbarra sempre com o sobrenatural. Episódio de hoje: "O Andróide". (COR)

Domingo, 7

**Destaque: Colditz\*\***

23h00

(13) **Colditz** — Prisioneiros de guerra norte-americanos, Robert Wagner e David MacCallum tentam fugir de um castelo-prisão durante a Guerra. Episódio de hoje: "Professor e herói". (COR)

00h00

(5) **Os Intocáveis** — Numa série esmaecida pelo tempo, Elliot

Segunda, 8

**Destaque: Planeta dos Macacos\*\***

21h00

(5) **Planeta dos Macacos** — Na RECICLAGEM PARA TV, seguindo a idéia original da novela "Monkey Planet" de Pierre Boulle e dos cinco filmes que a antecederam no cinema, a duração foi reduzida para uma hora e os astronautas a apenas dois: Ron Harper e James Naughton vivendo na Terra, dois mil anos depois da destruição do planeta por armas nucleares em conflitos com

macacos super-inteligentes. (COR).  
(4) **Espaço 1999** — Série de ficção-científica mostrando as peripécias de 300 pessoas, habitantes de uma base espacial na Lua, obrigadas a uma viagem inesperada através do Universo. Com Martin Landau, Barbara Bain, além de artistas convidados: Christopher Lee, Joan Collins, Peter Cushing. Episódio de hoje: "O Elo Perdido". (COR).

Terça, 9

**Destaque: San Francisco Urgente\*\***

21h00

(13) **Cannon** — William Conrad é um detetive gordo, bom e perspicaz, revalorizando os homens obesos (nos EUA). Episódio de hoje: "Dinheiro Sangrento" (COR)

22h00

(4) **Os Detetives** — Série com cinco detetives que se alternam a cada semana: Columbo (Peter Falk), McCloud (Dennis Weaver), Casa McMillan,

Amy Prentiss (Jessica Walter) e Irmãs Snoop. Episódio de hoje: "Amy Prentiss conhecida como a chefe", com Amy Prentiss.

23h00

(13) **Gunsmoke** — Um faroeste no velho estilo, com xerife Matt Dillon (James Arness) resolvendo os problemas da cidadezinha de Dodge e seus arredores. Episódio de hoje: "Trafton". (COR)

Quarta, 10

**Destaque: Combate\*\*\***

21h00

(5) **Kung-Fu** — Aventuras de um imigrante oriental (David Carradine), perito em filosofia e artes marciais, no velho oeste norte-americano. (COR)

22h00

(4) **O Caçador** — Ken Howard interpreta um veterano da guerra da Indochina, que resolve ser policial quando volta aos EUA, na década de 30. Torna-se um investigador que quer

não apenas prender os infratores da lei, mas também resolver os problemas dos detidos. (COR).

23h00

(7) **Combate** — Episódios baseados em fatos verídicos da Segunda Guerra, sobre o desembarque nas praias da Normandia pouco antes do Dia D. Com Vie Morroy e Rick Jason e, eventualmente, atores como Lee-Marvin e James Coburn. (COR).

**MUSICAIS**

**Destaque:**

**Série Documento\*\***

Quinta, 4

22h00

(2) **Música de todos os tempos**

Sexta, 5

22h00

(2) **O choro das sextas-feiras**

Sábado, 6

19h30

(13) **Série Documento** — Apresentando Luiz Vieira.

21h30

(2) **O samba se aprende na escola**

Domingo, 7

10h30

(5) **Concertos para a juventude**

11h30

(2) **Concerto Sinfônico** — Sob a regência de Diogo Pacheco, a Orquestra Sinfônica Estadual interpreta obras de Eduard Lalo, Villa-Lobos e Stravinsky. Solistas: Ruggero Ricci (violino) e Claudio Richerme (piano).

15h30

(2) **TV-2 Pop Show** — Musicais internacionais acompanhados por comentários sobre os novos lançamentos e informações sobre o mundo musical jovem. (COR).

18h00

(4) **Hallelujah** — Nova e infeliz incursão (com raras exceções) do rock caboclo, tendo à frente Silvio Brito e Fábio Jr. Esta semana, os convidados são Alceu Valença, Trio Ternura e o conjunto argentino Humauaka.

20h00

(2) **Gente Jovem** — Fausto Canova e Angela Rodrigues Alves apresentando novos valores.

Segunda, 8

21h30

(2) **Retrato Falado** — Alguns intérpretes brasileiros falam de Tom Jobim.

Terça, 9

21h00

(4) **Brasil Som 75** — Musical gravado ao vivo em auditório e sob a tutela do insosso Benito di Paula, esporadicamente rodeado de alguns expoentes da música brasileira. (COR).

23h00

(2) **As muitas histórias do MPB** — Depoimentos de vários cantores e compositores, contando a história das modinhas e lundus.

Quarta, 10

22h00

(2) **Os melhores momentos da ópera**

SHOWS

**Destaque:**  
**Fantástico**

Quinta, 4

21h00

(4) **Silvio Santos Nobre** — Programa de variedades, ao vivo, com os quadros "Ele Disse, Ela Disse", "Clube dos Quinze" e "Golias em Cinco Tempos". (COR)

Sexta, 5

21h00

(4) **Clube dos Artistas** — Provavelmente o mais antigo programa de variedades do vídeo, insistindo em sobreviver, com chamadas do tipo "música brasileira e internacional, convidados famosos". Com Lolita e Ayrton Rodrigues.

Sábado, 26

22h00

(7) **Buzina do Chacrinha** — Programa de auditório com calouros, cada vez mais distante de seus áureos tempos.

Domingo, 27

11h00

(5) **Silvio Santos** — Uma maratona de divertimentos populares, conduzida durante nove horas pelo animador Silvio Santos.

20h00

(5) **Fantástico** — show da vida cada vez menos sugestivo.

**HUMORISMO**

Quinta, 4

21h00

(5) **Chico City** — Valfrido Canavieira e mais uma série de impagáveis personagens criados por Chico Anísio, vivendo numa fictícia cidade do Nordeste brasileiro. Nesta semana, Chico City exulta com a inauguração de sua primeira estação rodoviária, abrigo para a menor linha de ônibus do mundo, a Chico City/Chicópolis, via açude e com uma única parada: Jaqueira Stop. (COR)

Sábado, 6

21h00

(4) **Os Trapalhões** — Humor simples, direto e grotesco, preferido do público infantil. Nesta semana, duas sátiras: aos telefones e aos comentaristas de futebol. Na Escolinha, o professor é Silvio Brito e os convidados especiais da semana são Vanusa e o balé de Aladia Centenaro. Com Renato Aragão, Dedé Santana, Mussum e Mauro Gonçalves.

**TEATRO**

Segunda, 8

22h00

(2) **Teatro Dois** — Apresentando a peça "Electra", de Sófocles, dirigida por Adhemar Guerra.

Quarta, 10

21h00

(4) **Senhores e Senhoras** — Uma versão do programa "Marido Certo, Marido Errado", que o mesmo Walter Forster produzia, dirigia e apresentava há quase vinte anos. Esta semana o tema é uma questão: deve a mulher escolher as amizades do marido? Com Felipe Carone, Jussara Freire, John Herbert, Elizabeth Hartmann.

**TELEJORNAL**

**Destaque:**  
**Panorama**

De segunda a sexta

12h00

(13) **Jornal do Meio-Dia** — Noticioso local.

12h30

(2) **Jornal da Cidade** — Noticioso local.  
(7) **E Tempo de Notícia** — Noticioso.

13h00

(5) **Hoje** — Jornal de serviços, variado e superficial (COR)

19h30

(7) **Jornal Jovem Pan** — Editado pela equipe da rádio Jovem Pan, dando mais importância a quem lê (Antonio Del Fiori, Osmar Santos) do que ao que é lido. (COR)  
(11) **Sete e Meia Informal** — Fatos nacionais e internacionais comentados por Tavares de Miranda, Agnes Roberta e Geraldo Vieira.

19h45

(5) **Jornal Nacional** — Noticioso com mais recursos apresentado por Cid Moreira e Sérgio Chaplin (COR)  
(2) **Panorama** — Noticioso dedicado exclusivamente às artes e espetáculos, apresentado pela atriz Lilian Lemmert. Estréia nesta semana. (COR)

20h20

(13) **Economia** — Notas do jornalista Joelmir Betting. (COR)

20h30

(13) **Titulares da Notícia** — Noticioso de qualidade, limitado pela falta de recursos técnicos.



Marcia Mendes em Amanhã

20h45

(4) **Factorama** — Noticioso.  
(13) **Coluna 13** — Notas dos bastidores, da política e dos negócios, com o colunista Cláudio Marques (COR)

20h55

(2) **Hora da Notícia** — Noticioso interpretativo e baseado em reportagens externas. Apresentação de Fábio Perez.

22h45

(5) **Amanhã** — Noticioso que confundia decor e miseu-scene com informação. Agora sério (COR)

**DEBATES**

Quinta, 4

22h45

(7) **Diálogo Nacional** — Entrevista com uma personalidade, tendo Blota Júnior como mediador, que geralmente fala mais que o convidado.

Segunda, 8

23h00

(13) **Interesse Público** — Entrevistas e debates sobre temas palpitantes da atualidade, conduzido pelo colunista econômico Joelmir Betting e pelo jornalista Ney Gonçalves Dias.

**ESPORTE**

Quinta, 27

21h00

(13) **O Melhor futebol do mundo**

Sábado, 29

11h30

(4) **Grand Prix** — Notícias sobre automobilismo.  
(5) **Esporte Espetacular** — Video-tape variado sobre esportes.

23h30

(4) **Futebol Compacto** — Os melhores lances de um jogo do Campeonato Nacional (COR).

Segunda, 1

22h30

(2) **Esporte Visão** — Tapes de futebol, boxe, automobilismo, hipismo, polo, motonáutica, sem contudo aproveitar todas as suas possibilidades.

Terça, 2

21h00

(13) **O melhor futebol do mundo** — Transmissão ao vivo de um jogo do Campeonato Nacional. (COR).

Quarta, 3

23h30

(13) **O melhor futebol do mundo** — Transmissão ao vivo de um jogo do Campeonato Nacional. (COR).

**ESPECIAIS**

Sexta, 5

21h00

(5) **TV Ano 25** — Série sobre os 25 anos de televisão brasileira, baseados em depoimentos, filmes, fotos e ilustrações, que peca pela ausência de cronologia e linearidade, e por uma frequente amnésia. O tema desta semana é o esporte, mostrando os melhores momentos do boxe, automobilismo, vôlei, basquete, tênis, natação, turfe, iatismo e dos VII Jogos Pan-Americanos, além de depoimentos das figuras mais expressivas do esporte mundial. (COR)

**2 CULTURA**      **4 TUPI**      **5 GLOBO**      **7 RECORD**      **13 BANDEIRANTES**  
**Quinta, 04**      **Destaque: Bandeirantes \*\***

<p>(2) 24h00  <b>NINGUEM ESCAPA AO CASTIGO</b> (None Shall Escape), 44 - Drama antinazista típico dos anos da guerra durante um julgamento, um integrante do III Reich recorda sua sangrenta carreira. Direção de Andre de Toth. Com Marsha Hunt, Alexander Knox.</p>	<p>(4) 24h00  <b>NENHUMA MULHER VALE TANTO</b> (The Iron Mistress), 52 - A história de Jim Bowie, que em 1820, levou para o Oeste uma nova arma: a faca de dois gumes. Mediocridade dirigida por Gordon Douglas. Com Allan Leadd, Virginia Mayo</p>	<p>(5) 24h00  <b>TRÊS CARTAS DE AMOR</b> (Letters from 3 lovers), 73 - Drama em episódios feito para a teve, cujo ponto de partida é o mesmo de As Cartas: um carteiro (Henry Jones) se atrasa na entrega de três cartas modificando com elas a vida de seus destinatários e demais pessoas envolvidas. Direção de John Erman. Com Martin Sheen, June Allyson, Juliet Mills, Barry Sullivan. (COR)</p>	<p>(7) 21h00  <b>O DISCO VOADOR</b> (The Bamboo Saucer), 68 - Ficção-científica inédita nos cinemas brasileiros: um disco voador extra-terreno é encontrado na China provoca a luta de vida e morte de três nações. Direção de Frank Telford. Com Dan Dureya, John Ericson na TV. (COR)</p>	<p>(13) 00h30  <b>OS BRAVOS NÃO SE RENDEM</b> (Jubilee Trail), 53 - Faroeste. Um casal em lua de mel ajuda cantora de cabaré injustamente acusada de assassinato. Direção de Joe Kane. Com Vera Ralston, Joan Leslie, Pat O'Brien. (COR)</p>
---	---	--	---	--

**Sexta, 05**      **Destaque: Cultura \*\*\***

<p>24h00  <b>PÂNICO NAS RUAS</b> (Panic in the Streets), 50 - Suspense e cenas em locais reais (uma raridade na época) no filme preferido de Elia Kazan: médico e policial combatem ameaça de peste bubônica em New Orleans. Com Richard Widmark, Paul Douglas e a estréia de Walter (Jack) Palance.</p>	<p>24h00  <b>TERROR NA PRAIA</b> (Terror on the Beach), 73 - Drama feito para a TV: uma família em fim-de-semana na praia é ameaçada por bando de adolescentes. Direção de Paul Wendkes. Com Dennis Weaver (o McCloud), Estelle Parsons, Susan Dey (A Família Dó Ré Mi). (COR)</p>	<p>23h00  <b>UMA SOMBRA PASSOU POR AQUI</b> - (The Illustrated man), 68 - Três contos de Ray Bradbury interpretados por um trio de atores (Rod Steiger, Clarie Bloom e Robert Drivas). Direção de Jack Smight. (COR)          01h00  <b>O EMBUSTEIRO</b> (The Imposter), 73 - Policial feito para a TV: um ator usa sua habilidade com disfarces para participar de missão para o Serviço Secreto.</p>	<p>24h00  <b>FANATISMO MACABRO</b> (Die, Die My Darling), 65 - Suspense inglês, último filme da lendária atriz teatral Tallulah Bankehead: garota que vem visitar a a mãe do namorado morto é mantida prisioneira para ser oferecida em sacrifício. Prestem atenção em Donald Sutherland numa ponta. Direção de Sylvio Narizzano. (COR)</p>	<p>21h00  <b>LUA DE MEL COM PAPAÍ</b> (How Sweet It Is), 68 - Uma comédia do gênero "Doris Day", só que no papel principal está Debbie Reynolds. O diretor, Jerry Paris, é vulgar e o filme também. Estréia na TV. (COR)          24h00  <b>BRINCADEIRA PERIGOSA</b> (A Little Game), 72 - Suspense razoável feito para a TV: padrasto (Ed Nelson) suspeito que o enteado é um perigoso assassino adolescente. Direção de Paul Wendkes. (COR)</p>
--	--	--	---	---

**Sábado, 06**      **Destaque: Globo \*\*\***

<p>13h00  <b>DRAMA SEM CORAÇÃO</b> (A Woman of Distinction), 50 - Momentos engraçados com Rosalind Russell e Ray Milland nesta comédia: diretora de faculdade tem seu nome ligado a um astrônomo inglês. Direção de Edward Buzzell.</p>	<p>23h30  <b>O DIA D</b> (The D Day, the Sixth of June), 56 - Drama romântico passado durante o desembarque aliado na Normandia: Robert Taylor, Dana Wynter e Richard Todd em triângulo amoroso neste filme insignificante dirigido por Henry Koster. (COR)</p>	<p>23h00  <b>OS PECADOS DE TODOS NÓS</b> (Reflection in a Golden Eyr), 68 - Vulgarização do romance de Carson McCullers, abordando adultério e outros pecados maiores numa base militar do sul dos EUA. Direção de John Huston. (COR)          01h00  <b>UM CLARÃO NAS TREVAS</b> (Wait Until Dark), 67 - Versão cinematográfica da peça Black-Out: Direção de Terence Young. (COR)</p>	<p>01h00  <b>O TESOURO PERDIDO DOS ASTECAS</b> (Sanzone e il Tesoro degli Incas), 65 - Faroeste europeu: o halterofilista Sansão ajuda um amigo acusado injustamente de um crime a livrar-se da acusação. Direção de Piero Pierotti. Com Alan Steel, Pierre Cresoy. (COR)</p>	<p>24h00  <b>COLOSSUS 1980</b> (The Forbin Project), 69 - Interessante e bem cuidada ficção-científica: super-computadores americano e soviético se aliam para dominar a raça humana. Direção de Joseph Sargent. Com Eric Braeden, Susan Clark. (COR)</p>
---	---	---	---	---

**Domingo, 07**      **Destaque: Record \*\***

<p>13h00  <b>ERA SOMENTE O AMOR</b> (SLIGHTLY FRENCH), 49 - Comédia musical: atriz finge-se de francesa para se tornar estrela. Direção de Douglas Sirk. Com Dorothy Lamour (sem sarong), Don Ameche, Janis Carter.</p>	<p>19h00  <b>AS MALICIOSAS AVENTURAS DE UMA LOIRA</b> (The Wicked Dreams of Paula Schultz), 67 - Atleta da cortina de ferro tenta fugir pelo Muro de Berlim. Mas tudo como comédia, feita por George Marshall. Com Elke Sommer e Bob Crane.          21h00  <b>A ARTE DE CONQUISTAR UM BROTO</b> (Here We Go Round the Mulberry Bush), 68 - A réplica inglesa a Primeira Noite de Um Homem:</p>	<p>22h00  <b>ENTRE PARA MORRER</b> (Dying Room Only), 73 - Suspense feito para TV, baseado em excelente roteiro de Richard Matheson (o autor de Encurralado), com direção de Phillip Leacock: um casal viajando pelo deserto faz uma parada numa lanchonete, onde o marido desaparece misteriosamente. Com Cloris Leachman, Ross Martin. Estréia na TV. (COR)</p>	<p>19h00  <b>AS AVENTURAS DE MARY READ</b> (Le Aventure di Mary Read), 61 - Capa-espada italiano: Com Lisa Gastoni, Jerome Courtland. (COR)  <b>O MONSTRO DO MAR REVOLTO</b> (It Came From Beneath the Sea), 55 - O autor de ficção científica Ray Bradbury desmente ter algo a ver com o roteiro do filme: bomba H desperta um polvo gigantesco que ataca San Francisco. Direção de Robert Gordon. Com Faith Domergue, Donald Curtis.</p>	<p>17h00  <b>A FLOR QUE NÃO MORREU</b> (Green Mansions), 59 - Drama poético: Direção de Mel Ferrer. (COR).          20h00  <b>MOBY DICK</b> (Moby Dick), 56 - Caprichada versão do livro de Herman Melville sobre a gigantesca baleia e o capitão Ahab (Gregory Peck) que pretende matá-la. Excepcional tratamento de cor. Direção de John Huston. Com Orson Welles, Lee Gerr. Estréia na TV. (COR)</p>
---	---	---	--	---

**Segunda, 08**      **Destaque: Globo \*\***

<p>24h00  <b>ATRAVÉS DO FURACÃO</b> (Cargo to Capetown), 50 - Dois vagabundos que trabalham num cargueiro se apaixonam pela mesma mulher. Direção de Earl McCoy. Com Broderick Crawford, Eilon Drew.</p>	<p>16h15  <b>ABBOT &amp; LOU COSTELLO</b> - seriado com a dupla de comediantes, famosa na década de 50.          16h15  <b>SESSÃO PATOTA</b> - desenhos com super-heróis.</p>	<p>23h00  <b>O SEGUNDO GENESIS</b> (Genesis II), 72 - Ficção científica produzida para a TV, com bons efeitos especiais: um cientista é mantido congelado até o ano 2133 quando um mutante o desperta de sua longa hibernação. Direção de John L. Moxey. Com Alex Cord, Ted Cassidy. (COR)</p>	<p>21h00  <b>VENHA ESPIONAR COMIGO</b> (Come Spy With Me), 67 - Aventura feita para a TV. Com Trey Donahue, Andrea Dremm. (COR)          24h00  <b>O FILHO DE FRANKENSTEIN</b> (The Son of Frankenstein), 39 - Última vez que Boris Karloff fez o monstro: ele ressucita, mata os que o assassinaram e sequestra o filho do Barão. Direção de Rowlan V. Lee. Com Bela Lugosi, Basil Rathbone.</p>	<p>21h00  <b>HORA MARCADA PARA MORRER</b> (Face of Fear), 71 - Suspense feito para TV. Direção de George McGowan. Com Elizabeth Ashley, Ricardo Montalban. (COR)          24h00  <b>REDEÇÃO SANGRENTA</b> (The Breaking Point), 50 - Aventura baseada em conto de Hemingway: dono de barco pesqueiro participa de assalto. Direção de Michael Curtiz. Com John Garfield, Patricia Neal.</p>
--	---	--	---	---

**Terça, 09**      **Destaque: Record \*\***

<p>13h00  <b>VOCÊ ME PERTENCE</b> (You Belong To Me), 41 - Boa comédia: um milionário tem ciúmes dos clientes de sua mulher médica. Direção de Wesley Ruggles. Com Barbara Stanwyck e Henry Fonda.          24h00  <b>O GATO</b> (The Cat!), 66 - Aventura inédita nos cinemas brasileiros: garoto perdido na floresta faz amizade com gato selvagem. Direção de Ellis Kadsen. Com Peggy Ann Garner, Barry coc, Roger Perry. (COR)</p>	<p>16h45  <b>SESSÃO PATOTA</b> - desenhos com super-heróis.          16h15  <b>ABBOT &amp; LOU COSTELLO</b> - seriado com a dupla de comediantes, famosa na década de 50.</p>	<p>23h00  <b>MARAVILHOSA ANGÉLICA</b> (Merveilleuse Angélique), 65 - Segundo filme da série Angélica, Marquesa dos Anjos (4 ao todo): Direção de Bernardi Borderie. Com Michele Mercier, Giuliano Gemma. Estréia na TV. (COR)          01h00  <b>ALVAREZ KELLY</b> (Alvarez Kelly), 66 - Faroeste de rotina: William Holden conduz uma manada de gado para a União mas é forçado a entregá-la para os sulistas. Direção de Edward Dmytryk. (COR)</p>	<p>21h00  <b>A ÚLTIMA CORRIDA</b> (Run a Crooke Mile), 69 - Suspense. Direção de Gene Levitt. Com Louis Jourdan, Mary Tyler Moore. (COR)          24h00  <b>OS HOMENS PREFEREM AS LOIRAS</b> (Gentleman Prefer Blondes), 53 - Comédia musical: duas coristas vão a Paris a cata de milionários. Uma delas é Marilyn Monroe, num de seus melhores desempenhos, cantando "Diamonds are a Girl's Best Friends". A outra é Jane Russell. Direção de Howard Hawks.</p>	<p>24h00  <b>A MORTE ESTÁ DE FÉRIAS</b> (Death Takes a Holiday), 71 - Drama feito para a TV: a morte vem à Terra para descobrir porque os homens não querem morrer. Direção de Robert Butler. Com Melvyn Douglas, Myrna Ley, Yvette Mimieux. (COR)          24h00  <b>COLOSSUS 1980</b> (The Forbin Project), 69 - Interessante e bem cuidada ficção científica: super-computadores americano e soviético se aliam para dominar a raça humana. Direção de Joseph Sargent.</p>
--	---	--	---	---

**Quarta, 10**

<p>13h00  <b>O SABRE E A FLECHA</b> (The Last of the Comanches), 52 - Faroeste mediano de Andre de Toth: Brancos são cercados em emboscada pelos índios. Com Broderick Crawford, Barbara Hale.          24h00  <b>SOB O CEU DA CORÉIA</b> (Mission Over Korea), 53 - Dois oficiais mostram sua verdadeira personalidade lutando na Guerra. Direção de Fred Sears. Com John Derek John Hediak.</p>	<p>16h45  <b>SESSÃO PATOTA</b> - desenhos com super-heróis.          16h15  <b>ABBOTT &amp; LOU COSTELLO</b> - seriado com a dupla de comediantes, famosa na década de 50.</p>	<p>23h00  <b>FÉRIAS DE AMOR</b> (Pic Nic), 55 - Adaptação cinematográfica do famoso drama teatral de William Hinge, premiado com Oscars de cenografia e montagem: estranho chega a uma cidadezinha do Kansas, modificando a vida de 5 pessoas. O principal destaque é uma cena clássica de Kim Novak e William Holden, dançando ao som de Moonglow. Direção de Joshua Logan. Com Rosalind Russel, Cliff Robertson. (COR)</p>	<p>21h00  <b>MEU SANGUE POR MINHA HONRA</b> (The Saga of Hemp Brown), 59 - Faroeste de rotina dirigido pelo ator Richard Carlson: Rery Calhoun é o herói, um tenente do exercito injustamente acusado de roubo. Estréia na TV. (COR)  <b>A SEITA DO DRAGÃO VERMELHO</b> (Terror of the Tongs), 61 - Terror: em 1910, em Hong-Kong, uma escrava ajuda marinheiro a desmascarar quadrilha de traficantes de mulheres. Direção de Anthony Bushell. Com Christopher Lee, Geoffrey Tooney. (COR)</p>	<p>21h00  <b>ASTÚCIA E COBIÇA</b> (It Takes All Kinds), 69 - Drama policial ambientado na Austrália, inédito nos cinemas do Brasil: chantagista força marinheiro a participar de assalto a valioso vitral. Más referências ao diretor Eddie Davis. Com Vera Miles, Robert Lansing. Estréia na TV. (COR).  <b>O ESCANDALO DO SÉCULO</b> (The Girl the Red Velvet Swing), 55 - Crime famoso do começo do século em cuidadosa reconstrução. Direção de Richard Fleischer. Com Jean Collins, Farley Granger, Ray Milland. (COR)</p>
---	--	--	---	---



**LANÇAMENTOS**

**A APOSTA DO SÉCULO** (*All the Way to Paris*), 74 - Porque os líderes das superpotências não resolvem a socos suas divergências em vez de provocarem a morte de milhões de pessoas com suas desavenças? A partir dessa extravagante premissa, o diretor Jamie Lys realizou esta comédia sul-africana, cujo humor não é negro, tampouco parece tingir-se de cores mais atraentes. Trata-se, em todo caso, da primeira produção cosmopolita daquele país, filmada na Europa e com intenções satíricas: um líder da fictícia Anzonia, propõe uma corrida a pé de Atenas a Paris entre os líderes dos países rivais. O próprio Lys faz o papel principal, ao lado de Bob Courtney, Reiniet Maasdorp. (COR) Gemini 2 (av. Paulista, 807).



**A Aposta do Século: só uma extravagância**

**CATIVA DE UM AMOR** (*Sheila Levine is Alive and Living in New York*), 75 - O tom é de sátira nesta comédia romântica (baseada em romance de Gail Parent), espécie de "Georgy Girl" novatorquina: uma jovem judia (Jeannie Berlin) da Pensilvânia vem morar em Nova York e se apaixonava logo no primeiro encontro amoroso por um médico (Roy Schneider, o astro de "Tubarão"). Mas, para ele, tudo não passava de uma aventura passageira. Direção de Sidney J. Furie. (COR) Gemini 1 (av. Paulista, 807).

**CHARLESTON** (*Anche Gli Angeli Tirano di Destra*), 74 - Depois de satirizar os faroestes na série *Trinity*, o itá: Clucher (pseudônimo de Enzo Barboni) dirige esta sequência de "Os Anjos Também Comem Feijão" com intenções visíveis de imitar "Golpe de Mestre" e clássicos famosos - o garoto Paolo Zilli, por exemplo, faz uma personagem inspirada no Kid de

Chaplin. Giuliano Gemma é Sony, um aventureiro que na década de 20 se oferece para trabalhar com um gangster, tendo de "proteger" um quartirão, onde trabalha um pregador irritadiço (Ricky Brunch). (COR) Olido (av. São João, 473), Iguatemi, a partir de sábado (av. Brig. Faria Lima, 1.191).

**DEUS ESTÁ CONOSCO** (*Gett Mitt Uns*), 69 - Quase três anos depois de seu lançamento no Rio, este filme do conceituado diretor Giuliano Montaldo ("Saco e Vanzetti") é finalmente lançado em São Paulo. A trama dessa vez se transfere para o fim da Segunda Guerra: dois desertores alemães são aprisionados por um batalhão canadense e escondidos pelo encarregado da subsistência do campo em seu alojamento. Mas são descobertos pouco antes do armistício e julgados. Com Richard Johnson, Franco Nero, Hel-



**Charleston: imitação de filmes famosos**

mut Schreide, Bud Spencer, Marachá (r. Augusta, 778).

**ESTE CRIME CHAMADO JUSTIÇA** (*In Nome del Popolo Italiano*), 71 - Um ataque violento à corrupção em todos os níveis da sociedade italiana, nessa sátira política de Dino Risi, ainda mais contundente do que seu "Perfume de Mulher": um juiz incorruptível (Ugo Tognazzi) se desdobra para condenar um milionário (Vittorio Gassman), suspeito de ter assassinado acidentalmente uma jovem call-girl (Ely Galeani). Seguramente, um dos melhores filmes do ano (COR) Belas Artes-Sala Mario de Andrade (r. Consolação, 2.433).

**EU, O CULPADO** (*Sono Stato*), 73 - Comédia do veterano e competente Alberto Lattuada ("Venha Tomar Café Conosco") sobre as peripé-



**Um Golpe Quase Perfeito: fiasco à francesa**

cias do ser humano em busca da projeção pública: Giancarlo Giannini (em extraordinária interpretação) é um pobre milanês que tem dois empregos: limpador de vidraças e figurante no Scala de Milão. Seus sonhos de auto-promoção tornam-se palpáveis quando um crime é cometido no teatro e ele faz de tudo para ser apontado como culpado e chegar às manchetes dos jornais. (COR) Metrópole (pça. Dom José Gaspar, 134), Astor (av. Paulista, 2.073).

**UM GOLPE QUASE PERFEITO** (*Trop Petit, Mon Ami*), 70 - Suspense policial francês (um fracasso na França): Michael Dunn (ator americano já falecido) é o anão ambicioso que planeja um grande golpe usando Jane Birkin como a falsa filha de um milionário. Direção de Eddy Matalon. (COR) Paissandu (largo Paissandu, 60).

**EM CARTAZ**

**O CASAL**, 75 - Entre a estréia como um Caso Especial da Rede Globo ("Enquanto a Cegonha Não Vem") e sua transposição cinematográfica, a história de Oduvaldo Viana Filho (os dilemas de um casal universitário quando a mulher fica grávida) recebeu alguns adereços libertinos, supostamente típicos do folclórico bairro de Ipanema. A parte a correção técnica, a linguagem simples, os artifícios fotográficos perpetrados pelo diretor Daniel Filho e a presença de astros da TV (Sônia Braga, José Wilker), tudo não passa de uma vulgar e pouco recomendável fotonovela *Cinespacial* (av. São João, 1465).



Ele é um siciliano que sufocado pela mulher dominadora (a bela Catherine Spaak) decide trocá-la por uma escrava submissa (Verônica Merin). Aí talvez se encontre o maior atrativo do filme (para o Brasil): é na Amazônia que Buzzanca vem comprar sua escrava, dando

**A ESCRAVA DO SUPER ERÓTICO** (*La Schiava io ce L'ho e tu No*), 73 - O Supererótico fica por conta do excesso de imaginação dos tradutores na nova comédia de Lando Buzzanca, nem pior nem melhor do que as anteriores.

ensejo a aलगuascenas do Rio de Janeiro. Se alguém encarar seriamente o filme pode se irritar. Direção de Giorgio Capitani (COR) Regina (Av. São João).

**INFERNO NA TORRE** (*The Towering Inferno*), 75 - No maior arranha-céu do mundo, incendiado no dia de sua inauguração, as personagens respiram um ar de irrealidade, digno de maquete. Para fazer jus ao título de "mestre do desastre", o produtor Irwin Allen ("O Destino de Poseidon") e o diretor John Guillermin se desdobram em cenas de proezas e malabarismos. Dos escombros finais, conclui-se que a denúncia é respeitosa embora acobertada por alibis para evitar maiores complicações com o *establishment*. Com Steve Macqueen, Paul Newman, Faye Dunaway, Belas Artes-Vilas Lobos (r. Consolação, 2433), Art Palácio-Sala São Paulo (av. São João, 419), Majestic (r. Augusta, 1475),

Ipiranga (Av. Ipiranga, 786) Vila Rica (Av. Santo Amaro, 617).

**JOVEM FRANKENSTEIN** (*Young Frankenstein*), 74 - Meticulosa reconstrução e deliberada paródia à versão original ("Frankenstein", de James Whale) do clássico monstro criado pela escritora inglesa Mary Shelley. Nela só falta a horripilante máscara, proibida de ser usada pela Universal, dona dos direitos sobre os parafusos e cicatrizes. O que não acontece com a sexualidade do Dr. Frankenstein, reprimida na criação de Boris Karloff e agora extravasada na de Peter Boyle. O resultado é frequentemente engraçado. Mas para entender todo o deboche do diretor Mel Brooks é preciso percepção aguçada e substancial intimidade com o cinema, pois o filme é repleto de citações de "King Kong" a Jerry Lewis. Bristol (av. Paulista, 2.064).

**Destaque: O Jovem Frankenstein \*\*\***



**PERFUME DE MULHER** (*Profumo di Donna*), 74 - Considerado pela crítica francesa como o melhor filme de Dino Risi desde "Aquele que Sabe Viver" (62), esta comédia italiana propiciou o Vittorio Gass-

man o prêmio de ator no último festival de Cannes. Ele é o meia-idade que junto a um adolescente (Alessandro Momo) percorre o país, em busca do amor ou da morte, da solidão ou da resignação, da maturidade ou da amargura (veja matéria na pag. ao lado) Copan (av. Ipiranga, 200), Gazetinha (av. Paulista, 900).

**TUDO O QUE VOCÊ SEMPRE QUIS SABER SOBRE SEXO** (*Everything You always Wanted to Know about Sex, but Was Afraid to Ask*), 73 - Desigual mas quase sempre hilariante, esta sátira em 7 episódios do comediante número 1 do cinema contemporâneo achipalha com instituições, tabus, falsas morais. A principal falha em todo caso, deve ser atribuída às legendas que desvirtuam grande parte dos diálogos originais. Palmela (r. Pamploha, 1418).

**REPRISES**

**BARBARELLA** (*Barbarella*), 67 - Pretenciosa e decepcionante sátira de Roger Vadim à heroína das histórias em quadrinhos eróticas: a super-mulher da era espacial, Barbarella, criada pelo desenhista francês Jean-Claude Forest. Tudo o que conseguiu, porém, foi provar que sua única especialidade é despir suas mulheres (aquí, Jane Fonda, na sua última aparição como símbolo sexual, antes de avandornar Vadim e se tornar líder guerrilheira). Destacam-se, em todo caso, o strip-tease inicial e a cena de amor do futuro com (e nas mãos) de David Hemmings. Com Ugo Tognazzi, John

Phillip Law (o anjo cego), Anita Pallenberg e o mímico Marcel Marceau. (COR) Liberty (av. Paulista, 2064)

**CIDADE VIOLENTA** (*Cittá Violenta*) 69 - Charles Bronson é dirigido pelo italiano Sergio Sollima num de seus filmes mais violentos: ele é um assassino profissional que resolve se vingar de um cliente que lhe roubara a amante. Mas a razão real da reprise deste filme é a presença no elenco de Telly Savalas (Kojac) que faz o papel de um gangster capitalista. Com Jill Ireland (a mulher de Bronson), Umberto Orsini. Gazeta (av. Paulista, 900),



Barão (r. Barão de Itapetininga, 255), Marrocos Pullman (r. Cons. Crispiniano, 355).

**O EVANGELHO SEGUNDO SAOMATEUS** (*Il Vangelo Secondo Matteo*), 64 - O diretor Pier Paolo Pasolini (trágica e recentemente falecido) utiliza gente do povo e cenários de aldeias italianas e consegue um resultado mais eficaz do que as superproduções hollywoodianas sobre o mesmo assunto: a vida de Cristo conforme a versão de São Mateus é uma visão marxista. Com Von Enriquer Irazoqui, Margherita Caruso. Coral (r. Sete de Abril, 381).

**JULIETA DOS ESPIRITOS** (*Giulietta Degli Spiriti*) 65 - Depois de fazer sua autobiografia em "Oito e Meio",

Federico Fellini realiza a biografia disfarçada de sua mulher Giulietta Massina, obcecada com os espíritos e insatisfeita no casamento. Há excessos orgiásticos de cores e formas, embora sem a substância de suas melhores obras. Com Sylvia Koscina, Valentina Cortese, Sandra Milo, e em pequenas aparições, Marcello Mastroianni (um dos fantasmas) e o escritor José Luis de Villalonga (um dos admiradores). Cinema I (r. Augusta, 2075).

**TERREMOTO** (*Easrthquake*) 74 - Graças a uma requintada parafernália eletrônica - denominada *senssur-*



round, mistura de som, ambiente e sensualidade - o diretor Mark Robson realiza a destruição de Los Angeles. Comodoro (av. São João, 1462),

**Destaque: O Evangelho Segundo São Mateus \*\*\***

**ESPECIAIS**

**OS BRAVOS DA ARENA** (*Momenti di Verità*), 67 - Entre a ficção e o documentário, esta notável abordagem sobre a vida do toureiro Miguel Mateu Miquelin (vivido pelo próprio). Direção de Francesco Rosi. Com Linda Christian. Cinema I (r. Augusta, 2075), somente quinta.

**OS MARIDOS** (*The Husbands*), 69 - Estilo improvisado e interpretação livre moldam este esquecido e reputado filme de John Cassavetes: três maridos de meia-idade vão ao funeral de um amigo em Londres e resolvem aproveitar o fim de semana para visitar a cidade. Com Peter Falk, Ben Gazzara. Cinema I (r. Augusta, 2075), somente sexta.

**CICLO DO CINEMA CHINES CONTEMPORÂNEO** -

**NO ALTO DAS MONTANHAS PERIGOSAS SE ESCONDE A BELEZA EM SUA INFINITA VARIEDADE** (*Wu Sien Fun Guon Tse Sian Fun*), 74 - Documentário científico (narrado em espanhol) produzido pelos Estúdios de Xangai (somente quinta).

**O ARTESANATO DA CHINA** (*Gun Yi May Szu*), - Documentário (narrado em inglês) pelos Estúdios Centrais de Notícias e Documentários de Pequim (somente sexta).

**ACROBACIAS** (*Tsa Dzi*), 74 - Documentário (sem necessidade de legendas) produzido pelos Estúdios Centrais de Notícias e Documentários de Pequim (somente sábado). MASP (av. Paulista, 1578).

**BRASIL VERDADE**, 66 - Reunião de tres documentários sobre cangaceiros (Memória do Cangaço, de Paulo Gil Soares), sambistas (Nossa Escola de Samba, de Manuel Horácio Gimenez) e imigrantes nordestinos (Viramundo, de Geraldo Sarno). Cinemateca Museu Segall (r. Afonso Celso, 362), somente sexta.

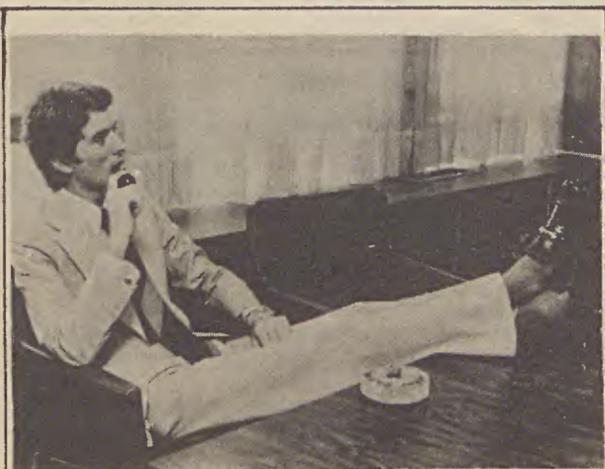
**OS CAFAJESTES**, 60 - Precursor do cinema novo, com linguagem nova e tema audacioso para a época: uma análise de certa área marginal da sociedade, ambientado numa praia deserta do Rio de Janeiro. Direção de Ruy Guerra. Com Norma Bengell, Jece Valadão. Cinemateca Museu Segall (r. Afonso Celso, 362), somente sábado.

**O CIRCO**, 30 - Clássico do cinema mudo de Charles Chaplin: Carlitos se refugia num circo e se transforma em cômico e malabarista. Cinemateca Museu Segall (r. Afonso Celso, 362), somente sábado.



MAGAZINES

# Esta moda só tem um defeito: não é exclusiva



Costume xadrez bem suave, caindo para o cinza. É da Camelo e está à venda nas Casa José Silva, por 980 cruzeiros. Meias laranja da Lupo.

Para os mais exigentes ou preconceituosos), a moda pronta masculina só peca por falta de exclusividade. Na confecção, modelagem e estilo, é hoje equiparada à roupa sob medida, oferecendo como vantagem preços mais acessíveis. Sem falar, naturalmente, na comodidade: é o fim do vai e vem entre loja de tecido, provas no alfaiate (no caso de ternos ou costumes), compra de camisas, acessórios, etc.

Nas grandes lojas, diferentes departamentos cuidam do cliente, de forma que ele saia bem vestido dos pés ao colarinho. Bem vestido significando às vezes, à moda Pierre Cardin Cerruti, Christian Dior, Ted



Das Lojas Garbo: liso e xadrez coordenados, em tom pastel, 179 cruzeiros

Lapidus ou Clodovil.

### Conforto, uma preocupação a mais

Embora o homem moderno queira se livrar sempre que possa, do costume tradicional (calça e paletó) ou terno (Calça, paletó e colete), eles continuam como obrigação, imposta principalmente pelo trabalho. Neste verão, entretanto, a moda pronta apresenta uma preocupação maior com o conforto. Ou seja, é o triunfo dos paletós sem forro; dos tecidos como o linho, algodão, gabardini, popeline, ainda que em mistura com fibras sintéticas. Isto é, acompanhando, segundo a explicação de Pedro Ribeiro da Regência, a preferência do brasileiro, por tecidos que não amassem.

Aliviando o aspecto mais comportado do estilo terno e gravata, as últimas coleções lançam tecidos de listras tenues, bem finas, o xadrez não muito marcante.

Na silhueta a moda elegeu o gênero Deauville 1930 como referência e por isso as golas estão mais estreitas. Os bolsos são aplicados, ombros natu-



Costume xadrez amarelo e azul (1.380 cruzeiros), etiqueta Pierre Cardin da Casa José Silva. O cinto Cristian Dior (198 cruzeiros) é da mesma loja.

rais, calças retas (largura em torno de 30 cm). Nos paletos, dois botões.

**Tons alegres mas sem exagero**  
Para acompanhar ternos e costumes, camisas sociais de tergal popeline, cambraia, voil, mostrando transparências sutis, o xadrez, as listras bem finas, estampas figurativas delicadas, bordados singelos. O branco e cores suaves são básicas, sendo que os tons mais vivos, o amarelo, azul, vermelho permanecem em pequenos toques. Gravatas lisas ou com listras diagonais é a moda. Fantasia,

só bem delicada, já que o exagero não é considerado bom tom, especialmente no guarda roupa do executivo.



Terno de gabardine cor de mel da José Silva (1.650 cruzeiros) Gravata Christian Dior

### Onde comprar

**LOJAS GARBO**

Centro: Quintino Bocaiuva, 151; XV de Novembro, 25, 7 de Abril, 241; 24 de Maio, 263; Casper Libero, 22.  
Brás: Celso Garcia, 211.  
Penha: Penha de França, 324.  
Sto. André: Cel. Oliveira Lima, 254.  
Itaim: Joaquim Floriano, 65.  
Ipiranga: Com. Taylor, 421.  
Santana: Voluntários da Pátria, 1982.  
Pinheiros: Teodoro Sampaio, 2372.

São Bernardo: Marechal Deodoro, 1259.  
Santo Amaro: Capitão Tiago Luz, 62.

**CASAS JOSÉ SILVA**

Centro: São Bento, 51 com Libero Badaró, 144; Barão de Itapetininga, 78; Brig. Luis Antonio, 289.  
Cerqueira César: Augusta, 2333.  
Jardins: Shopping Center Iguatemi; Pinheiros: Teodoro Sampaio, 2666. Brás: Rangel Pestana, 1316. Tatuapé: Antonio de Barros, 279.

ONDA

• Para quem quer viver em pleno asfalto, a volta à natureza, a linha Sweet Earth recém lançada pela Coty. São três tipos de essências – patchouli oil, jasmine oil e sandalwood oil – a Cr\$ 22,50 o frasco.

• Para quem defende o estilo "roupa profissional", (das jeans ao macacão do aviador) capas de lona impermeável caqui (tamanhos 44 a 54), usadas geralmente por trabalhadores de rua, das prefeituras.

Tem bolsos chapados e abotoados, chapéu tipo capuz. Custam Cr\$ 104,00 na A. Moreno e Cia Ltda (Av. São João, 1899).

Nesta mesma loja modelos de tecido emborrachado cinza ou bege e forro madras. Tamanhos 44 a 46 por Cr\$ 83,00.

• Para surfistas, short bermuda impermeável. O tecido é o mesmo das capas de chuva italianas. São listradas na barra e fecham na cintura, em estilo pijama. A etiqueta é Taylor e custa na Elite Family's Fashion (r. Augusta, 2381) Cr\$ 81,00.

• Para as mulheres que desprezam tecidos sintéticos na roupa íntima, tanga ou biquini de pura malha de algodão da Naju de Blumenau. Laranja, bege e amarelo as cores deste novo lançamento. Custa Cr\$ 10,00 (o preço é o mesmo nos dois modelos), na Sears.

DICAS

## Especial para motoqueiros

Para os dias de vento e garoa, a dica é a máscara de malha de algodão, especial para motoqueiros.

Custa Cr\$ 40,00 na Faster (av. Brigadeiro Luis Antonio, 5008) e existe em ocre, amarelo e vermelho. Desta mesma loja, – especializada em acessórios para automóvel e equipamento para motociclistas – o óculos de acrílico, barreira contra ciscos, verde garrafa. (Cr\$ 130,00) e as luvas de couro (Cr\$ 200,00)



## Para as férias na praia

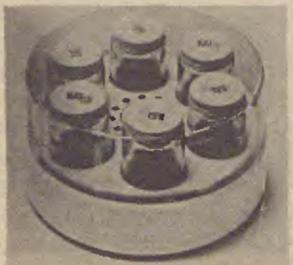
De palha, feitos no Mato Grosso, estes chinelos não prometem durar muito, mas aguentam bem, as férias na praia. Macios – a sola é apenas palha trançada – protegem os pés contra as desagradáveis manchas de óleo, espalhadas na areia de nossas praias. Podem ser encontrados nos tamanhos 33 a 44, por 22 cruzeiros no Magazine Souvenir (av. Paulista, 2073, lj 4)



**DICAS**

**Para escorrer macarrão ou estourar pipocas**

Agora já existe um jeito de cozinhar e escorrer macarrão no mesmo recipiente. Panela Bologna com escorredor conjugado. Nela, se pode ainda cozinhar legumes e batatas, escorrendo a água sem derramar ou queimar as mãos. Estourar pipocas sem respingar e vendo os grãos é outra opção. Um produto da Alfema (Cr\$ 79,00).



**Yogurte natural ou com frutas, feito em casa.**

Utilizando leite comum, ou leite em pó (ou ambos misturados), é possível obter, em menos de um dia, yogurte com o mesmo sabor do produto comercial, puro ou misturado com frutas, segundo o folheto de instruções, que acompanha este novo eletrodoméstico — o **Yogurt Maker**, da Neoform. Está em oferta na **Sears**, por 179 cruzeiros. Compõe-se de câmara de aquecimento elétrico, tampa acrílica transparente, seis frascos com tampa, termômetro, registro de tempo. Acompanha um certificado de garantia de um ano. Segundo os cálculos da Neoform, o yogurte doméstico representa uma economia de 80% sobre o produto pronto, a venda nos supermercados.



**Como renovar móveis em sua casa**

Aquelas antigas mesas de cozinha, de pernas retas, gavetinha sob o tampo, e que algum dia foram pintadas de cores vivas, ganharão um novo charme com a madeira crua. Isto é, sem o esmalte, apenas uma camada de cera. Para remover a tinta (ou verniz) existem produtos específicos nas lojas de material de construção. Estes removedores (também pode-se usar soda cáustica ou amoníaco) devem ser aplicados no móvel com uma trincha. Depois de dez minutos basta raspar as superfícies com espátula. Se necessário, repetir a operação e em seguida lixar.

Se for amoníaco ou soda cáustica é preciso remover com água e escova quinze minutos após a aplicação.

**Fazendo caridade, você leva vantagem.**



De discos à movéis

Das rumbas de Xavier Cugat, passando pelas baladas dos **The Platters** até o concerto nº 3 opus 37 de Beethoven, com a Filarmônica de Londres — (tudo em 78 rpm) — pode ser encontrado numa das seções do **Samburá** (r. França Pinto, 783, Vila Mariana). Bazar de tudo, ele funciona anexo ao Lar Escola São Francisco e em benefício dessa instituição.

Todos os objetos são doados, e depois de uma triagem, os selecionados são colocados à venda por preços muito baixos. Um guarda-roupa, por exemplo, pode custar de 100 a 200 cruzeiros; um porta-chapéus, 100 cruzeiros, uma poltrona estofada, 80 cruzeiros, e assim por diante. Quase todas as peças necessitam reparos que podem ser executados nas oficinas de pintura, carpintaria, tapeçaria, vimearia artes gráficas e encadernação onde trabalham os internados do Lar Escola São Francisco. Os serviços de recuperação dos móveis são de nível profissional e custam muito barato. Assim, um guarda-roupa comprado por 100 cruzeiros terá um acréscimo de 30 ou 40 cruzeiros serviços de carpinteiro e 30 ou 40 de serviços de pintura, ficando depois de pronto por 160 ou 180 cruzeiros, preço muito inferior a qualquer armário de 3ª categoria comprado em outras lojas de imóveis usados. Uma poltrona de 60 cruzeiros, depois de recuperada, fica numa média de 400 cruzeiros (200 de mão de obra e o preço da fazenda que é fornecida pelo comprador).

No **Samburá**, além de móveis de todos os tipos e discos, cestos, roupas para adultos e crianças, chapéus (uma coleção antiga de modelos que a nostalgia reviveu), sapatos (desde modelos de salto carretel até mocassins), bolsas



Oficina de Consertos no Samburá

aparelhos de uso doméstico como ferros elétricos, máquinas de costura, fogões, geladeiras, televisores, utensílios de cozinha, louça, óculos, livros, brinquedos e toda uma série de quinquilharias kitsch num bric-à-brac colorido e engraçado.

Lá, com um pouco de sorte, é possível encontrar preciosidades como um exemplar da Enciclopédia Britânica por 500 cruzeiros e "Nugats de Cugat", rumba-guaracha de e com Xavier Cugat e grande orquestra por 2 cruzeiros. Outras curiosidades: "Corazon a Corazon", bolero com Gregório Barrios; "La Mer", com Charles Trenet; canções francesas de Lucienne Boyer; "Perdido de Amor", de Luiz Bonfá, com Dick Farney; e como folclore, duas marchinhas de Colé e Carmen Costa, "O Bode tá solto" e "Cachaça". Claro que o estado dos discos deixa a desejar e seria muito arriscado tocá-los num incrementado equipamento de som.

Mas, valem como raridades, já que muitos são cópias originais das primeiras matrizes utilizadas pelas gravadoras.

Outro lugar onde se pode achar móveis e toda sorte de



Madeira entalhada, portas de cristal

objetos desse tipo é o **Bazar das Pechinchas** mantido pelo Hospital do Cancer (r. Professor Antonio Prudente, 211, Vila Mariana). Lá, por 200, 250 cruzeiros, pode-se encontrar um guarda-roupa de solteiro em ótimo estado. De casal por 400, 500 cruzeiros. Mesas de madeira, prontas para serem usadas, desde 100 até 200 cruzeiros. Cadeiras dos tipos mais variados, 15, 20, até 50 cruzeiros. Camas de solteiro por 70, 80 cruzeiros.

De casal, de 150 a 300 cruzeiros. Um conjunto estofado de sofá e duas poltronas, pode ser comprado por 300 a 800 cruzeiros.

O forte do **Bazar das Pechinchas** são móveis. Outros objetos aparecem mas é mais difícil de acontecer. Outra diferença entre este bazar e o **Samburá**, é que no das **Pechinchas**, os móveis não necessitam reformas, estão em bom estado e não sofrem acréscimo no preço de compra. Lá também há um sistema de carreto próprio para transportar as peças vendidas para qualquer ponto da cidade; o preço é combinado na hora.

Comprar móveis ou objetos usados, pode ser mais do que um bom negócio; pode ser a rara oportunidade de adquirir antiguidades que dariam prestígio até para museus. Normalmente à venda em antiquários, são encontrados muitas vezes, em empoeiradas lojas de segunda mão, entre móveis de mau gosto ou em prateleiras desorganizadas.

Um dos pontos de concentração deste ramo atualmente muito concorrido, é a av. São João-Pça Marechal Deodoro; sendo que do nº 1603 até a praça, seis lojas pertencem a um mesmo grupo, o **Lixão**. Seu primeiro endereço, a Casa Primavera, tem apenas três anos e meio de funcionamento, o suficiente, porém,



Escrivaniinha estilo americano

para montar um esquema de trabalho onde os clientes podem encomendar suas antiguidades. Naturalmente na ampliação do negócio, os oito sócios do **Lixão** se obrigaram a trabalhar às vezes com avaliadores profissionais. Por exemplo, na avaliação de um dormitório estilo D. João V atualmente à venda na S. João 2039/43,

**Endereços onde o lixo tem estilo**



No **Lixão**, objetos e móveis usados e antigos

e que consiste em mesa de centro, duas cadeiras, penteadeira e banqueta, cama de casal, dois criados mudos, guarda roupa com cinco divisões, tudo em jacarandá entalhado à mão. Seu preço de acordo com um profissional que trabalha também para o Museu Histórico Nacional é de Cr\$ 110 milhões.

Outra raridade à venda naquele endereço é a máquina de costura Singer num móvel de pinho de riga entalhado, do início do século. A máquina embutida, se arma sozinha: basta apertar um botão. Custa Cr\$ 2.000,00, preço inferior, segundo um dos sócios da loja, aos apresentados nos antiquários localizados na região dos Jardins.

Além destas raridades, os **Lixões** trabalham com móveis apenas antigos como as cantoneiras para apoiar vasos, objetos como relógios, castiçais máquinas registradoras National. Um dos móveis mais procurados no momento é a **escrivaniinha americana** (1950), com

tampa ripada. De embuia, dependendo do tamanho, custa de Cr\$ 600,00 a Cr\$ 1.000,00. Os preços são sempre à vista, não havendo sistema de parcelamento.

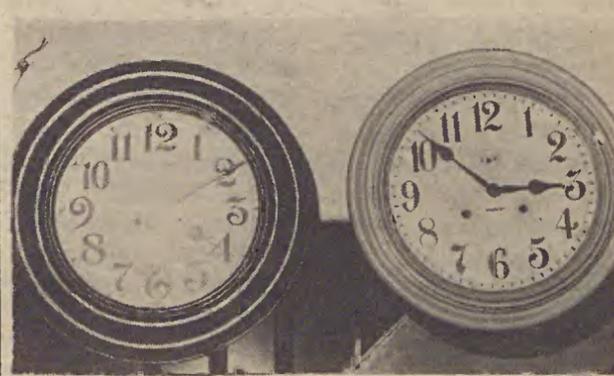
Entre as lojas de móveis usados, a **Casa Dom Sebastião** (r. Amaral Gurgel, 473) é outra de destaque. Móveis estofados estilo 1930 aparecem com frequência naquele endereço.



Cadeiras giratórias, mais usadas que antigas

**Mais charme, menos poeira.**

Rádios antigos funcionando muito bem, máquinas registradoras que tilintam de verdade, um telefone do início do século, relógios redondos de parede, vasos de porcelana, porta-chapéus e mesas, louças e **bibelots** de estilos os mais variados, plumas e patês de todas as cores, um par de sapatos dourados de salto carretel no estilo Marilyn Monroe, roupas e acessórios incrementados, uma coleção de bolsas esportivas em lona e palha, sandálias em jeans, um chapéu de explorador, até uma pia vitoriana no valor de Cr\$ 30.000,00, tudo isso disposto com muito gosto num desarranjo proposital e nenhuma poeira num sobradinho charmoso da Haddock Lobo, 1396, quase esquina da alameda Lorena, o **Kitsch Bazar**. Uma coleção de bijuteria antiga e moderna com braceletes de tartaruga trabalhada, cana da Índia e acrílico-purpúrina fazendo companhia a incríveis broches muito **kitsch** (lagartixas, um leque, uma cesta de flores, e até um camafeu com a fotografia da Shirley Temple).



Relógios de parede

**A FAZENDA HOTEL FONTE SONIA APRESENTA SUAS NOVAS INSTALAÇÕES**

Piscina com deck, cavalos para as crianças brincarem, lagos para pesca, cascatas, bosques e jardins na melhor estância climática do Estado de São Paulo.

**PREÇO PARA CASAL CR\$ 200,00 TUDO INCLUIDO**

Apartamento com café da manhã, almoço, chá e jantar, saboreando os quitutes da fazenda.

Fazenda Hotel Fonte Sonia Valinhos - Fone: 2300



Reservas com antecedência pelos fones: 35-9505 e 33-2903.

**CATÁLOGO**

Esta coluna é um serviço para você recortar e guardar. Toda semana, uma lista de telefones úteis, que você pode necessitar numa emergência.

**SAÚDE**

• **CORAÇÃO**

81-8882

**Pronto Socorro de Cardiologia de São Paulo** - Atendimento para problemas cardíacos a qualquer hora do dia ou da noite. Até 22h, a consulta custa Cr\$ 250,00. (Avenida Brigadeiro Luís Antonio, 4966)

• **OXIGÊNIO**

93-9663

**Pronto Socorro do Brás** - Atendimento para qualquer tipo de problema de saúde. Fornecimento de oxigênio a domicílio: Cr\$ 300,00 o tambor para 10 dias. (Avenida Rangel Pestana, 2250).

• **CRIANÇAS**

256-6909

**Pronto Socorro Infantil Angélica** - Especializado em atender crianças, 24 horas por dia, inclusive sábados, domingos e feriados. A consulta custa Cr\$ 200,00. (Avenida Angélica, 2510)

• **FARMÁCIAS**

675555

**Farmácia Droga Avenida** - Não fecha nunca. Aplicações de injeções a domicílio: o preço varia conforme a distância. No raio de um quilômetro a partir da farmácia, Cr\$ 25,00. (Avenida São João, 1573)

**EMERGÊNCIA**

• **JUIZADO**

34-4116

**Juizado de Menores** - Informações sobre crianças desaparecidas. Tudo que se refira a menores de idade: por exemplo, como fazer para que uma criança possa viajar de ônibus ou de avião desacompanhada.

• **RÁDIO PATRULHA**

227-3333

O número de telefone da **Rádio Patrulha** (24 horas por dia) pode ser utilizado não só para problemas policiais, mas também para qualquer tipo de socorro urgente, como acidentes ou remoção urgente de doentes.

**CONFORTO**

• **TEATROS**

32-0236

**Casa do Espectador** - Informações sobre todas as peças em cartaz na cidade. Também venda de ingressos para as peças de teatro, shows e espetáculos. (Rua Sete de Abril, 127 - Loja 1)

**CUCA**

• **PAP**

240-0606

**Pronto Atendimento Psiquiátrico** - Serviço do Instituto de Psiquiatria Comunitária. Psiquiatras de plantão indicam a melhor solução para cada caso. Se necessário, providenciam a internação do paciente.

• **CVV**

33-2050

**Centro de Valorização da Vida** - Basicamente socorre as pessoas em momentos de crise emocional. Atendimento 24 horas por dia, com funcionários aptos a impedir, pelo telefone, suicídios de pessoas desesperadas.

**Dance rock a noite toda, na boate de uma bailarina.**

Enquanto os conjuntos de rock - rock da pesada, rock mesmo - se revezam no palco, a platéia pode dançar à vontade. Uma boate como essa realmente faltava em São Paulo. O pessoal jovem, que se liga no som do rock, conta com uma relativamente extensa programação de concertos em teatros e auditórios. Mas uma boate, onde dançar, encontrar os amigos, varar a madrugada - isso realmente a cidade não tinha.

Pois a falha foi sanada. Uma bailarina (Marilene Silva), um compositor (Read) e um cantor (Billy Bond) juntaram seus esforços. Arranjaram mais dois sócios e, no local onde era a antiga Hullabaloo (Avenida Santo Amaro, 624), abriram, há menos de um mês, uma nova casa, a Be-Bop-A-Lula. O sistema da Be-Bop-A-Lula é a cobrança de ingresso na porta: Cr\$ 20,00, com direito a um drinque. Lá dentro, total descontração, o mais absoluto informalismo: pode-se escolher uma mesa, ou sentar na grande arquibancada com vista para a pista de dança. Esta está sempre repleta. Os conjuntos se revezam no palco - para esta semana, estão programados o "Humahuaca" (atenção para o baixo de Willy Verdagner), o conjunto de Tony Osana, o "Sindicato" e o "Som Nosso". Nos intervalos, música de fita.

A Be-Bop-A-Lula abre todos os dias a partir das 10 da noite. As noites mais animadas, evidentemente, são as de sexta e sábado, quando a função invade a madrugada. Segunda e terça-feira são as "Noites da Canja", com a apresentação de outros conjuntos convidados. Todas as noites, os drinques adicionais custam Cr\$ 20,00 (quando servidos na mesa) ou Cr\$ 15,00 (quando pedidos no balcão). Sábados e domingos, a partir das 15h, matinês com apresentação de vários conjuntos. Nas matinês, ingressos de Cr\$ 20,00, sem direito a drinques.

A boate esta fazendo grande sucesso entre o pessoal que curte a boemia da cidade. Dançar no Be-Bop-A-Lula é o programa mais óbvio para depois do jantar no Gigetto ou no Piolim.



Rock no palco. E na platéia.

**As feiras da cidade, opção para seu fim-de-semana.**

Curtir as feiras típicas da cidade é um excelente programa que São Paulo sugere para os fins de semana. A Feira de Arte e Artesanato da Praça da República é, de longe, a mais famosa e conhecida. Mas você sabia que, assim que termina a feira na República, o pessoal todo se transfere para o Parque do Ibirapuera, montando nova feira, que fica aberta até de noite? Uma novidade é a Feira de Artesanato Indígena, no bairro de Santo Amaro, onde você encontra uma ampla exposição de objetos confeccionados por índios de várias tribos brasileiras. E uma promoção da FUNAI e os objetos estão à venda, por preços bem razoáveis. Outra feira realmente típica é a Feira Japonesa, na Praça da Liberdade, bem no coração do Chinatown paulista.

**FEIRA JAPONESA** - Praça da Liberdade - Aos domingos, começa a funcionar a partir das 13 horas. Um cenário tipicamente japonês, com as barracquinhas coloridas decoradas com motivos orientais, flores, bandeirolas, lanternas. As pessoas que servem nas barracas também estão vestidas à maneira japonesa, com seus elegantes quimonos. Há um verdadeiro festival de comidas típicas, com um destaque muito especial para a caipirinha feita com saquê. São vendidos também objetos orientais e a feira costuma ir até a

noite. Termina este programa com uma refeição a moda oriental, num dos muitos restaurantes típicos - japoneses ou chineses - existentes no bairro.

**Feira de Artesanato Indígena** - (Rua Conde de Itú, 390, Santo Amaro) - Participam desta feira 17 tribos indígenas e os trabalhos são fornecidos pela Fundação Nacional do Índio - FUNAI, numa promoção do Centro Técnico de Turismo. As tribos são: xerente, waiká, karajá, atroairi-waimiri, bororó, heckaryana, guajajara, urubu, pakaa-nova, nambiwará, kaiapós, kadiweu, baniwa wawanetere, tikuna e canela. Entre os trabalhos apresentados, destacam-se os colares e ossos, as redes, os objetos típicos, as flautas, além de cerâmica variada. Os preços variam de Cr\$ 15,00 a Cr\$ 600,00. Essa feira funciona de terça a sexta feira das 14 às 18 horas. Sábados e domingos, das 10 às 18 horas.



Caipirinha de saquê.

**OS TRUQUES**

Esta página vai ensinar a você o que chamamos de "truques". Por exemplo: o que fazer quando se necessita urgentemente de um carro para ir a qualquer lugar e não se pode encontrar nenhum táxi? Serviços de emergência como desentupimentos de pias, problemas mecânicos em seu carro a altas horas da madrugada também são dicas que você deve aprender para saber como viver em São Paulo. Com muito jeito, naturalmente.

**Sua pia entupiu. É agora?**

**Assistência Encanamentos Barbosa** - (Al Santos, 453 - tel 288-6517) - Fica aberto de segunda à sexta, das 8 às 20 horas e está equipado para atender qualquer problema ligado ao ramo de encanamento. Além disso, faz serviços de manutenção e novas instalações. O preço da visita varia entre Cr\$ 50,00 e Cr\$ 80,00, fora o material.

**Nada de táxis? Chame o Galaxie.**

Uma dica para quando você necessita de carro para ir a algum lugar e não consegue táxi: telefone para o Hotel Eldorado (portaria, fone: 256-8833). Lá eles colocam você em contacto com motoristas que vão lhe buscar a domicílio. Esse serviço, um galaxie de luxo, custa Cr\$ 70,00 por hora.

**O carro quebrou de madrugada?**

**Stop-Car** - (Rua da Consolação, 1196) - Atende 24 horas por dia para uma eventual troca de peças ou problemas mecânicos. Trabalham com 2 tipos de baterias: Vulcania, que custa Cr\$ 450,00; e Prestolite, Cr\$ 480,00. Pode pagar com cheque.

**CIDADE DE GRAÇA**

• **LIVRO**



Para preencher seu tempo livre, nada melhor do que visitar uma biblioteca:

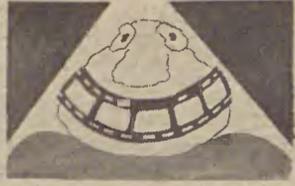
**Biblioteca Municipal "Mário de Andrade"** - rua da Consolação, 94. Possui 850 mil obras e funciona das 8 às 24 horas, inclusive sábados, domingos e feriados. Salas de belas artes, raridades e mapoteca.

**Biblioteca do Tatuapé** - Av. Celso Garcia, 4200. Dezenove mil obras. Horário: segunda a sexta, das 8 às 22; sábado e domingo, das 9 às 18.

• **TEATRO**

**Teatro Popular do SESI** - É um grupo teatral que já se tornou tradição na cidade, com suas montagens dirigidas ao grande público. A peça atualmente em cartaz é um clássico brasileiro, "Leonor de Mendonça", de Gonçalves Dias. A direção é de Osmar Rodrigues Cruz e no elenco estão Cláudio Corrêa e Castro e Nize Silva entre outros. A temporada está no seu último mês. Os espetáculos são apresentados de terça a sábado às 21 horas e domingo, uma sessão às 18 e outra às 21 horas. O Teatro do SESI tem outra peça em cartaz viajando pelo interior de São Paulo. A peça é "A Mosqueta", do autor italiano Angelo Beoco. O ingresso é sempre grátis. Teatro Brasileiro de Comédia (R. Major Diogo, 315; fone: 36-4408).

• **FILME**



Com a finalidade de divulgar noções de arte contemporânea, estão sendo exibidos filmes (entrada franca) que mostram os principais movimentos artísticos desde o impressionismo até os dias de hoje. Na quinta-feira, dia 4 de dezembro, às 18h30 na Biblioteca "Mário de Andrade", (Pça Dom José Gaspar) será apresentado: "Le Autre Regard". O filme focaliza a influência das artes negras sobre a pintura fauvista e cubista. O realizador é P. Brunet.

• **DISCO**

Na Rua Catão, 611, Lapa, fica a **Divisão de Discoteca e Biblioteca de Música da Prefeitura**. A Divisão tem 30,000 discos, e está aberta de segunda à sexta feira, das 11 às 23 horas.

Lá você pode ouvir músicas de todos os gêneros. Na sala, três modernos aparelhos estereofônicos tocam desde Beethoven até Carlem Miranda. Você pode gravar em fita dentro do tempo permitido na cabine: 2 horas.

Os discos são escolhidos por título, intérprete ou autor. Depois é só preencher uma ficha e entrar na cabine. A Divisão tem dois telefones 262-0078 e 262-0079 que informam desde o autor e ano de qualquer música, até qual o melhor ônibus para se chegar à Discoteca.

**FUGA DA ROTINA**

**O roteiro do "snooker" em S. Paulo.**

Aproveitar as horas livres para fazer exercício: eis aí a palavra de ordem para quem quer manter em dia sua forma física. Pois uma das maneiras mais divertidas de conseguir isso é seguir uma antiga receita, que nunca conseguiu perder a popularidade: jogar "snooker" - isto é, sinuca para usar a gíria desses "atletas" da mesa verde. A palavra "atleta", aliás, não é de todo desapropriada: em 30 minutos, um jogador de "snooker" caminha aproximadamente uma distância equivalente a 1.600 metros.

**TATI SNOOKER** - R. Cel. José Eusébio, 157; fone: 256-2866 - O endereço mais sofisticado: desde a entrada, decoração como se fosse uma boate. No salão, poltronas confortáveis para quem observa o jogo ou espera uma mesa vagar. O preço das mesas é de Cr\$ 50,00 por hora. Cerveja, Cr\$ 7,00; uísque nacional, Cr\$ 15,00; importado, Cr\$ 35,00. Sanduíches, Cr\$ 15,00 e Cr\$ 18,00. No fundo do salão, a "Suite", com música de fita para quem quiser dançar. Aberto diariamente a partir das 11 da manhã. Aceita cheques e todos cartões de crédito.

**BILHARES TACO DE OURO** - Praça da Sé, esquina de R. Barão de Paranapiacaba - A casa mais antiga de S. Paulo, fundada em 1926 por Januário Pirillo, um profundo conhecedor de "snooker". Ademar de Barros, Porfírio da Paz e Vicente Feola foram alguns dos frequentadores mais famosos. A mesa custa Cr\$ 15,00 por hora. Cerveja, Cr\$ 4,00; uísque nacional, Cr\$ 10,00. O sanduíche Churrasco Taco de Ouro custa Cr\$ 6,00. Aberto diariamente. Lá pode-se também jogar gamão, jogo novamente em grande moda.

**BILHARES MARTINS** - Praça João Mendes, 39; fone: 33-9325 - Abre diariamente das 11 da manhã à 1 da madrugada. Sextas e sábados, até mais tarde. Mesas a Cr\$ 12,00 por hora. Cerveja, Cr\$ 4,50; uísque nacional, Cr\$ 9,00; sanduíches, Cr\$ 6,00.

**BILHAR BANDEIRANTE** - Praça João Mendes, 158 - Aberto 24 horas por dia. Além de "snooker" (mesa, Cr\$ 12,00 por hora), também xadrez (Cr\$ 3,60 por hora), damas ou dominó (Cr\$ 4,80, por hora). Cerveja, Cr\$ 3,80. A casa dispõe também de serviços de barbeiro e engraxate.



Sinuca: uma tradição.

IGNÁCIO DE LOYOLA BRANDÃO

WALTER NEGRÃO



## Aquela pedra tira-se com implosão

Ele não foi à Praça da Sé e por isso tinha esperado ansioso a implosão. Sabia que não seria igual à outra, em impacto, grandiosidade. Mas era excitante, de qualquer modo, aguardar que a pedra desmoronasse sobre si, transformando-se num monte de poeira. Justamente a pedra que era o pesadelo de dezoito casas da vila. Ela ficava, imponente, é verdade, mas ameaçadora, na meia altura do morro que fazia fundo ao conjunto. Como um iceberg cinza se projetando de uma onda gigantesca. Quando chovia forte, era comum as pessoas deixarem as casas para se refugiar nos vizinhos e parentes. Sempre à espera do pior.

O técnico, com um capacete azul, desses usados em construção civil, fazia furos, colocava bananas de dinamite, media, fazia novos furos. Afastava-se, parecia calcular a distância, voltava a trabalhar, suado, agitado. Mário, escriturário classe C da Prefeitura, 38 anos, dois filhos, os dois ali ao seu lado, aguardava. Aquilo se assemelhava ao dia da libertação. Finalmente ia desfrutar da casa, sem pensar que estava sempre a ponto de perdê-la. Quando comprou, vinte salários de entrada (uma parte emprestada por agiotas), mais quinze anos pelo BNH, a pedra não estava lá. Apareceu depois, quando a construtora, gananciosa, cavou em volta do morro, a fim de abrir lugar para mais uma rua, outra ala de casas. Os tratores cavaram perigosamente por baixo dela, houve reclamações na prefeitura, mas a distância entre o Ibirapuera e aqueles fundos da Brasília equipara-se a uma viagem até a lua - ida e volta.

Os meninos, excitados. Também tinham visto pela televisão, no "Fantástico", o edifício se romper e ruir, numa nuvem de poeira. Não tivessem reprisado a cena, Mário teria perdido. Estava na cozinha preparando um Nescafé, quando os meninos gritaram: olha o prédio, pai. E agora, a implosão seria ao seu lado, nos fundos de sua casa. Deviam ter colocado um cordão de isolamento, chamado a televisão. Cobrado ingressos. A renda serviria para uma Brahma ou para pagar o serviço de implosão.

Foi o vizinho quem achou o técnico. Numa conversa de jogo de palito. O homem tinha sido auxiliar dos americanos, na Praça da Sé. Colocara, pessoalmente, com um dos filhos do velho, as bananas de dinamite na estrutura do prédio.

Falou da planta, medições, cuidado que devia ter. Falou muito, e bem. Impressionou pelo arrazoado. Aí, o vizinho contou da pedra ameaçadora que não deixava ninguém dormir. Mais perigosa que prestações vencidas na Caixa Econômica. A princípio, o homem quieto. Dois dias depois, ele apareceu. Queria ver a pedra. Viu, rodeou mediou com o olho. Pareceu pensar, refletir. Desapareceu. Voltou, uma semana depois. "Por quinhentos cruzeiros, mais o custo da dinamite, tiro essa pedra daí. Com implosão. Sem perigo para ninguém". O vizinho acertou o negócio.

Evacuadas as casas, o povo na rua, a distância, o homem comprimiu o detonador. Segundos depois, olhando o que acontecia, Mário teve a sensação.

No entanto, foi diferente. Ele percebera o que aquele edifício da Praça da Sé teria sentido, se tivesse carne, pele, músculos, sistema nervoso, coração. Não foi no momento exato em que a pedra voou, com um barulho surdo. E o ar se deslocou com violência, e as casas se destelharam, e o povo gritou apavorado. Foi bem depois que aqueles pedaços gigantes de pedra cinza se depositaram sobre sua casa, esmagando-a como uma geléia de mocotó que se comprime com um dedo, que Mário percebeu. Num instante, não havia casa, móveis, roupas, brinquedos dos meninos, papéis, vasos, quadros. Nada. Tudo que era sua vida, desde recibos de imposto a notas fiscais, bulas de remédios, receitas dos médicos, recortes de jornais, garrafas de cerveja, camas, cadeiras, tudo, não era mais. Sua vida, pronta a ser recomeçada.

Restavam apenas as prestações do BNH, Caixa, os impostos. Nenhum seguro, nada de garantias. O vizinho pagar? Tinha menos que ele. A quem recorrer? Ninguém. A frente de Mário, um vazio. Tão grande como o buraco do morro, onde a pedra estava encravada.

E foi como se o corpo de Mário tivesse recebido as cargas sucessivas de dinamite. Estourando ritmadamente em sua cabeça, orelhas, nariz, pescoço, debaixo do braço, cotovelo, cintura, sob as pernas, joelhos, na planta dos pés. Ele se desmoronando inteiro, partido. Irremediavelmente transformado num monte de destroços que caiu sobre o colchão de terra, preparado para receber entulho.

## OS OSSOS DA VOVÓ

De segunda a sexta, na oficina de costura da rua São Caetano ninguém era capaz de falar isto da Santa. Bordadeira de mão cheia. Pegava um vestido de noiva de manhã cedinho, quando era de tarde podia vestir o manequim e botar na vitrina, prontinho. Ganhava por hora, nem precisava correr com o serviço, mas não gostava de enganar o patrão. Honestidade, com ela mesma.

Mas no sábado, no cortiço da Caetano Pinto, ah, no sábado! Santa até levantava mais cedo, pra ter mais tempo. Alí pelas nove e meia já deixava uma garrafa de Tatuinho vazia em cima do fogão de duas bocas apagado e saía, cambaleando, cercando frango pelo corredor do cortiço. Quando Angelo, o irmão, pulava da cama no outrolado do tabique de eucatex que servia pra transformar o unico cômodo em sala, quarto, copa e cozinha, sentia o cheiro. E pelo cheiro forte do álcool nem tinha dúvida: Santa e Biriba, o vira-lata oficial do cortiço já deviam estar longe.

Num boteco qualquer do Brás, do Belenzinho ou até da Móoca, porque Santa nunca bebia duas talagadas no mesmo bar. Andava, de um pra outro, de outro pra mais outro e de mais outro pra um mais além. Teve uma vez que ela foi parar no Tatuapé, de cana em cana, de bar em bar, levando Biriba a reboque. Então era a mesma coisa: quando Santa caía, o cachorro voltava pro cortiço. Ele sempre voltava. E latia na porta do cômodo. E Angelo saía a reboque do cachorro, guiado por ele, para encontrar Santa - a irmã querida e solteirona - caída, suja, um trapo à beira de qualquer poste de qualquer rua do Brás, Belenzinho, Móoca e agora no Tatuapé.

Na volta pra casa, o mesmo sermão. A mesma promessa de Santa:

- Não bebo mais. Vou falar com sinceridade pra você, mano, não bebo mais. Mentira. Ela bebia sempre. Esquecer o Franco, de que jeito se não fosse bebendo. Enquanto era pobre, ela servia. Pra espremer no muro, a carne fresca de Santa servia enquanto Franco também morava no cortiço. Agora, bem de vida, dono de ferro velho, ele tinha outros decotes mais perfumados pra enfiar a mão. Tinha carnes mais firmes pra pegar e bocas com todos os dentes pra beijar.

- Não bebo mais, mana.

- Não bebo.

- Então jura.

- Eu juro. Pela alma da avó.

Pela alma da avó Santa nunca tinha jurado. Essa foi a esperança de Angelo. A lembrança da avó - além da tristeza por Franco - era a única coisa importante para Santa. E para ele. Foram criados pela velha. Ela tinha trazido os dois da Itália ainda meninos, emigrando no meio da guerra. Os vizinhos também acreditaram:

- Fica firme, Angelo. Se ela jurou pela alma da velha, não bebe mais.

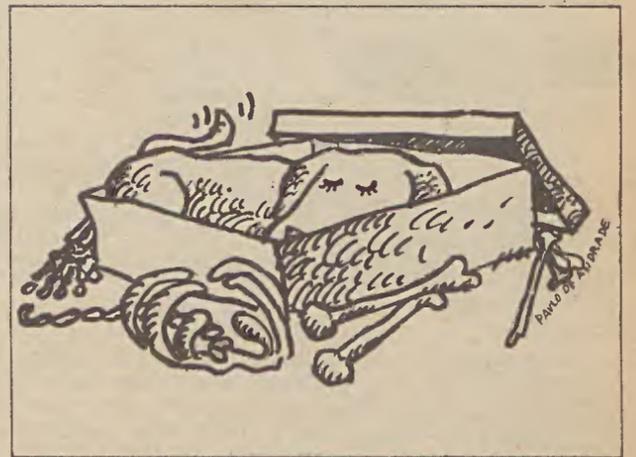
Chegou o sábado seguinte. Animado com a promessa, o juramento de Santa, Angelo se virou como pôde, juntou as economias, pediu o vale na metalúrgica e comprou o terreno. Há dez anos os dois sonhavam com aquele terreno. Angelo conseguiu. Escolheu um ótimo, numa bela quadra do Cemitério de Vila Formosa. Chegou em casa abafado, apressado, na sexta de noite:

- Santinha, nem te conto! Comprei o terreno pra botar os ossos da nona!

- Madona! Verdade?

- Verdade. Amanhã cedo retiro os ossos dela do muro do Araçá e vamos os dois juntos pra Vila Formosa enterrar a coitada no perpétuo.

- Perpétuo? Você comprou terreno perpétuo pra ela?



- Perpétuo pra toda vida. Ninguém, mais mexe nos ossos da nona. E com tempo, quando receber o décimo terceiro, mando levantar um túmulo. Um túmulo, não. Uma capela, que a nona merece. Uma bela duma capela!

Santa ficou feliz. Novamente jurou. Não bebia mais. O dia seguinte chegou. Sábado. Angelo quis que fosse junto retirar os ossos no Araçá. Santa não foi. Esperava ele ali e dali tocavam pro Cemitério da Vila Formosa. Enterrar os ossos da nona. Deixava tudo pronto, fazia uma sopa pra quando voltassem, com fome.

Ela até poderia cumprir sua promessa, se quando fosse pro açougue não tivesse cruzado com Franco. Bonito, cheiroso de brilhantina, num terno risca de giz. Pra que Santa foi cruzar com Franco? Pra que Franco foi dizer que ela tinha engordado? O açougue ficou para trás. Biriba ainda latiu, mas Santa entrou no primeiro bar. E tomou a primeira talagada. Seis horas da tarde. Angelo perguntava de porta em porta. Cadê Santa?

- Ela saiu cedo pra ir no açougue.

Biriba não voltava. Santa não aparecia. Angelo desistiu. Guardou os ossos da nona num canto e esperou. Oito e meia da noite resolveu procurar de novo. Saiu. No primeiro bar depois do açougue encontrou notícia de Santa.

- Ela tomou uma aqui, de manhã. E foi praquele lado.

De bar em bar, Angelo seguiu o rastro da mana querida. Já estava quase na Penha quando desistiu. Voltou. E teve a surpresa. Santa estava em casa. A sopa fumegando no fogão de duas bocas. Parecia ótima. Tinha até penteado o cabelo e pintado a boca.

Santa, você bebeu!

- Nada. Nadinha. Toma a sopa, Angelo.

- Esqueceu? A gente ia levar os ossos da nona pra Vila Formosa.

- Amanhã. É domingo. Saímos os dois, bem cedo.

Angelo acreditou que ela não tinha bebido. Por comodidade, porque sabia que tinha. Sentou e tomou a sopa. Levantou e foi dormir do outro lado do tabique de eucatex. Acordou cedo. Santa já estava de pé, com o café pronto. Parecia mais leve, mais alegre, aliviada. Angelo tomou seu café, levantou e foi pegar os ossos da nona. Tinha até combinado um táxi com o vizinho para levar na Vila Formosa os despojos da velha.

- Cadê os ossos da nona, Santa?

- Eu não vi osso nenhum.

- Madona! A sopa de ontem?!

- Joguei. Azedou. Precisa comprar uma geladeira, Angelo.

Angelo correu pro lixo do cortiço. Não dava mais tempo. Biriba estava acabando de se banquetear com os ossos da nona querida.

Jean Perrier

# HORÓSCOPO

Os astros indicam, mas não obrigam.

O mais perigoso para o Brasil será a conjunção Marte-MC, que pode ocasionar a morte de uma personalidade ou dificuldades políticas. Poderá haver tensão, também, nos meios religiosos. Mas as artes, o lar, as ciências e a Bolsa serão favorecidos. O tempo deverá ser bom. E todos devem tomar cuidado com desidratação

## CARNEIRO — 21/3 a 20/4

**Amor:** cuidado com novos encontros, com a gente talvez interessada.  
**Pessoal:** uma boa semana para modificar sua casa, se você quiser.  
**Saúde:** você deve ter uma vida regular, seguir uma boa dieta.

**Negócios:** se você tiver economias, aproveite a conjunção atual, para procurar colocá-las a juros vantajosos. Procure ser mais ativo no seu trabalho, porque a situação é favorável.  
**Números favoráveis:** 3, 7 e 9.

## TOURO — 21/4 a 20/5

**Amor:** os jovens devem tomar cuidado, evitando jogos no plano familiar.  
**Pessoal:** não gaste inutilmente as suas energias.  
**Saúde:** nada de grave, mas você deve vigiar a sua garganta.

**Negócios:** diretores ou industriais não devem iniciar empreendimentos originais. Esteja atento no seu trabalho, de modo a evitar as críticas. Assim, você vai sobrepujar com facilidade os problemas.  
**Números favoráveis:** 1, 4 e 10.

## GÊMEOS — 21/5 a 21/6

**Amor:** um pouco de cuidado será bom, pois um namoro é só um namoro.  
**Pessoal:** esta semana, seu lar deve ser toda a sua preocupação.  
**Saúde:** seu nervosismo excessivo deve ser tratado. Tome vitamina "C".

**Negócios:** se você tiver dificuldades, contatos com pessoas influentes o ajudarão a conduzir bem os seus negócios. Se você está com vontade de mudar de emprego, a conjuntura é benéfica.  
**Números favoráveis:** 2, 11 e 13

## CÂNCER — 22/6 a 22/7

**Amor:** as influências são boas. Mas aumente seu "sex-appeal".  
**Pessoal:** Mostre ter boa vontade, que você há de ser recompensado.  
**Saúde:** cuidado com seu estômago. Vigie a sua alimentação.

**Negócios:** não assuma nenhum risco financeiro. Todas as especulações, no decorrer desta semana, poderão lhe trazer mais aborrecimentos do que satisfações. Com Urânio, você terá boas idéias e elas o farão notado.  
**Números favoráveis:** 2, 4 e 6.

## LEÃO — 23/7 a 22/8

**Amor:** no decorrer desta semana, você passará da alegria para a tristeza.  
**Pessoal:** cuidado: não atraia a inimizade de certas pessoas.  
**Saúde:** cautela, pois Urânio pode lhe trazer sérios problemas de coração.

**Negócios:** os projetos ambiciosos, principalmente imobiliários, poderão ser bem sucedidos. No trabalho, cuidado com o orgulho, pois você pode responder mal, desrespeitando seus superiores e arranjando problemas.  
**Números favoráveis:** 1, 3 e 6.

## VIRGEM — 23/8 a 22/9

**Amor:** procure enxergar melhor, pois há uma pessoa que gosta de você.  
**Pessoal:** procure descobrir o motivo de seus pequenos aborrecimentos.  
**Saúde:** você nada deve temer, há apenas um pouco de nervosismo.

**Negócios:** seja menos distante com seus colaboradores. Acontecimentos imprevistos vão surgir e orientar sua situação profissional num outro caminho. Em casos de divergências, não hesite em impor os seus direitos.  
**Números favoráveis:** 4, 5 e 8.

## BALANÇA — 23/9 a 23/10

**Amor:** aventura no decorrer de uma reunião; mas não tenha ilusões.  
**Pessoal:** boa semana para por em dia sua correspondência e documentos.  
**Saúde:** pratique esporte e ioga, para se manter em forma.

**Negócios:** se você for comerciante ou tiver um comércio de luxo ou uma galeria de arte, os negócios serão excelentes. Tudo irá bem no plano profissional, se uma pessoa não o prejudicar; mas isso pode ser evitado.  
**Números favoráveis:** 7, 4 e 17.

## ESCORPIÃO — 24/10 a 21/11

**Amor:** Vênus o protege. Ele lhe dará a graça para você seduzir alguém.  
**Pessoal:** sua família precisa de você. Seja mais atento.  
**Saúde:** cuidado, pois haverá problemas ginecológicos esta semana.

**Negócios:** com mais diplomacia e tato, você, diretor de empresa, terá a possibilidade de ver seus mais caros desejos se realizarem. No setor profissional, você deve se impor ou até mesmo mudar de emprego.  
**Números favoráveis:** 4, 9 e 11.

## SAGITÁRIO — 22/11 a 21/12

**Amor:** altere sua rotina. Você tem chances de ter um feliz encontro.  
**Pessoal:** cuidado para não falar de suas novas idéias.  
**Saúde:** ao menor sintoma, consulte um médico: risco de ciática.

**Negócios:** Não faltam idéias sedutoras para melhorar a sua situação. Se a sorte o favorecer, os empreendimentos serão bem sucedidos. Esta é uma ótima semana para pedir um aumento de salários ou promoção.  
**Números favoráveis:** 4, 5 e 15.

## CAPRICÓRNIO — 22/12 a 20/1

**Amor:** a partir do dia 7, você há de ser favorecido por Vênus. Aproveite.  
**Pessoal:** cuidado com uma pessoa amiga que quer prejudicá-lo.  
**Saúde:** o reumatismo poderá atacá-lo; mas não é grave.

**Negócios:** evite todas as transações imobiliárias importantes. Não há nenhum recebimento financeiro em vista, o que vai obrigá-lo a pedir um crédito. Haverá aborrecimentos com seus chefes ou com seus colaboradores.  
**Números favoráveis:** 7, 9 e 14.

## AQUÁRIO — 21/1 a 18/2

**Amor:** se você é casado, cuidado com as tentações e com as amantes.  
**Pessoal:** não se deixe vencer pelos acontecimentos. Aceite conselhos.  
**Saúde:** nada a temer; mas Urânio pode trazer indisposições indefinidas.

**Negócios:** aproveite as boas influências do atual período para "assentar" sua situação, aumentar seus negócios ou estender suas atividades. No trabalho, se você for empregado, deve ficar afastado de tudo.  
**Números favoráveis:** 2, 5 e 9.

## PEIXES — 19/2 a 20/3

**Amor:** boas influências. O sucesso vai recompensar suas tentativas.  
**Pessoal:** você deve tomar uma decisão para as mudanças em casa.  
**Saúde:** haverá indisposições indefinidas. Procure um médico.

**Negócios:** se você tiver um assunto importante a resolver, saiba que esta semana é benéfica para assinar contratos, bem como fazer sociedade. Com a ajuda de amigos, você pode obter um lugar interessante.  
**Números favoráveis:** 3, 6 e 10.

### LOTERIA ESPORTIVA: UM PALPITE ASTRAL

Jogo 1: coluna 1. Jogo 2: coluna 1. Jogo 3: coluna 2. Jogo 4: empate. Jogo 5: coluna 1. Jogo 6: empate. Jogo 7: coluna 2. Jogo 8: coluna 1. Jogo 9: empate. Jogo 10: coluna 2. Jogo 11: coluna 2. Jogo 12: coluna 1. Jogo 13: empate.

O palpite é simples e pode ser completado com duplos ou triplos.

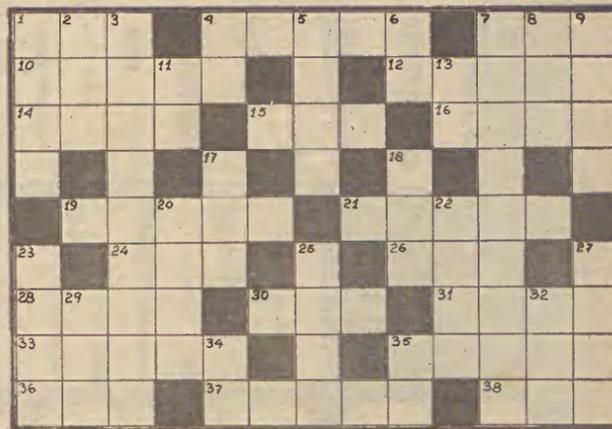
## PALAVRAS CRUZADAS

Horizontais:

- Satélite natural da Terra.
- Indígena.
- Genitor.
- Concordar, aceder.
- Gasto, velho.
- Promessa solene, juramento.
- Terra preparada para plantio.
- Casualidade.
- Dinheiro (gíria).
- O mesmo que trans.
- Saudação romana.
- Grande afeição, sentimento profundo.
- Benefício, virtude.
- Diante de.
- Embarcação sem cobertura, de proa aguçada.
- Espécie de mesa destinada a cerimônias religiosas.
- Medida agrária.
- Desenho impresso a cores.
- Saudação popular.

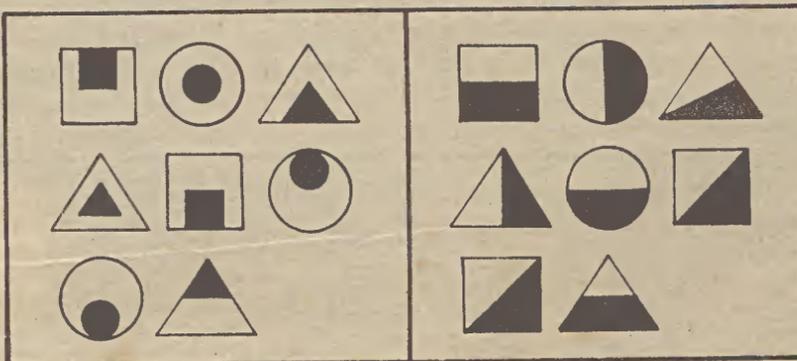
Verticais:

- Rocha em fusão, expelida pelos vulcões.
- Unido, coeso.
- Natural do país em que habita e descendente de raças que ali sempre habitaram.
- Partir.
- Máxima, sentença.
- Conjunção alternativa.
- Enfeite, ornamento.
- Sufixo grego, indica descendência.
- Canoa estreita e muito rápida usada em competições aquáticas.
- Um dos satélites de Júpiter.
- Sobrenome.



- Membro empenado das aves.
- Berne.
- Lama, lodo.
- Garantia, fiança.
- Espécie de padiola.
- Rua estreita e curta, às vezes sem saída.
- Simple, sem mistura.
- Parte do oceano.
- Igual ou semelhante.
- Antes de Cristo.
- Para o.

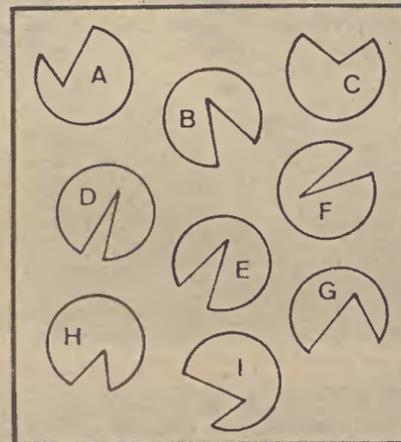
Jogo 1 — Qual a figura que falta obrigatoriamente na terceira linha de cada um destes conjuntos para completar as séries?



Jogo 2 — Partindo de "A", chegue até "B" seguindo o caminho no labirinto.



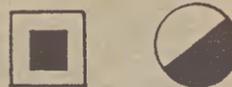
Jogo 3 — Quais as duas formas iguais deste conjunto?



### Soluções

#### Palavras Cruzadas

Jogo 1:



**Horizontais:** LUA — ÍNDIO — PAI — ANUIR — USADO — VOTO — ATO — ARAL — ACASO — ARAME — TRA — AVE — AMOR — BEM — ANTE — CANOA — ALTAR — ARE — CROMO — OLÁ.  
**Verticais:** LAVA — UNO — AUTOC-TONE — IR — DITO — OU — PARAMENTO — ADA — IOLE — IO — SÁ — ASA — URA — ARRO — AVAL — MACA — BECO — MERA — MAR — TAL — AC — AO.

Jogo 3 — Resposta: A e I

# TEATRO POLEMICO, NOVO CAMINHO DO SUCESSO

A agitação começou nos bastidores, saiu para as ruas, ganhou as páginas dos jornais, provocou uma grande polêmica com milhares de palavras a favor e contra, mas quem acabou lucrando bastante coisa com isso foi o nosso teatro. Esse conjunto de debates e de opiniões, juntamente com as trocas de desaforos, resultou em inúmeros benefícios. O nosso teatro está voltando a ser agitado? Sim, para o bem dele; no mínimo, houve um sinal de vitalidade.

Ninguém esperava, quando a peça "Os Executivos" ganhou um prêmio do Serviço Nacional de Teatro, que fosse haver tanta polêmica. Mauro Chaves, o autor, atravessou um pouco os limites do realismo, ao retratar esse tipo social que conhecia muito intimamente. Mas, apesar de premiada pelo SNT, a peça de Mauro Chaves era um pouco

confusa. Foi por isso que Beatriz Segall, produtora e atriz da peça, chamou Silney Siqueira para a direção.

Silney hesitou um pouco, achava que seria trabalho demais para ele. Mas acabou se animando. Depois de um corta daqui, ajeita ali, a peça foi ensaiada e apresentada à censura. Esta, naturalmente, fez mais uma porção de cortes, partindo do princípio de que um Executivo fala menos palavras na vida real de que falava na peça (quando a grande verdade é que fala muito mais). Mas tudo foi conciliado e a peça estreou.

Aí, começaram as críticas — e o primeiro a apresentar restrições foi o crítico Sábato Magaldi, professor da Escola

de Arte Dramática e secretário municipal de Cultura. Mauro não gostou, foi ficando com raiva e avisou que ia responder; e um dia reuniu o elenco da peça e reagiu, através de uma carta publicada num vespertino da Capital. O crítico Sábato Magaldi não gostou e replicou, apontando uma porção de falhas na peça. Em outro jornal, o diretor e ator Renato Borghi e a atriz Ester Goes investiram contra Sábato Magaldi.

Quem saiu ganhando com todas essas divergências? Foi, em primeiro lugar, a peça "Os Executivos", que desde então passou a ser apresentada a platéias interessadas e curiosas, atraídas pela agitação. E, em segundo lugar, o nosso teatro, que ganhou um incentivo bastante forte.



**AQUI**  
SÃO PAULO



Num ponto, a polêmica criada em torno de "Os Executivos" trouxe benefícios: a peça tem sido encenada com teatro lotado.

